



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Museu Municipal de Portimão: instituição cultural
ao serviço da comunidade. Relatório de Estágio.**

Ana Rita Santos Mateus

Orientação: Professor Doutor João Brigola

**Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e
Cultural**

Relatório de Estágio

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Museu Municipal de Portimão: instituição cultural
ao serviço da comunidade. Relatório de Estágio.**

Ana Rita Santos Mateus

Orientação: Professor Doutor João Brigola

**Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e
Cultural**

Relatório de Estágio

Évora, 2018

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não seria possível sem o apoio e colaboração de várias pessoas, que me acompanharam ao longo de toda esta etapa e que, de alguma forma, contribuíram para a sua realização:

Ao professor e orientador João Brigola, pela disponibilidade, sugestões, conselhos e correções dadas ao longo de todo o processo de escrita deste projeto, mas também pelos seminários que lecionou ao longo do mestrado e que muito contribuíram para a minha aprendizagem no mundo da museologia e do património cultural;

Ao diretor científico do museu de Portimão e coordenador do estágio, José Gameiro, pela simpatia que demonstrou quando o abordei para a realização do estágio na instituição algarvia e por toda a colaboração e auxílio prestado ao longo de todo este processo;

A toda a equipa do museu de Portimão pela simpatia e compreensão demonstrada. Um agradecimento especial à Ana Ramos, ao Pedro Branco e ao Rui Nicolau, colegas com quem partilhei a maior parte dos dias no museu e muito do trabalho realizado;

Ao Centro de Documentação e Arquivo Histórico do museu de Portimão, particularmente na pessoa da Gisela Gameiro, por toda a colaboração que sempre me deu quando foi necessário recorrer ao arquivo;

À minha família, em especial à minha mãe, que mesmo sem compreender o meu objetivo de querer continuar a estudar, nunca deixou de me apoiar;

Ao meu namorado, José, por acreditar em mim e nas minhas capacidades, pelo apoio moral e incentivo à realização dos meus sonhos e pela compreensão das ausências causadas pela realização deste trabalho.

RESUMO

O Museu de Portimão está instalado numa antiga fábrica de conservas e é considerado um dos espaços culturais de referência do concelho, pela diversidade de atividades que oferece à comunidade, com o objetivo de a colocar em contacto com o património histórico e cultural local. É por isso mesmo, uma instituição ao serviço da sua comunidade. As exposições que apresenta pautam pelo humanismo e são o reflexo da evolução daquele território e dos povos que, durante séculos, se foram fixando e deixando os seus testemunhos de ocupação, mas também dos saberes e práticas que foram sendo passadas de geração em geração e ainda hoje se mantêm vivas na memória de muita gente.

Este relatório de estágio acompanhou o processo de preparação e montagem de uma exposição temporária sobre a ligação da população aos aspetos da terra e do mar, que assinalou o décimo aniversário da instituição. A população teve grande importância na sua realização, nomeadamente pelos conhecimentos e informações transmitidas durante o processo de pesquisa. Mas o sucesso de uma exposição está dependente de um variado conjunto de atividades, como a investigação, a recolha de objetos e consequente catalogação e preparação de determinados elementos essenciais à composição dos núcleos expositivos, como este trabalho procura demonstrar.

Palavras – Chave: Museu de Portimão, comunidade, território, exposição temporária.

Municipal Museum of Portimão: cultural institution at the service of the community. Internship Report.

ABSTRACT

The Museum of Portimão is installed in an old cannery and is considered one of the cultural centers of reference in the municipality, the diversity of activities that it offers to the community, with the goal of putting in contact with the historic heritage and local cultural. That's why an institution in the service of your community. The exhibitions features guide by humanism and are a reflection of the evolution of that territory and the people who, for centuries, if were attaching and leaving their testimonies of occupation, but also of knowledge and practices that were being passed down from generation to generation and still today remains alive in the memory of many people.

This internship report followed the process of preparation and assembly of a temporary exhibition on the link of the general public to aspects of land and sea, which marked the tenth anniversary of the institution. The population was of great importance in your implementation, notably by knowledge and information transmitted during the research process. But the success of an exhibition is dependent on a diverse set of activities such as research, collecting and cataloguing objects and preparation of certain essential elements to the composition of the exhibition centers, as this work looking for show.

Keywords: Museum of Portimão, community, territory, temporary exhibition.

ÍNDICE

Índice de tabelas	viii
Índice de figuras.....	viii
Índice de anexos.....	ix
Introdução.....	1

CAPÍTULO I – PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E MUSEOLOGIA. O MUSEU DE PORTIMÃO ENQUANTO INSTITUIÇÃO CULTURAL AO SERVIÇO DA COMUNIDADE..... 5

1. Património industrial na museologia portuguesa.....	5
2. Museu de Portimão: comissão instaladora e primeiros anos de trabalho	11
3. Uma nova fase: a obra enquanto estratégia de conservação preventiva	18
4. Programa Museológico e prática patrimonial	21
5. Um museu de portas abertas para a comunidade	31
5.1 - «Um dia na Pré-história»	34
5.2 – «A nossa cultura sai à rua».....	36
5.3 – Centro de Documentação e Arquivo Histórico	37
5.4 - Auditório	39

CAPÍTULO II – REDES MUSEOLÓGICAS: O CASO DA REDE DE MUSEUS DO ALGARVE

40

1. Conceito de rede e o seu alargamento à museologia – a Rede Portuguesa de Museus	40
2. Redes geográficas de museus.....	47
3. Rede de Museus do Algarve	50
3.1 - Realidade museológica do Algarve	50
4. Rede de Museus do Algarve: princípios, objetivos e coordenação	56

CAPÍTULO III – MUSEU DE PORTIMÃO: O ESTÁGIO	67
1. Análise às exposições realizadas nos últimos cinco anos.....	67
2. Acompanhamento do processo de conceção e montagem da exposição «Gentes da Terra e do Mar» - descrição das atividades desenvolvidas.....	80
3.1 – Investigação.....	82
2.2 – Saídas de Campo	89
2.3 – Atividades de preparação da exposição	93
3. Outras atividades.....	107
3.1 - Apresentação da página web «Algarve Imaterial»	107
3.2 - Reunião geral da RMA	108
3.3 - Participação no seminário «Lugares da Globalização» (Lagos) e seminários técnicos (Monchique).....	112
3.4 - Figurante na atividade «Um dia na Pré-história»	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	118
BIBLIOGRAFIA	121
ANEXOS	126

Índice de tabelas

Tabela 1 - Tipologia de espaços funcionais no Museu de Portimão	20
Tabela 2 - Percursos e núcleos da exposição permanente	26
Tabela 3 - Atividades da oficina educativa por faixa etária	30
Tabela 4 - Redes de museus	48
Tabela 5 - Membros da RMA (adesões 2007 - 2018)	62
Tabela 6 - Exposições temporárias realizadas entre 2013 e 2018	68

Índice de figuras

Figura 1 - Estatísticas de Cultura 2016 (tipologia de museus)	9
Figuras 2 e 3 - Edifício da antiga fábrica Feu, antes e depois da reabilitação.....	22
Figura 4 - Transportador e Guindaste.....	23
Figura 5 - Entrada do museu.....	23
Figuras 6 e 7 - Vista área da zona ribeirinha antes e depois da intervenção.....	24
Figura 8 - Exposição permanente, percurso1.....	27
Figura 9 - Exposição permanente, percurso 2.....	28
Figura 10 - Exposição permanente, percurso 3.....	28
Figura 11 - Membros da Rede de Museus do Algarve.....	63
Figura 12 - Exposição «Creio. Arte Sacra do Algarve»	71
Figura 13 - Exposição «O Mediterrâneo aqui tão perto»	73
Figura 14 - Exposição «António Marreiros, barbearia, poesia e fotografia»	74
Figura 15 - Exposição «1915, o Algarve aqui tão perto».....	76
Figura 16 - Exposição «Todos somos Portimão».....	78
Figura 17 - Exposição «Bombeiros de Portimão. Uma força civil, 90 anos ao serviço da comunidade».....	79
Figura 18 - Pesquisa nas atas de vereação da CMP.....	83
Figura 19 - Pesquisa no jornal «Comércio de Portimão».....	83
Figura 20 - Pesquisa em microfilme.....	84
Figura 21 - Taxas de terrado.....	85

Figura 22 - Mercado de Portimão. Carrinhas e caixas reconhecidas por Ilídio Guerreiro	86
Figura 23 - Entrevista a Dona Lurdes no mercado municipal	87
Figura 24 - Pesquisa bibliográfica	89
Figura 25 - Visita à Quinta dos Avós	91
Figura 26 - Recolha de milho na localidade da Figueira	92
Figura 27 - Compra de leguminosas no mercado municipal	93
Figura 28 - Preenchimento do guião da exposição	95
Figura 29 - Atribuição do número provisório e preenchimento de placas identificatórias	96
Figura 30 - Aplicação das placas identificatórias	96
Figura 31 - Aspeto da sala de reservas com objetos em condições de serem expostos..	97
Figura 32 - Transcrição de entrevistas	99
Figura 33 - Reprodução de silhueta de animal para placa de madeira	100
Figura 34 - Transporte das peças para a sala de exposições (1.º piso)	102
Figuras 35 a 45 - Exposição «Gentes da Terra e do Mar»	104
Figura 46 - Mercado de Portimão	106
Figura 47 - Foto de grupo no dia de aniversário do museu	106
Figura 48 - Apresentação da página «Algarve Imaterial»	108
Figura 49 - Quarta Jornada Técnica realizada em Monchique	116
Figura 50 - Figurante «Um dia na Pré-História»	117

Índice de anexos

ANEXO 1 - Museus de Indústria Conserveira em Portugal e na Europa	127
ANEXO 2 – Indústria Conserveira em Portimão	129
ANEXO 3 – Primeiros anos de trabalho da Comissão Instaladora do Museu de Portimão (Localização e exposições)	133
ANEXO 3 B – Intenções de transferir museu para mercado de frutas e hortaliças, na Alameda da República	140
ANEXO 4 – Compra da fábrica Feu (Imprensa)	142

ANEXO 5 - Primeiras exposições na Fábrica Feu	143
ANEXO 6 – Obras de adaptação	146
ANEXO 7 – Programa Museológico	147
ANEXO 8 – Prémios nacionais e internacionais (Recortes de Imprensa)	150
ANEXO 9 – Atividade «Um dia na Pré-História»	152
ANEXO 10 – Atividade «A nossa cultura sai à rua»	153
ANEXO 11 – Centro de documentação e Arquivo Histórico e Auditório	154
ANEXO 12 – Guião da exposição temporária «Gentes da Terra e do Mar»	156
ANEXO 13 – Citações de entrevistas selecionadas para eventual inclusão na exposição	199
ANEXO 14 – Notícia Sul Informação sobre apresentação da página web «Algarve Imaterial»	202

Lista de abreviaturas

CIMP – Comissão Instaladora do Museu de Portimão

RMA – Rede de Museus do Algarve

RPM – Rede Portuguesa de Museus

INE – Instituto Nacional de Estatísticas

APOM – Associação Portuguesa de Museologia

DRCAlg – Direção Regional de Cultura do Algarve

GAMP – Grupo de Amigos do Museu de Portimão

CDAH – Centro de Documentação e Arquivo Histórico

OAC – Observatório das Atividades Culturais

ICOM – Conselho Internacional de Museus

IPPC - Instituto Português do Património Cultural

IPM – Instituto Português de Museus

EPRPM - Estrutura de Projeto da Rede Portuguesa de Museu

IMC – Instituto dos Museus e da Conservação

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

RMBA - Rede de Museus do Baixo Alentejo

RTA – Região de Turismo do Algarve

AMAL – Comunidade Intermunicipal do Algarve

CCDR – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional

PCI – Património Cultural Imaterial

CMP – Câmara Municipal de Portimão

Introdução

O presente Relatório de Estágio foi realizado no âmbito do 2º Ciclo de estudos em Gestão e Valorização do Património Histórico-Cultural e tem como objetivo a apresentação e a descrição do trabalho desenvolvido ao longo do estágio curricular realizado no Museu de Portimão, entre 1 de março e 30 de maio de 2018.

A opção pelo estágio, em detrimento da dissertação, prende-se com o facto de considerar que o contacto com a realidade de determinada instituição é mais benéfico para a minha formação académica e profissional, no sentido em que a componente prática permite adquirir métodos e ferramentas de trabalho e desenvolver competências numa área de estudo tão dinâmica e abrangente como o património cultural. Este trabalho incide no campo da museologia, que além de interesses pessoais, também se relaciona com a vontade futura de vir a exercer funções profissionais neste âmbito, pelo que a realização de um estágio em museus seria uma vantagem e daria conhecimento sobre o seu funcionamento, funções e contributos para a preservação do património.

O museu de Portimão surgiu como a primeira escolha para a realização deste estágio curricular, não apenas por questões geográficas de proximidade com a minha área de residência, mas principalmente pelo relacionamento de há vários anos com esta instituição. Foi sensivelmente a partir do 12.º ano de escolaridade, enquanto membro do Clube de História e Património Local da Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes, que se deu a minha aproximação a este museu e respetivo centro de documentação, inicialmente para a pesquisa de documentos ou informações úteis para a realização de trabalhos deste pequeno grupo, mas depois para visitar as mostras que iam estando disponíveis. Foram sobretudo estas últimas que começaram a despertar em mim uma certa curiosidade e interesse nestas temáticas do património e museologia, incentivando novas visitas ao espaço com alguma regularidade. O facto de a maioria das exposições serem apresentadas com grande realidade, mostrarem objetos verdadeiros que, em muitos casos, fazem com que nos sintamos no espaço que representam, fora, talvez, o principal motivo pela minha admiração nos primeiros anos. A própria exposição permanente sempre me deixou bastante perplexa, nomeadamente pelos manequins que aparecem a ilustrar as várias fases do processo de fabrico das conservas, como o descabeço ou o enlatamento, e isso, em conjunto com as fotografias e objetos expostos, fazia (e faz) com que eu saísse da mostra a imaginar toda aquela azáfama da atividade conserveira e como seria aquela parte da cidade, que hoje está totalmente diferente. Dada a área de estudos e o gosto pela

área, é frequente visitar outros espaços museológicos e, de facto, têm sido poucos os locais onde me sinto verdadeiramente dentro da exposição, como acontece em Portimão.

Para além disto, as outras razões que pesaram na escolha do museu de Portimão para a realização do estágio, prendem-se com o seu reconhecimento nacional e internacional, que se reflete em vários prémios de museologia atribuídos pelas mais diversas entidades a atuar nesse setor, mas também pela equipa profissional e pluridisciplinar que o compõe e que, desde o início, tem contribuído para o reforço da função social do museu. O contacto com estes profissionais e a consequente troca de conhecimentos e partilha de experiências seria, assim, uma mais valia para quem ambiciona iniciar uma atividade profissional nesta área.

O referido estágio curricular acompanhou o processo de conceção, preparação e montagem de uma exposição temporária, que é uma das componentes do museu que, pessoalmente, me agrada mais, pelo que neste projeto vão ser descritas todas as atividades desenvolvidas ao longo de três meses de trabalho, mas também mostrar o trabalho desenvolvido pelo museu de Portimão, enquanto instituição cultural ao serviço da comunidade, seja nas exposições que promove, seja nas iniciativas que disponibiliza ao seu público e na relação que tem com esse.

Todavia, antes de iniciar o estágio e colaborar com a equipa do museu, houve a necessidade de aprofundar conhecimentos relativamente à instituição, pelo que se destaca a pesquisa bibliográfica que foi feita, numa primeira fase, no sentido de ficar a conhecer a história, funções, características e práticas patrimoniais do museu em causa. Para a concretização deste propósito, foram essenciais os dois seminários do primeiro semestre do segundo ano letivo – Investigação e Enquadramento Científico – nos quais, a pedido do respetivo docente, foram realizados alguns trabalhos sobre o estabelecimento onde o estágio se iria realizar, que abriram caminho a esta proximidade.

Assim, esta primeira pesquisa incidiu sobretudo em artigos produzidos pelo diretor do museu para várias revistas de museologia, como a «Museal», editada pelo Museu Municipal de Faro ou a «Museologia.pt», da responsabilidade do extinto Instituto dos Museus e da Conservação. Estes documentos deram informações concretas relativamente ao programa museológico e obras de adaptação a museu, aos quais se acrescentam diversos recortes de imprensa, principalmente local e regional, com notícias sobre os primeiros anos de trabalho, inauguração e atividades desenvolvidas, os quais estão disponíveis no centro de documentação do museu para pesquisa pública. Tendo em conta que o museu de Portimão ocupa parte de uma antiga fábrica de conservas, durante esta

etapa foi necessário contextualizar o património industrial com a museologia e o respetivo espaço em estudo, pelo que importa referir outros documentos e autores mais genéricos que abordam estas temáticas. Para além das Cartas e Recomendações Internacionais, que são sempre obrigatórias neste tipo de trabalhos, destacam-se os nomes de Jorge Custódio, José Amado Mendes e Ana Cardoso de Matos, com trabalhos que abordam o desenvolvimento do património industrial e o surgimento dos primeiros museus a ele dedicados, particularmente em Portugal.

Uma nova fase de pesquisa realizou-se já no período de estágio e deu acesso a novos documentos e informações, mais concretamente relativas à história do museu. Foram consultados vários textos de trabalho desenvolvidos pela comissão instaladora que deu origem ao museu, desde os antecedentes e históricos da sua formação, aos relatórios dos primeiros anos de trabalho e reuniões, passando ainda pelo programa museológico de 1998, designado para o edifício da antiga conserveira Feu Hermanos.

A Rede de Museus do Algarve foi outro tema definido para incluir neste trabalho, uma vez que o museu de Portimão foi uma das primeiras instituições da região a impulsionar a sua formação e desenvolvimento. Para a análise deste assunto, foi essencial a tese de mestrado «Rede de Museus do Algarve: funcionamento e potencialidades», da autoria de Isabel Soares, - que é também a chefe de divisão do museu, - que oferece uma completa visão sobre a realidade museológica e principais dificuldades que os museus algarvios atravessavam até à constituição deste organismo, em 2007, e que desde então procura promover a cooperação entre espaços para o bom desempenho da museologia no sul do país.

Durante o estágio houve a preocupação em elaborar uma espécie de diário de campo, onde no final de cada dia, eram registadas as atividades desenvolvidas e, caso se aplicasse, o balanço de cada uma delas, de forma a facilitar o entendimento do trabalho. Sempre que foi possível, foram tiradas fotografias para comprovar o trabalho feito no estágio e reforçar este projeto.

Este relatório divide-se em três capítulos, sendo os dois primeiros de cariz mais teórico. Assim sendo, o primeiro aborda a história da instituição, que começou a desenvolver-se no início da década de 80, por iniciativa de uma comissão instaladora que, em instalações temporárias e distribuídas por vários pontos da cidade, levou a cabo um importante trabalho de valorização e preservação do património arqueológico e industrial do concelho, onde se destacam as primeiras exposições e atividades de contacto com o público. A compra da antiga fábrica Feu Hermanos, já no final do século XX, por parte da

edilidade abriu caminho a uma nova fase do museu de Portimão, que passou a concentrar toda a sua atividade num único edifício, recuperado em concordância com a utilização anterior, mas adaptado à nova função e com respeito pelos antecedentes arquitetónicos. Este capítulo faz ainda referência aos quatro aspetos tidos em conta na elaboração do programa museológico, mas também à forma como o museu trabalha em prol do desenvolvimento local, pelo facto de reconhecer a importância do território onde está inserido e respetiva comunidade, promovendo, ao longo do ano, diversas atividades culturais e educativas disponíveis a todos.

O segundo capítulo consiste numa resenha sobre as redes de museus, neste caso, da Rede Portuguesa de Museus e Rede de Museus do Algarve, que são dois dos organismos dos quais o museu de Portimão faz parte. Antes de mais, este ponto procura perceber o que é a rede e como essa é hoje uma realidade da sociedade contemporânea. Alargada à cultura, a rede estendeu-se à museologia e, atualmente, é uma importante ferramenta de trabalho de muitos museus portugueses, que deixaram de olhar exclusivamente para o seu próprio espaço e passaram a partilhar ideias e experiências em prol do desenvolvimento local e regional. Em 2000, a Rede Portuguesa de Museus iniciou um processo de articulação entre entidades de índole museológico, impulsionando a criação de outros organismos que atuam com o mesmo sentimento que aquele, mas de âmbito territorial e menos exigente que o nacional. No Algarve, os museus estavam de costas voltadas uns para os outros e seu território e muitos nem possuíam as melhores condições de preservação do seu património ou acolhimento de público. A RMA é o exemplo de uma rede regional de museus, que veio colmatar estes e outros problemas que os museus algarvios atravessavam, promovendo a colaboração e a partilha de recursos entre todas as instituições do Algarve, com o objetivo de melhorar as práticas museológicas da região.

Finalmente, o terceiro capítulo constitui o reflexo das atividades levadas a cabo no museu de Portimão durante o estágio curricular, que pela sua diversidade e complexidade vão estar apresentadas em três etapas distintas: Investigação, Saídas de Campo e Atividades de preparação da exposição. Refira-se ainda um último ponto neste capítulo, que se prende com a descrição de outras atividades, cuja participação está relacionada com discussões e reflexões em torno do património cultural.

CAPÍTULO I – PATRIMÓNIO INDUSTRIAL E MUSEOLOGIA. O MUSEU DE PORTIMÃO ENQUANTO INSTITUIÇÃO CULTURAL AO SERVIÇO DA COMUNIDADE.

1. Património industrial na museologia portuguesa

Os museus assumem-se cada vez mais como um imprescindível meio no que diz respeito à salvaguarda do património e à manutenção das memórias e identidades. Porém, o alargamento do conceito de património cultural trouxe novas representações sociais e hoje já não falamos apenas nos museus de carácter global e generalistas, assentes nas temáticas de outrora - arte e arqueologia, - pois, nos dias que correm, encontramos espaços mais especializados e dedicados à ciência e tecnologia, à agricultura e vida rural, ao artesanato e à pesca, aos transportes e aviação, entre outros.

Embora mais recente, o património industrial é cada vez mais uma realidade, tendo em conta que transporta consigo informações de grande relevância, não só para a história da tecnologia e da indústria, mas também para a história do próprio homem e da sociedade. As grandes transformações tecnológicas e sociais que se verificaram no final do século XIX e início do seguinte, e sobretudo após a II Guerra Mundial, deixaram à vista um património diversificado, mas com pouco valor para muitos, sendo mesmo considerado um estorvo a novas realizações e estruturas mais lucrativas e modernas. De facto, todo o património datado de períodos cronológicos mais próximos e com «*um cunho marcadamente funcional e menos prestigiante, tem uma menor aceitação, a não ser que constitua um exemplar arquitetónico excepcional*»¹, pelo que a preocupação de proteger e estudar o património industrial é bastante recente, com génese em Inglaterra na década de 50 do século XX. Por outro lado, muitos curiosos reconheceram desde logo um certo valor arquitetónico a estes edifícios, desejando vê-los recuperados e reconvertidos a novos fins (como museus, por exemplo) e defenderam a introdução de uma nova disciplina e ramo do saber, que viria, pouco depois, a ser internacionalmente reconhecida como *arqueologia industrial*, que consiste no estudo das transformações técnicas e dos materiais relativos à industrialização. Recorde-se que foi por iniciativa de Sousa Viterbo que a expressão surgiu pela primeira vez, em 1896, ao dar conta do elevado número de moinhos em Portugal e considerar que «*a vida material, a vida do trabalho,*

¹ Direção Geral do Património Cultural, «Património Industrial», disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial/> (visualizado a 12 de dezembro de 2017)

*anda intimamente ligada á vida psychologica, e uma e outra deveriam ser surpreendidas ao mesmo tempo no seu conjunto harmonioso».*² Antes disso, já a Academia Real das Ciências de Lisboa, fundada em 1779, desempenhava um papel importante na divulgação de novos conhecimentos científicos e técnicos, mediante a publicação de diversos periódicos e memórias, nas quais colaboraram uma série de estudiosos, como é o caso de António Lopes da Costa e Almeida, responsável pela edição de um volume teórico-prático dedicado à artilharia naval, já no século XIX. Todavia, estes antecedentes acabaram por não ser suficientes e o património industrial só viria a ganhar protagonismo a partir da segunda metade do século XX.

Segundo a Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial, editada pela Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial, reunida em Assembleia Geral no dia 17 de julho de 2003, naquela cidade russa, o património industrial consiste no conjunto de *«vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação».*³ Como facilmente se depreende, o património industrial está integrado, de pleno direito, no conceito atual de património cultural, pelo que não é discutível que todos lhe reconheçamos valor cultural patrimonial e, por isso, também ele é merecedor de inventariação, investigação, proteção legal, manutenção e conservação, como, aliás, defende o documento internacional acima referido: *«as razões que justificam a proteção do património industrial decorrem essencialmente do valor universal daquela característica, e não da singularidade de quaisquer sítios excecionais».*⁴ E acrescenta que *«o património industrial reveste um valor social como parte do registo de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário. Na história da indústria, da engenharia, da construção, o património industrial apresenta um valor científico e*

² Sousa Viterbo, «Archeologia industrial Portuguesa – os moinhos», in «O Archeologo Português», vol. II, agosto e setembro de 1896, n. °s 8 e 9, p. 194

³ Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial, Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial, 17 de julho de 2003

⁴ *Idem, ibidem*

*tecnológico, para além de poder também apresentar um valor estético, pela qualidade da sua arquitetura, do seu design ou da sua conceção».*⁵

Depois das primeiras tentativas em preservar as antigas máquinas, objetos e respetivos processos de fabrico no século XVIII⁶, foi somente após a revolução do 25 de Abril de 1974 que Portugal deu o salto no que toca ao reconhecimento da importância do património industrial, com a criação das primeiras associações de defesa e estudo deste património, que também trabalharam em prol da sensibilização de empresas e autarquias para a necessidade de salvaguardar estes testemunhos, impulsionando a criação de museus ou núcleos museológicos. Em simultâneo, vai verificar-se na grande maioria das cidades industrializadas, um acelerado processo de desindustrialização que obrigou a repensar o território e a planificar o tecido urbano de forma sustentável. Será, então, por ação das Câmaras Municipais que uma boa parte dos museus dedicados ao património industrial vai surgir, nomeadamente em concelhos com grande vertente industrial, nos quais serão reutilizadas antigas instalações fabris para dar corpo a novos projetos museológicos de índole municipal.

Neste âmbito, Ana Cardoso de Matos e Maria da Luz Sampaio⁷ dão como exemplos o Museu do Trabalho Michel Giacometti (Setúbal), Ecomuseu do Seixal, com vários núcleos dedicados ao património industrial e fluvial, Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês (Silves), entretanto já fechado ao público, Museu do Vidro (Marinha Grande), Museu da Pólvora Negra (Oeiras) e Museu da Mina de Aljustrel, todos a funcionar desde a década de 1990. Também de iniciativa autárquica, mas pertencentes a uma geração de museus mais recente (2000-2006), reconhecem-se o Museu da Cerâmica de Sacavém (2001), Museu do Papel de Paços Brandão (2001), Museu Nacional do Pão (Serra da Estrela, 2002), Museu da Chapelaria (São João da Madeira, 2005), e Museu de Portimão (2008), que apresenta uma coleção de máquinas e utensílios associados à indústria conserveira, cuja história e programa museológico abordarei no ponto seguinte. De referir que o movimento da Nova Museologia, nascido na década de 70 do século XX revelou

⁵ *Idem, ibidem*

⁶ As primeiras iniciativas relativas à criação de um museu da indústria em Portugal datam de 1807, quando o Estado encarregou a Câmara do Comércio de reunir uma coleção semelhante à que havia sido criada no final do século XVIII em França, que fosse constituída por livros, modelos e desenhos de máquinas e outros objetos para promover a indústria nacional. Uma vez que a conjuntura política de então não permitiu a criação da desejada coleção, esta vontade foi, anos mais tarde, replicada por Alexandre António Vandelli e também em 1836, no decorrer da reforma do ensino de Passos Manuel, por decreto de 18 de novembro desse ano, onde ficou estipulada a criação dos Conservatórios de Artes e Ofícios de Lisboa e Porto.

⁷ Ana Cardoso de Matos e Maria da Luz Sampaio, «Património Industrial e Museologia em Portugal», pp. 98-99

grande importância neste processo de valorização e musealização do património industrial, na medida em que «*contribuiu para a visão renovada que se passou a ter, não só na forma de musealizar (...) mas, também, no papel que estes museus assumem nas comunidades em que se inserem*»⁸, até porque constituem um novo modelo assente num «*museu de território em contacto estreito com os seus habitantes*».⁹

Apesar da memória industrial ter tido grande relevo para a história do Algarve, a maioria dos museus da região não apresenta coleções que incidam nesta temática. De acordo com os dados para o setor da cultura para o ano de 2016, emitido pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), estariam em funcionamento permanente na região 16 instituições¹⁰, mas o domínio das suas coleções apoiava-se sobretudo na etnografia e arqueologia, promovendo a reconstrução da memória e identidade local e a interpretação do território.¹¹ A inauguração do museu de Portimão, em 2008, veio colmatar uma lacuna com várias décadas dos museus algarvios, devido ao seu pioneiro e inovador trabalho de recolha, investigação e preservação do património industrial. Como veremos adiante, além de instalado numa antiga fábrica de conservas, o museu exhibe todo o processo de fabrico deste alimento e muitos dos seus elementos expositivos são originais da própria unidade fabril e respetivo quotidiano. No que diz respeito ao resto do país, o cenário não é muito diferente do que foi reportado para o Algarve. As estatísticas de cultura para 2016, que observaram 744 museus em Portugal continental e ilhas, discriminaram, segundo os seus critérios de seleção, um total de 684 instituições em atividade correspondentes a diferentes tipologias

Os números da figura 1 são claros quanto ao predomínio das temáticas das coleções incorporadas nos museus observados. A história da arte e a etnografia/antropologia são os temas dominantes dos museus nacionais, em detrimento da ciência e técnica que apenas está representada em 41 instituições, sendo que mesmo dentro desta categoria há um claro destaque para espaços especializados na energia (centrais hidroelétricas, museus da água, do carro elétrico, dos transportes urbanos ou da eletricidade), seguidos da indústria extrativa e transformadora, com alguns casos de musealização do património

⁸ *Idem, ibidem*, p. 99

⁹ *Idem, ibidem*

¹⁰ Instituto Nacional de Estatísticas, «Estatísticas da cultura 2016», disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=277093009&PUBLICACOESstema=00&PUBLICACOESmodo=2 (visualizado a 26/06/2018)

¹¹ Dália Paulo, «Os museus do Algarve: marcos da identidade regional», Associação dos Gestores Culturais do Algarve (AGECAL), (s.d.)

mineiro desativado e outros da indústria têxtil, instalada em antigas unidades fabris, outrora tão relevantes para a economia portuguesa.¹²

6.1.2 - Museus, segundo os critérios de seleção⁽¹⁾, por tipologia

2016 Unidade: N.º

Tipologia	Critério 1	Critério 2	Critério 3	Critério 4	Critério 5	Crítérios em conjunto
Total	684	617	483	533	529	405
Museus de Arte	133	127	101	108	114	84
Museus de Arqueologia	65	62	52	54	52	43
Museus de Ciências Naturais e de História Natural	14	13	11	10	11	8
Museus de Ciências e de Técnica	41	40	37	36	35	32
Museus de Etnografia e de Antropologia	135	110	68	87	88	56
Museus Especializados	97	87	63	75	69	51
Museus de História	73	69	57	63	61	49
Museus Mistos e Pluridisciplinares	84	78	69	72	71	60
Museus de Território	29	20	18	18	19	17
Outros Museus	13	11	7	10	9	5

(1) A definição dos critérios considerados é a seguinte:

Critério 1: museus que têm pelo menos uma sala de exposição

Critério 2: museus abertos ao público (permanente ou sazonal)

Critério 3: museus que têm pelo menos um conservador ou técnico superior (incluindo pessoal dirigente)

Critério 4: museus que têm orçamento (ótica mínima: conhecimento do total da despesa)

Critério 5: museus que têm inventário (ótica mínima: inventário sumário)

Fonte: INE - Inquérito aos Museus, 2016

Figura 1 - Estatísticas de Cultura 2016 (tipologia de museus)

Em 2012, José Amado Mendes registou mais de 80 museus dedicados ao património industrial, corroborando a superioridade dos temas supracitados, fazendo ainda referência a museus dedicados à olaria, cerâmica e porcelana, assim como à moagem, que começa a ganhar algum terreno no país, com vários projetos museológicos de referência que evocam uma atividade milenar, que foi sendo passada entre gerações.

Ora, os dados apresentados por este autor mostram claramente como a indústria conserveira não é ainda um ramo contemplado pela museologia em Portugal. Pese embora a importância do setor para o país e do tão elevado número de fábricas que existiu em tempos idos, a musealização desta realidade apenas está sediada em três pontos do país: Portimão, Setúbal e Murtosa (Aveiro). Considerado um «museu irmão» de Portimão, o Museu do Trabalho Michel Giacometti, igualmente instalado numa antiga fábrica de conservas (Perienes), nasceu para albergar a coleção etnográfica, reunida em 1975 por jovens alunos do Serviço Cívico Estudantil, no âmbito do plano de Trabalho e Cultura, sob a supervisão de um homem que depositou neste projeto todo o seu empenho – Michel

¹² José Amado Mendes, «Museus e Educação», pp. 247- 252

Giacometti. Integrado num antigo bairro de pescadores, salineiros e operárias conserveiras, o museu dedica-se principalmente ao património industrial e ofícios urbanos «*ligados ao comércio, serviços e às antigas fábricas de conserva e litografias sediadas no concelho de Setúbal, possuindo ainda uma coleção de alfaias agrícolas (Michel Giacometti) e de ofícios tradicionais. Apresenta as exposições permanentes «A Indústria Conserveira (Da lota à lata)», «Mundo Rural – coleção etnográfica Michel Giacometti e Gênese do Museu» e «Mercearia Liberdade - um património a salvar»*».¹³ Em homenagem ao etnomusicólogo, falecido em 1991, o museu adotou o seu nome e abriu ao público a 18 de maio de 1995. Recentemente foi alvo de uma profunda remodelação. Já no concelho de Murtosa, no distrito de Aveiro, destaca-se o Comur – Museu Municipal, antiga fábrica de conservas de enguias (Comur – Fábrica de Conservas da Murtosa) e hoje unidade museológica que permite conhecer a história da fábrica e da comunidade onde ela se insere, mostrando ao visitante o processo conserveiro e as suas fases, bem como expor as «*características específicas da Murtosa e da Ria que deram origem a esta unidade fabril, como trabalhavam os seus operários e qual o processo completo de produção de conservas desde a chegada do peixe até à expedição das conservas*».¹⁴ (Anexo 1).

A nível internacional, não tendo números e estatísticas semelhantes às apresentadas para Portugal, destaco dois museus europeus dedicados à indústria conserveira, o primeiro, resultante de pesquisas na internet e o segundo por sugestão do coordenador do estágio no museu de Portimão, José Gameiro.¹⁵ O Museu Anfanco da Indústria Conserveira, na cidade espanhola de Vigo, surgiu por iniciativa da Associação Nacional dos Fabricantes de Conservas de Peixe e Marisco (ANFANCO), que decidiu criar, por altura do seu centenário, em 2004, e com o objetivo de fomentar a promoção e divulgação do setor de transformação dos produtos do mar, um espaço que mostrasse os principais marcos históricos que caracterizaram o nascimento do trabalho conserveiro. Segundo a Câmara Municipal de Vigo, este museu «*dispõe de material museológico de grande valor histórico, através de cuja contemplação se pode realizar uma interessante viagem pela*

¹³ Museu do Trabalho Michel Giacometti, Direção Geral do Património Cultural, disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-do-trabalho-michel-giacometti/> (visualizado a 26/06/2018)

¹⁴ Câmara Municipal de Murtosa, «Comur – Museu Municipal», disponível em: http://www.cm-murtosa.pt/output_efile.aspx?id_file=16493&id_object=7575 (visualizado a 26/06/2018)

¹⁵ José Gameiro é diretor científico (Pro Bono) do museu de Portimão e, desde 2015, presidente do júri internacional do Prémio Museu Europeu do Ano (EMYA-European Museum of the Year Award) e Prémio Museu Conselho da Europa (CoE), dois dos mais relevantes galardões atribuídos aos museus europeus.

*história da indústria conserveira desde as suas origens, bem como pela história e evolução da associação empresarial criada por pioneiros da indústria conserveira para defender alguns interesses comuns que hoje permanecem em vigor, preservando assim o espírito sobre o qual foi concebida a criação da União dos Fabricantes de Conservas da Ria de Vigo».*¹⁶ Desde 2008 foi reconhecido como uma coleção visitável de conteúdo técnico-científico e atualmente é gerido pela fundação para a conservação dos produtos da pesca. (Anexo 1).

Já na cidade norueguesa de Stavanger situa-se o MUST – Museum Stavanger, que é um museu de conservas desde 1982 instalado na antiga fábrica «Venus Packing Co.», que funcionou na parte velha da cidade até 1958. À semelhança do museu algarvio, o MUST exhibe uma exposição onde é possível ver todo o processo desde a captura da sardinha até ao momento em que é enlatada e comercializada, assim como perceber o ambiente de trabalho do estabelecimento. A diferença é que além da sardinha enlatada, o museu também possui um núcleo dedicado às almôndegas de peixe, que começaram a ser produzidas na Noruega no final do século XIX. O site do Tripadvisor acrescenta que o facto das máquinas ainda estarem em boas condições permite que, a cada primeiro domingo do mês e às terças e quintas-feiras durante o verão, seja possível acender os fornos de fumar e servir uma espadilha aos visitantes. (Anexo 1).

2. Museu de Portimão: comissão instaladora e primeiros anos de trabalho

A história do museu de Portimão começa em 1983 com um importante trabalho de recuperação e valorização do património industrial, histórico e arqueológico deste concelho algarvio. Desde 2008 ocupa parte de uma antiga fábrica de conservas de sardinha, indústria que durante muito tempo foi preponderante para o desenvolvimento da cidade. Neste sentido, importa perceber a relação que existe entre esta atividade industrial e a história do museu desde os anos 80 do século XX à atualidade.

As atividades relacionadas com o mar sempre tiveram grande relevo nas economias e organização social das cidades ribeirinhas, pelo facto de proverem tanto a alimentação local como a obtenção de excedentes e aproveitamento comercial. Em Portimão, a pesca

¹⁶ Câmara Municipal de Vigo, «Museo Anfaco de la Indústria Conservera», disponível em: http://hoxe.vigo.org/movemonos/m_anfaco.php?lang=cas#/ (visualizado a 27/06/2018)

artesanal, assente numa dinâmica familiar de entreajuda, e sobretudo a pesca industrial, fomentada no final do século XIX, pelo desenvolvimento da indústria conserveira e da construção naval, tiveram grande impacto na economia local da ainda vila¹⁷, que se tornou num dos principais centros exportadores do Algarve. Nesta altura, a maior riqueza do concelho era a pesca e a abundância de pescado, principalmente de sardinha, determinaria a concentração de um grande número fábricas de conservas junto ao rio Arade.

Embora o grande advento da indústria conserveira em Portimão tenha sido promovido, maioritariamente, por empresários estrangeiros como António e Cayetano Feu Marchena, gerentes da fábrica «Feu Hermanos», situada junto ao convento de São Francisco, importa referir João António Júdice Fialho, considerado por muitos a figura mais notável da história da indústria conserveira no Algarve. Nascido precisamente na cidade de Portimão em 1859, Júdice Fialho fundou uma fábrica de álcool em Faro, mas, apercebendo-se rapidamente da oportunidade de negócio que a indústria conserveira lhe poderia proporcionar, fundou as primeiras unidades fabris ligadas a este sector nas cidades de Portimão e Lagos, estendendo o negócio a Faro, Olhão, Espinho e ilha da Madeira. As marcas que lançou no mercado tornaram-se as mais conhecidas na Europa e as latas de sardinha e atum saídas das fábricas algarvias, por exemplo, *«foram imprescindíveis para a alimentação dos exércitos beligerantes durante a I Guerra Mundial»*.¹⁸ (Anexo 2).

Outra referência importante para este trabalho sobre a indústria conserveira tem a ver com a fábrica «Feu Hermanos», parte da qual está hoje ocupada pelo museu de Portimão. Localizada na margem direita do Rio Arade, a fábrica de António e Cayetano Feu Marchena, filhos de um dos fundadores da empresa conserveira de Ayamonte, foi adquirida em 1900 ao industrial catalão Rodolfo Torrens, que a tinha mandado construir no final do século XIX. No início da centúria seguinte, os dois irmãos começaram a desenvolver uma intensa atividade empresarial, *«deslocando-se às sucursais portuguesas, sobretudo nas temporadas das pescas para supervisionarem toda a atividade relacionada com o fabrico de conservas»*.¹⁹ Asunción Feu Perez acrescenta que *«entre os dois alternavam a permanência em Portimão conforme as conveniências de cada momento, uma vez que ambos também eram sócios da empresa de Ayamonte, onde*

¹⁷ Vila Nova de Portimão foi elevada a cidade em 1924, por decreto-lei assinado pelo então Presidente da República - Manuel Teixeira Gomes - e publicado no Diário do Governo de 11 de dezembro desse ano.

¹⁸ José Carlos Vilhena Mesquita, «Júdice Fialho, o maior industrial conserveiro do Algarve», in revista Debater a História, n. º4, p. 64

¹⁹ Assunción Feu Perez, «A família Feu – uma viagem no tempo», p. 134

*tinham de comparecer frequentemente dadas as exigências do setor».*²⁰ O sistema de conservação utilizado por estes (e outros) industriais era o denominado «frito», que consistia em *«fritar a sardinha já descabeçada antes de a enlatar, mas cuja morosidade e dispêndio levou à sua substituição pela cozedura a vapor, processo mais rápido e económico».*²¹ (Anexo 2).

Para além destas, existiram mais 20 fábricas dedicadas à indústria conserveira na cidade, que funcionaram até às décadas de 60 e 70 do século XX, na mesma altura em que o turismo emergiu, trazendo consigo profundas transformações na densidade e organização urbanas. Ora, é no cruzamento destes dois episódios que nasce o museu de Portimão. Ao encerramento das últimas fábricas juntava-se um valioso património e documentação referente a estes edifícios, em risco de desaparecer, que urgia preservar, tal como o diversificado espólio subaquático que chegava às praias após as dragagens do Rio Arade. José Gameiro, na altura recém formado em Belas Artes e com crescente interesse pelo património industrial, foi um dos primeiros cidadãos a manifestar desejo em defender estes testemunhos, tomando a iniciativa de abordar com o Presidente da Câmara de então, Martim Garcias, a *«urgente necessidade de preservar de forma mais estruturada este imenso património, histórico industrial, marítimo e arqueológico».*²² Deste encontro, nasce a ideia de criar uma Comissão Instaladora do Museu de Portimão (CIMP), formalizada no dia 27/4/1983 e composta por Jaime Palhinha, José Gameiro e Alberto Piscarreta, com o principal objetivo de travar a delapidação do património histórico portimonense e impedir a destruição da memória local, reunindo esforços no sentido de criar condições para o surgimento definitivo de um museu no concelho e espaços de recolha, reserva e restauro, a fim de acautelar a vida desses materiais.

A CIMP iniciou as suas funções em janeiro de 1984, quando lhe foi assegurado local de trabalho, material e equipamento minimamente indispensável, o que permitiu levar a cabo um conjunto de ações conducentes ao desejo de formar *«um museu que reflita a história local do concelho desde as origens à atualidade, passando pelos momentos mais significativos da sua história».*²³ Destaca-se:

1. Levantamento exaustivo de todo o espólio que corria o risco de desaparecer, nomeadamente, de âmbito pré-histórico e industrial;

²⁰ *Idem, ibidem*

²¹ *Idem, ibidem*, p. 139

²² Citação de José Gameiro na entrevista à revista «Algarve Vivo», n.º 79, 2018

²³ Comissão Instaladora do Museu de Portimão, «Museu de Portimão – memórias de um povo», (s.d.)

2. Investigação e deslocações diárias a todo o concelho;
3. Estabelecimento de contactos com particulares possuidores de acervo e com entidades e especialistas nas mais diversas áreas, como museologia, conservação e arqueologia.

Inicialmente, a CIMP tinha as suas instalações administrativas sediadas num pequeno apartamento na Avenida 25 de Abril, mas com o cada vez maior número de acervo recolhido, foi necessário encontrar um espaço alternativo de acolhimento e reserva para as peças que iam chegando. A solução encontrada passou por armazéns municipais, um dos quais, emprestado pela firma Júdice Fialho, que funcionava como oficina e restauro das máquinas e outro material do setor industrial. A nível administrativo, a comissão passou a ocupar a cave do edifício do antigo mercado, na mesma avenida 25 de Abril, sendo o primeiro andar dessa construção usado para exposições temporárias. (Anexo 3).

De facto, o tipo de espólio recolhido no primeiro ano e meio de trabalho abriu caminho aos núcleos do futuro museu:

1. **Pré-História:** de particulares foram recolhidos machados, raspadores, percussores e um ídolo votivo;
2. **Fenício e Romano:** do rio Arade foi recolhido o espólio resultante das dragagens daquele canal, como ânforas, moedas e cerâmica dourada; a partir da primeira escavação arqueológica realizada na cisterna romana localizada na Coca-Maravilhas, foi desenvolvido um importante trabalho de limpeza, inventário e conservação às peças encontradas: cerâmicas, ânforas, vidros, instrumentos agrícolas em ferro, mármore, tijolos e pavimento. Junto a esta cisterna foi ainda levantado um mosaico e apresentado um projeto de proteção e valorização deste depósito de água e área envolvente;
3. **Árabe:** na mesma cisterna foi encontrado um conjunto de cerâmicas que atestam a continuidade da ocupação na região, como lápides e brasões do século XV ao XVIII;
4. **Industrial:** resultou do trabalho de levantamento e recolha do material que estava em risco de ser queimado ou vendido a sucateiros e fechado no interior das firmas Júdice Fialho, Embamar (Feu), Boa Vista, Gaspar e Severo Ramos. Desde prensas litográficas, motores a vapor, cafeteiras de soldador, apitos, discos, filmes, desenhos e fotografias de fábricas e dos primeiros galeões e traineiras, este conjunto

de material permitiu construir as fases do processo produtivo da indústria conserveira, desde o mar até à exportação.

Para dar a conhecer todo este acervo e apresentar o projeto do museu à população, logo em 1985, os membros da CIMP marcaram presença no 1.º Festival Nacional da Sardinha e do Mar, na Zona Ribeirinha de Portimão e realizaram as primeiras exposições que procuraram mostrar aquilo que seriam os dois núcleos principais do museu. Entre 15 de agosto e 15 de setembro daquele ano estiveram patentes na sua sala de exposições temporárias, no espaço sediado na Avenida 25 de Abril, acima referido, as mostras «Memória Industrial de Portimão: as fábricas de conserva» e «Presença Romana em Portimão», reforçando a ideia de formar uma estrutura que refletisse a população e o espaço envolvente. (Anexo 3).

Nesta altura, a instituição funcionava de forma polinucleada, isto é, constituída por uma sede e uma ou várias extensões dependentes da mesma estrutura, pelo que as restantes funções museológicas estavam distribuídas por outros pontos da cidade. As reservas e oficinas de restauro funcionavam em pequenos armazéns e os seus funcionários eram, em alguns casos, antigos operários fabris. Apesar de algumas temáticas mais generalistas, o património local sempre foi o mote das exposições temporárias e iniciativas que a CIMP procurou desenvolver, incidindo sobretudo em temas como a arqueologia, a imprensa e a escrita, as fábricas e a maquinaria, o rio Arade e a pesca, saberes e tradições ou figuras ilustres do concelho. Por outro lado, deve referir-se a oferta de várias iniciativas de carácter pedagógico e educacional como visitas de estudo às oficinas de restauro e exposição ou rotas pelo património e história local. Neste âmbito, destacam-se vários roteiros pedagógicos, promovidos já na década de 90, mas com os objetivos de integrar a comunidade educativa no conhecimento e valorização do património cultural e promover o intercâmbio e o contacto com realidades culturais diversificadas. (Anexo 3).

No final da década de 80, aquando do encerramento do mercado de frutas e hortaliças, situado na Praça da Alameda da República, chegaram a ser apresentados alguns projetos de adaptação deste edifício a museu municipal. De acordo com a notícia publicada no Jornal Barlavento em julho de 1988, o antigo espaço comercial iria constituir o segundo núcleo do museu, «*consagrado à indústria conserveira, em tempos tão*

*próspera em Portimão, que chegou a alimentar mais de duas dezenas de fábricas».*²⁴ Por seu turno, a CIMP considerava como este espaço, que iria albergar as coleções de dois núcleos do futuro museu, constituiria *«também um espaço dinâmico e aberto à iniciativa e participação de toda a população, contribuindo através das suas múltiplas ações para o aparecimento, renovação e desenvolvimento de hábitos culturais».*²⁵ Todavia, este facto não chegou a consolidar-se, tendo em conta que o edifício do antigo mercado acabara por ser demolido, envolto num cenário de polémica, igual ao que se gerou na altura da sua construção, obrigando a CIMP a encontrar soluções para a instalação do tão almejado museu. (Anexo 3B).

No dia 14 de fevereiro de 1996, o Diário de Notícias anunciava a compra da antiga fábrica Feu por parte da Câmara Municipal de Portimão através de uma escritura de aquisição que deu origem a um negócio com a União de Bancos Portugueses e que custou à autarquia 65 mil contos. Com a intenção de transformar aquela unidade fabril em museu, o periódico noticiava ainda que, com 5146 metros quadrados, o futuro museu iria albergar dois núcleos museológicos, um dedicado à arqueologia industrial e outro à clássica. O primeiro seria composto por *«todo o património recolhido e recuperado pela equipa da comissão instaladora do museu ao longo dos anos após o fecho das fábricas de conserva do concelho de Portimão»*²⁶, e o segundo guardaria *«espaço para o imenso espólio, que dará testemunho da história mais remota do concelho, recolhido ao longo de décadas de escavações arqueológicas».*²⁷ Este evento acompanhou o desejo manifestado pela CIMP, que reconhecia na indústria conserveira *«uma atividade que deixou marcas no tecido social e urbano»* da cidade de Portimão, visível através das longas chaminés que *«evocam o rodopio de homens e mulheres que pelas ruas e estradas acorriam de imediato ao apito das fábricas para uma jornada de trabalho que podia durar 8, 10, 12 horas ou mais».*²⁸ O facto da indústria conserveira ter sido tão relevante para a história da cidade de Portimão só vem reforçar a importância de salvaguardar este valioso património, *«como testemunho de uma nova tecnologia em comparação com a de hoje e mesmo com a do futuro».*²⁹ (Anexo 4).

²⁴ António Vinagre, «Museu de Portimão salvará a memória do concelho», Jornal Barlavento, 21 de julho de 1988

²⁵ Comissão Instaladora do Museu de Portimão, «Museu de Portimão – um trabalho em marcha», (s.d.)

²⁶ Elisabete Rodrigues, «Câmara de Portimão compra antiga conserveira», Diário de Notícias, 14 de fevereiro de 1996

²⁷ *Idem ibidem*

²⁸ «As fábricas de conservas: um mundo a descobrir, um mundo a defender», Comissão Instaladora do Museu de Portimão, (s.d.)

²⁹ *Idem, ibidem*

Em 1997, é criada a Divisão de Museus, Património e Arquivo Histórico, a qual dará origem à atual Direção de Projeto do Museu. No mesmo ano, o presidente da Câmara Municipal de então, Nuno Mergulhão, em entrevista ao *Jornal Público*, expunha a intenção de o futuro museu de Portimão vir a «*ter um carácter intermunicipal, integrando o espólio de várias autarquias vizinhas*»³⁰, pelo facto de o Rio Arade banhar vários concelhos e ser conveniente que «*todas as peças históricas e arqueológicas a ele referentes sejam canalizadas para um único espaço museológico*».³¹ No ano seguinte, é elaborado o programa museológico, específico para aquele antigo espaço industrial e lançado o concurso para o projeto de arquitetura das novas instalações, cujas obras apenas tiveram início em 2004, com a cerimónia de consignação e lançamento da obra de empreitada de construção.

Reforçando a função social que a comissão instaladora já vinha desempenhando desde o início do seu exercício e no sentido de aproximar o museu à população e ao território onde está inserido, após a compra da fábrica, foram várias as iniciativas que se realizaram nesse sentido. Desde logo, as exposições temporárias começaram a realizar-se numa sala específica daquele edifício, a partir do ano 2000. Neste mesmo período destacam-se as mostras «Museu aberto ao descobrimento», «Alcalar – A pré-história em Portimão»³², ou mais abrangente, «Brasil – 500 anos de memória». De referir ainda que no decorrer das obras de adaptação a museu, a população também foi convidada a visitar a evolução dos trabalhos, numa iniciativa intitulada «Museu de Portimão – uma obra aberta», que assinalou o Dia Internacional dos Museus, e na qual a comunidade tinha a possibilidade de visitar a obra do futuro museu e conhecer de perto tanto o seu projeto como o programa museológico. (Anexo 5).

De facto, o cumprimento dos requisitos museológicos essenciais por parte da estrutura algarvia, mesmo sem uma sede própria onde elas estivessem todas agregadas – função social do museu, cuidados de preservação e de valorização das coleções e dos acervos, condições de sustentabilidade – foi crucial para a credenciação por parte da Rede Portuguesa de Museus (RPM), em 2001.³³

³⁰ «Portimão terá museu intermunicipal», *Jornal Público*, n. °6, 31 de outubro de 1997

³¹ *Idem, ibidem*

³² Esta exposição esteve em exibição no Museu Nacional de Arqueologia, no ano de 2001.

³³ A adesão à RPM é voluntária e a credenciação é aceite mediante o cumprimento das funções museológicas. Em 2004, com o reforço dos requisitos de candidatura exigidos pela Lei-Quadro dos Museus Portugueses, o museu de Portimão submeteu uma segunda proposta. Atualmente, fazem parte da RPM cinco museus algarvios: Portimão e Tavira (2001), Faro (2002), Albufeira (2003) e Loulé (2017).

3. Uma nova fase: a obra enquanto estratégia de conservação preventiva

Como vimos anteriormente, o programa museológico foi desenvolvido em 1998, especificamente para o edifício da antiga fábrica Feu Hermanos. A programação museológica deve ser assumida como uma prioridade para qualquer museu, pois funciona como um instrumento indispensável na forma como a instituição vai exercer a sua política cultural e científica, para além de ajudar a pensar nos eventuais problemas, necessidades e ideias. José Gameiro, diretor científico do museu de Portimão, considera mesmo que a programação constitui «*um momento determinante na definição do modelo, da estrutura e da escala de prioridades das suas futuras atividades, devendo ser entendido como o primeiro passo do seu compromisso fundador, para com a comunidade*». ³⁴ Acrescenta ainda que «*as soluções de programação passam sobretudo, pela adequação dos princípios museológicos às realidades culturais e sociais (...), de uma forma flexível, progressivamente ajustáveis à envolvente humana, histórica e institucional, devendo ser tidas em conta três linhas de programação (...): (1) programar para as pessoas; (2) programar para a investigação; (3) programar para as funções, os espaços e a requalificação urbana*». ³⁵ Destes, destaca-se sobretudo o último conceito, que não se refere apenas ao projeto arquitetónico como forma de proteger e divulgar as preexistências históricas, mas também à integração do edifício no tecido urbano, que em muitos casos, assume particular importância no desenvolvimento urbano e social. Este elemento já em 2003 era reforçado pela Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial, ao afirmar que «*adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento económico sustentado. O património industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração económica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos*». ³⁶

Assim, o programa museológico desenvolvido especificamente para a antiga fábrica resultou de um «*processo multidisciplinar interativo de aproximação progressiva*

³⁴ José Gameiro, «A programação museológica: reflexão e prática no Museu Municipal de Portimão», p. 84

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 85

³⁶ Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial, «Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial», 17 de julho de 2003

ao projeto»³⁷, num interessante diálogo entre a arquitetura e a museologia, tendo em conta que os seus responsáveis começaram por definir as linhas gerais orientadoras da futura ação do museu em conjunto com as condicionantes que a segurança e as normas de conservação preventiva aconselham. Embora a Lei-Quadro dos Museus Portugueses só tenha sido publicada em 2004, declarando que «*o projeto de arquitetura deve ser elaborado de harmonia com o programa museológico, tendo em conta a boa execução do mesmo*»³⁸, é de saudar que já no final da centúria passada existisse a preocupação em conciliar estas duas vertentes. (Anexo 6).

No caso particular de Portimão, os condicionantes naturais, geográficos e geológicos do terreno de assentamento da fábrica, assim como o grau de sismicidade da região, incidência solar e níveis anuais da temperatura/humidade foram alguns dos princípios refletidos no desenho final do projeto, que a par do programa cultural e científico do museu e do programa de requalificação urbana, anteciparam a seleção das opções dos espaços e funcionalidades a desenvolver. De acordo com José Gameiro e Andreia Machado, realizaram-se várias operações, das quais se destacam as seguintes:³⁹

1. Iluminação projetada de forma a não constituir risco para as coleções, mediante o recurso a filtros específicos e sistemas mecânicos de obscurecimento das salas, enquanto que nas reservas e Centro de Documentação/Arquivo Histórico a luz só é acionada através de interruptores, e apenas quando estritamente necessário;
2. As rampas, corredores, plataformas elevatórias e outras áreas de trânsito apresentam largura e pé direito suficiente e capacidade de resistência estrutural para a circulação de cargas pesadas, de considerável volumetria e respetivos sistemas de transporte;
3. A segurança contra intrusão e incêndio é assegurada por meios humanos, barreiras físicas, deteção e alarmes eletrónicos, sendo os acessos ao edifício, em caso de emergência, facilitados pela localização do Museu, junto a amplas vias de comunicação;
4. As cargas e descargas são efetuadas diretamente em local próprio, com facilidade de acesso exterior, a veículos de grandes dimensões, existindo um

³⁷ José Gameiro, «A programação museológica: reflexão e prática no Museu Municipal de Portimão», p. 84

³⁸ Lei-Quadro de Museus Portugueses, Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, artigo 86.º, ponto 3

³⁹ José Gameiro e Andreia Machado, «O edifício do Museu de Portimão como elemento estratégico da conservação preventiva», pp. 139 - 144

circuito próprio e sequencial para o trânsito de peças, desde a sua descarga e receção, até às salas de exposição, com possibilidade de passagem prévia pelas áreas de tratamento, conservação, restauro ou reserva;

5. A construção da Cafeteria/Restaurante/Esplanada em bloco apartado do edifício principal, minimiza a ocorrência de contaminação de pragas, o risco de propagação de incêndio e de poluentes;
6. Toda a estrutura foi impermeabilizada e está implantado um sistema de deteção de água no imóvel, com ligação a bombas de descarga “não retorno” e bombas de drenagem;

ESPAÇO PÚBLICO	Exterior	Guindaste Transportador de peixe
	Interior	Receção – Loja Restaurante – Cafeteria – Esplanada Sala de exposições – Longa duração Área I – Sala de lavagem Área II – Nave Industrial Área III – Cisterna Sala de exposições temporárias Centro de documentação/ Arquivo Histórico Oficina educativa
	Condicionado	Auditório polivalente Sala de reuniões / formação Gabinete de Investigação
ESPAÇO RESERVADO	Área técnica	Oficina de conservação/restauro Oficina de apoio museográfico Sala de registo/catalogação/inventário Sala de expurgo/limpeza Central e galeria técnica Central de controlo e vigilância
	Área administrativa	Direção e administração Secretariado Reprografia Sala de pessoal
	Área de Reservas	Reservas/coleções Depósito/documentação Casa-forte

Tabela 1 - Tipologia de espaços funcionais no Museu de Portimão

4. Programa Museológico e prática patrimonial

Uma das vantagens associadas ao património industrial é a sua componente histórico-cultural, cuja preservação e reabilitação permite criar uma memória da cidade e das atividades que sustentam a sua comunidade, como forma de explicar e transmitir essa identidade às gerações vindouras. Ancorado neste pressuposto, a reutilização espacial e funcional da antiga fábrica Feu estende-se ao seu espaço envolvente e procurou desenvolver-se nos quatro grandes objetivos programáticos, que agora se enumeram mais detalhadamente:

a) Reabilitar o Património Histórico-Industrial:

De acordo com a Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial, «a adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização como forma de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável»,⁴⁰ mas «as novas utilizações devem respeitar o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo tanto quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização».⁴¹ Recomenda ainda «uma adaptação que evoque a sua antiga atividade».⁴² Ora, no projeto de reconversão da antiga unidade fabril a Museu, todas as preexistências construtivas mais significativas (chaminé, cisterna, vãos, molduras de tijolo, volumetrias, frisos e pilastras caiadas, platibandas, entre outras), foram recenseadas e recuperadas, de forma a corrigir algumas incoerências formais de intervenções recentes e, ao mesmo tempo, para conciliar os edifícios anexos, «no sentido de acentuar a personalidade arquitetónica e histórica do imóvel que, durante o século XX, conheceu importantes alterações, dentro de uma lógica de expansão da empresa»⁴³, as quais causaram uma progressiva descaracterização à medida que os espaços industriais construídos se aproximam da zona ribeirinha.

Por outro lado, deve referir-se a fachada principal do edifício da antiga fábrica, virada a poente e composta por um harmonioso ritmo de vãos, que

⁴⁰ Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial, «Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial», 17 de julho de 2003

⁴¹ *Idem, ibidem*

⁴² *Idem, ibidem*

⁴³ José Gameiro, «A programação museológica: reflexão e prática no Museu Municipal de Portimão», p. 89

estabelecia contacto com um outro complexo de oficinas que a mesma empresa detinha mesmo em frente, no lado oposto da estrada. Todavia, com o encerramento e posterior demolição destas estruturas, na década de 60, para dar lugar a casas de habitação e à transformação daquela via que veio facilitar o tráfego até à Praia da Rocha, a relação deste quotidiano fabril acabou deslocado para o lado nascente, isto é, entre o cais ribeirinho e o Rio Arade. Foi então, a partir deste momento, que a equipa de projetistas «*considerou como elemento determinante para a definição do acesso público ao museu, o lado nascente, privilegiando-se assim, na frente-rio, uma melhor perceção do local pelo qual se iniciava o primeiro momento do processo produtivo, através da entrada direta do peixe para o interior da fábrica, permitindo igualmente um contacto de proximidade e fruição com essa mesma área ribeirinha*». ⁴⁴



Figura 2 e 3 - Edifício da antiga fábrica Feu, antes e depois da reabilitação

Fotos: Museu de Portimão/CDAH

Para facilitar esse entendimento e, simultaneamente, para reformular a envolvente urbana, foram igualmente recuperados e integrados no plano museográfico do museu, todos os sistemas de referência do trabalho desenvolvido entre o rio, o cais e a fábrica, desde logo, no exterior, o transportador de peixe e o pontão de descarga (cais), o Guindaste «Marion 2», as coberturas e vãos industriais e no interior a cisterna e a sala de lavagem e descabeço. Foi igualmente dada importância à iluminação noturna que, em substituição da anterior, muito redutora, veio dar maior compreensão da formulação da construção, escala e ritmo de fenestração. (Anexo 7).

⁴⁴ *Idem, ibidem*



Figura 4 - Entrada do museu

Foto: Museu de Portimão



Figura 5 - Transportador e Guindaste

Foto: Ana Mateus, março 2018

b) Requalificar e Valorizar a Área Urbana Ribeirinha

Já no ponto anterior percebemos como a requalificação urbana foi encarada como um elemento de integração e desenvolvimento ao longo de todo o projeto interventivo. Em 1998, quando o programa museológico foi conhecido, José Gameiro explicava a intenção de conceber o museu como *«um dos elos de fortalecimento dessa revitalização urbana, ampliando a capacidade atrativa da zona pela valorização do edifício e sua envolvente, constituindo-se como polo importante de um percurso público de qualidade, ao longo do cais»*.⁴⁵ De acordo com o mesmo autor, o percurso iria manter a proximidade do imóvel com a sua memória naval e fluvial, através da conceção de uma plataforma de acostagem, que possibilitaria o acesso das embarcações ao museu, diretamente através do rio.

De facto, o rio Arade foi, desde o início do plano, encarado como um elemento capital a valorizar. A proximidade deste curso não apenas permitiu incluir a sua própria água como «fonte fria» do sistema de climatização, como também enriqueceu a fruição de vistas e perspetivas sobre o rio, tanto do interior, como do exterior do edifício (entrada do museu, centro de documentação e restaurante). A partir desta intervenção museológica, arquitetónica e urbana, o museu reforça o seu papel enquanto *«lugar atrativo e ativo de encontro com a cultura, o património, a história local e o excelente enquadramento paisagístico natural, que o Arade oferece e potencia»*.⁴⁶ (Anexo 7).

⁴⁵ José Gameiro, «Programa Museológico – memória descritiva», 1998

⁴⁶ *Idem, ibidem*



Figura 6 e 7 - Vista área da zona ribeirinha antes e depois da intervenção

Fotos: Museu de Portimão/CDAH

c) Interpretar local e globalmente a evolução histórica, territorial e social

A reconversão da fábrica de conservas em museu dotou o Município de Portimão de uma estrutura pioneira e permanente, especificamente vocacionada para o estudo e promoção da identidade cultural e social da comunidade portimonense. O terceiro objetivo programático está relacionado com o trabalho de pesquisa e interpretação museológica do diferente tipo de acervo existente no museu (etnográfico, industrial, naval, subaquático, arqueológico e iconográfico), o qual se reflete nas suas iniciativas e atividades regulares, como as exposições temporárias, que permitem a rotatividade das coleções. Para além de colmatar uma lacuna histórica ao nível dos museus do Algarve, pela memória industrial conserveira que apresenta, o museu de Portimão desde sempre procurou construir-se sob a ideia de um **Museu de Sociedade, Identidade e Território**. De facto, esta é a epígrafe da exposição de referência, de longa duração e de maior extensão do programa, intitulada «Portimão – Território e Identidade», que *«interpreta e representa os principais momentos da sociedade local, na sua interação histórica com a envolvente geográfica e natural, resultante do milenar cruzamento dos povos e culturas que por este território passaram e se fixaram»*.⁴⁷ Distribuída pelas naves industriais de maiores dimensões, a exposição permanente compreende duas áreas distintas, sendo a primeira dominada pela «Casa do descabeço», que constitui o primeiro núcleo interpretativo do primeiro momento do início do processo de fabrico de conservas, no interior da fábrica. Neste segmento, todos os mecanismos do sistema de lavagem e transporte, tanques de salmoura pré-existentes e som ambiente foram recuperados e conservados, de

⁴⁷ Jornal Municipal «Portimão em Directo», Edição Especial, n. °18, maio de 2008

forma a reproduzir fielmente os processos de preparação, salmoura, lavagem, conservação do peixe e outras operações deste primeiro momento produtivo. A segunda área de exposição permanente funciona, segundo o programa museológico, «*como o grande núcleo expositivo principal da história local, dos momentos mais determinantes da evolução social do município e dos seus habitantes, desde a pré-história ao momento industrial do século XX, de uma forma integrada, globalizante e evolutiva*». ⁴⁸ Ou seja, neste momento estão incluídas as coleções do museu, maioritariamente compostas por máquinas, peças, ferramentas e diversos instrumentos recolhidos ao longo de vários anos, de escavações arqueológicas e antigas fábricas, as pretendem testemunhar «*a relação do homem com o meio – o Mar, o Rio Arade e Território - envolvente, da qual emerge a Indústria Conserveira e todas as vertentes induzidas a montante e a jusante desta indústria*». ⁴⁹ Para a interpretação desta evolução histórica do concelho, importa referir que estão museografados três percursos expositivos, autónomos entre si e divididos, por sua vez, em outros núcleos distintos.

Veja-se a seguinte tabela:

⁴⁸ José Gameiro, «Programa Museológico – memória descritiva», 1998

⁴⁹ *Idem, ibidem*

Percurso	1. «Portimão: Origem e destino de uma comunidade»	2. «A vida industrial e o desafio do mar»	3. «Do fundo da Águas»
Núcleo	«Alcalar – a ocupação milenar de um território»	«Há peixe no cais»	«Ocean Revival»
	«A presença romana»	«Entre apitos e “sereias”»	
	«A presença islâmica»	«”A casa do descabeço”»	
	«Rio Arade: uma porta entre o Mediterrâneo e o Atlântico»	«Artes do cheio, artes do vazio»	
	«Abate da Madeira»	«Promoção – de Portimão para o Mundo»	
	«Estaleiros de Portimão»		
	«Frutos secos e fumeiros. O mundo rural na viragem industrial»		
	«Manuel Teixeira Gomes – viajante, político e escritor»		

Tabela 2 - Percursos e núcleos da exposição permanente

Se no primeiro percurso se apresentam os elementos históricos mais significativos para a organização da cultura das sociedades locais, desde a Pré-História à realidade atual, funcionando, por assim dizer, como um «autêntico Bilhete de Identidade do Município», o segundo evoca a memória industrial conserveira e a relação histórica com o rio Arade e o Atlântico. Ocupando parte da Nave Central e a totalidade da recuperada «Casa do descabeço», este segundo percurso destaca «*o papel dos homens e mulheres na atividade económica mais relevante de Portimão e do Algarve*», convidando o público a percorrer o antigo espaço fabril, desde a «*antiga lota do cais de Portimão até ao coração das fábricas, acompanhando o processo de fabrico, embalagem e promoção das conservas portimonenses*».⁵⁰

O terceiro percurso está situado na antiga cisterna da fábrica, onde se recolhiam e reaproveitam as águas da chuva para alimentar os tanques e as caldeiras da fábrica, e começou por ser um espaço de «*projeção de sequências audiovisuais da fauna e flora*

⁵⁰ Site oficial Museu de Portimão, disponível em: <http://www.museudeportimao.pt> (visualizado a 27 de dezembro de 2017)

marítimas, expressamente produzidas para este percurso, conduzindo os visitantes sobre um passadiço e sobre um espelho de água, a uma incursão subaquática, e aos fundos marinhos do Rio Arade e da costa marítima de Portimão».⁵¹ Desde setembro de 2013 foi adicionado a este percurso, o núcleo «Ocean Revival - Parque Subaquático de Portimão»⁵², que permite o público acompanhar em terra a evolução dos navios da Marinha Portuguesa afundados a cerca de três milhas da Praia de Alvor.

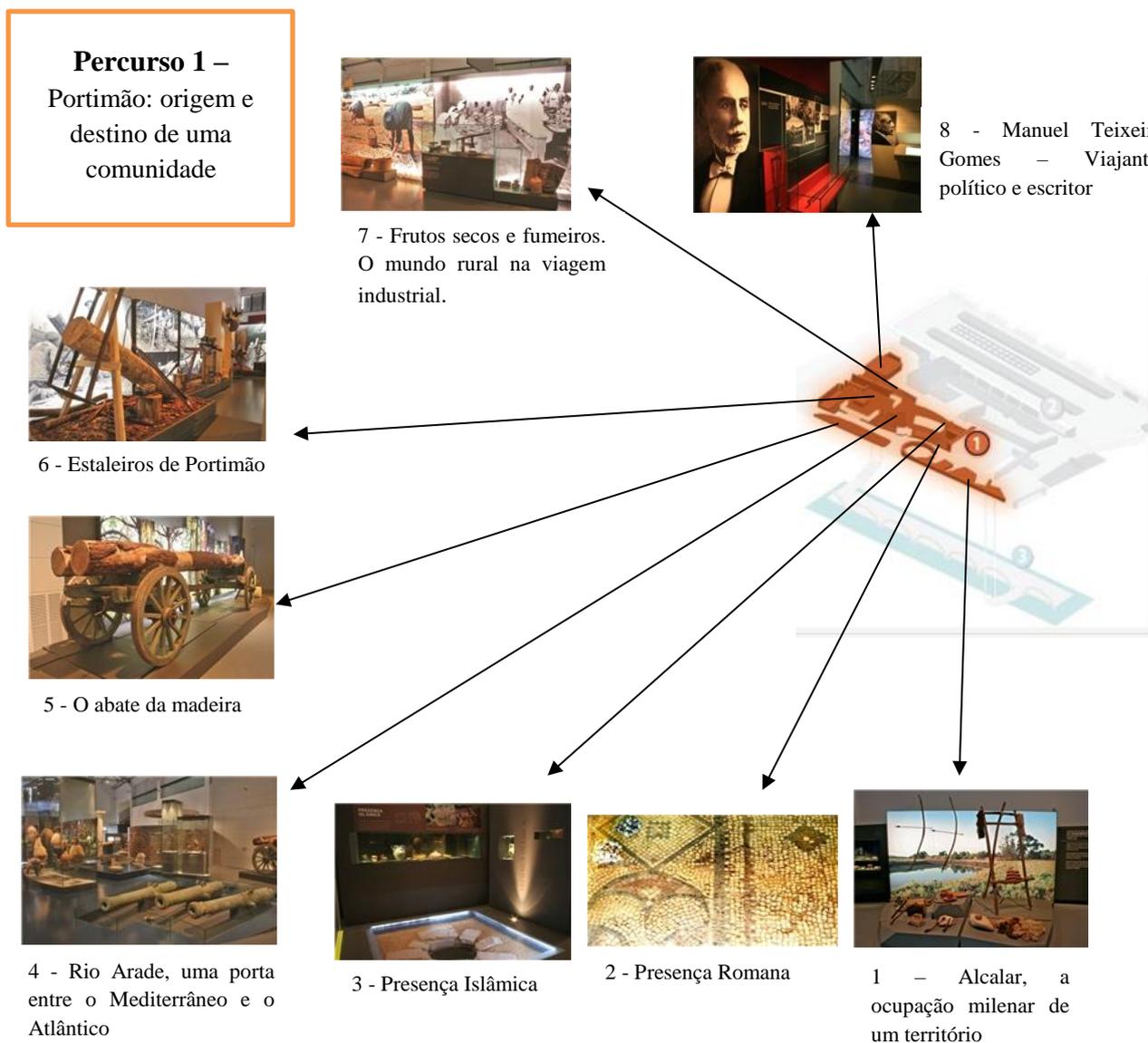


Figura 8 – Exposição permanente, percurso 1 (adaptação da autora)

⁵¹ José Gameiro, «Programa Museológico – memória descritiva», 1998

⁵² O Ocena Revival é um parque subaquático para mergulhar ao largo de Portimão e conta com quatro navios afundados no seu recife artificial, que pretende atrair mergulhadores à costa algarvia. Em outubro de 2012, foram afundados os primeiros navios, a corveta «Oliveira e Carmo» e o navio patrulha «Zambeze», sucedendo-se em junho de 2013 a fragata «Hermenegildo Capelo F481». Finalmente, em setembro do mesmo ano foi afundado navio oceanográfico «Almeida Carvalho».

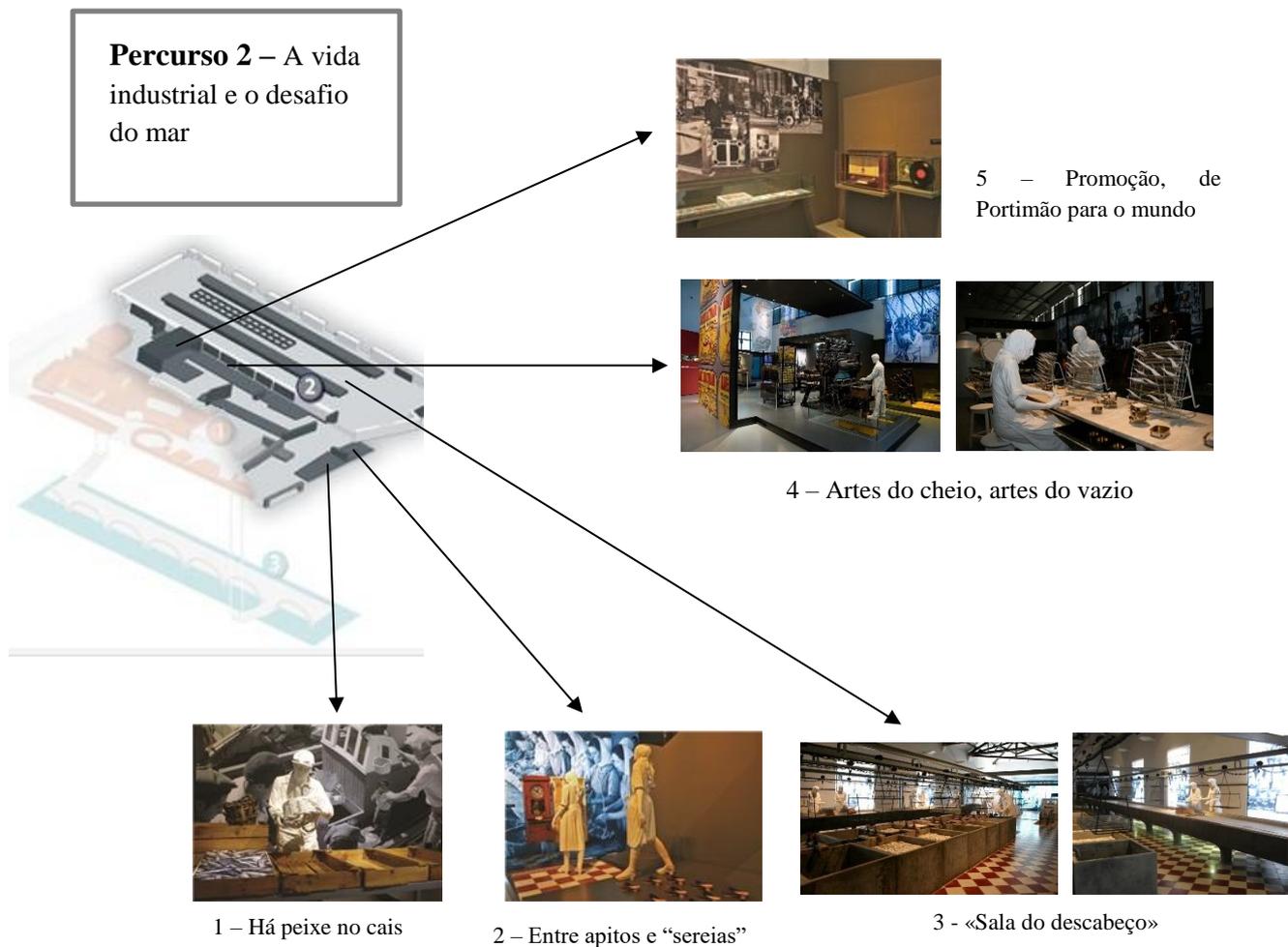


Figura 9 – Exposição permanente, percurso 2 (adaptação da autora)

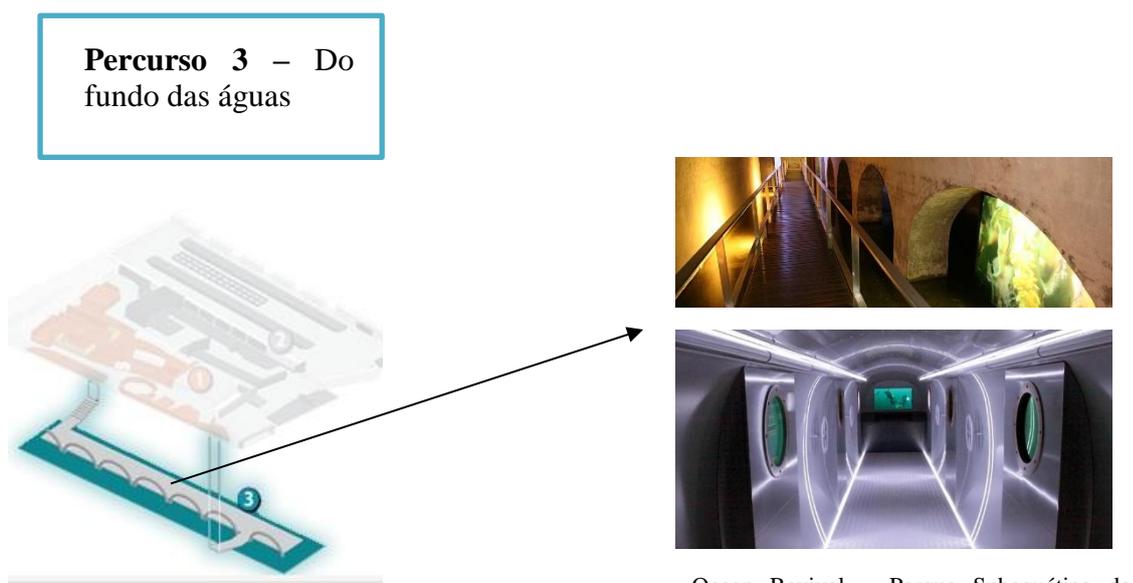


Figura 10 – Exposição permanente, percurso 3 (adaptação da autora)

Todas as imagens foram retiradas de www.museudeportimao.pt

d) Potenciar e desenvolver uma oferta cultural de qualidade

Para José Gameiro, «*um aumento da oferta cultural ao longo do ano gera igualmente um aumento da procura e também aí, o papel do Museu como parceiro local e regional desse aumento e dessa procura, pelo conjunto de espaços, funções e serviços desempenha um importante fator no combate à sazonalidade regional*».⁵³

O museu de Portimão abriu ao público no dia 17 de maio de 2008 e desde então têm procurado dinamizar, dentro e fora da sua estrutura física, diversas iniciativas que assinalam determinadas efemérides, como o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, Dia e Noite dos Museus, aniversário do museu e Jornadas Europeias do Património, mas também no sentido de levar a população a conhecer a história do seu concelho e reforçar a identidade local e regional, mediante recriações históricas, seminários e iniciativas culturais que visem distinguir as tradições, artes e saberes que marcam o quotidiano de várias gerações, como veremos no ponto seguinte.

Para assegurar esta realidade, o museu procura trabalhar como um centro multidisciplinar de atividades científicas, culturais e formativas, celebrando protocolos e acordos de cooperação com várias entidades para dar seguimento ao seu programa museológico.⁵⁴ Para além das exposições temporárias que promove com grande frequência, o museu de Portimão dispõe de uma oficina educativa, que tem como objetivos promover a descoberta, de uma forma divertida e pedagógica, a história e o património do concelho. De acordo com o site oficial do museu, «*através deste serviço são desenvolvidos projetos temáticos destinados a grupos e à comunidade educativa, circuitos de iniciação e descoberta, atividades experimentais e programa de ocupação de tempos livres como as “Férias no Museu” ou os “Sábados em Família”*».⁵⁵

Com base no seu acervo, os serviços educativos do museu de Portimão disponibilizam um conjunto de iniciativas de expressão plástica, jogos didáticos, visitas orientadas, entre outros, sendo que cada uma delas depende dos vários graus de ensino e faixas etárias dos participantes. São ainda dinamizados passeios para grupos até 28 pessoas, ao património religioso, ruas do centro antigo de Portimão, zona ribeirinha e bastidores do Museu.

Para uma melhor compreensão, atente-se na seguinte tabela:

⁵³ Jornal Municipal «Portimão em Directo», Edição Especial, n. °18, maio de 2008

⁵⁴ Existem protocolos com oito sectores distintos, desde agências de viagens, operadores turísticos, empresas, hotéis, transportes, turismo de cruzeiros, agências de rent-a-car e turismo social.

⁵⁵ Site oficial Museu de Portimão, disponível em: www.museudeportimao.pt (visualizado a 28 de dezembro de 2017)

Pré-escolar	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo/Ensino técnico-profissional/Universitário	Grupos	«O museu vai à escola»
«Da sardinha à lata»	«Da sardinha à lata»	«Da sardinha à lata»	«Da sardinha à lata»	«Da sardinha à lata»	«Há vida na Ria»
«Primeira impressão»	«Primeira impressão»	«À descoberta da Pré-História»	«À descoberta da Pré-História»	«Primeira impressão»	«Ideias e formas em movimento»
«Os sons da natureza»	«À descoberta da Pré-História»	«Um mergulho na história»	«Ideias e formas em movimento»	«À descoberta da Pré-História»	«Um fantoche na ponta dos dedos»
«Os quadrinhos que pisamos todos os dias»	«Um mergulho na história»	«Iniciação à Arqueologia»	«Quadrados com história»	«Iniciação à Arqueologia»	«Uma meia, um fantoche»
«Há vida na Ria»	«Iniciação à Arqueologia»	«Ideias e formas em movimento»	«Como funciona o museu»	«Ideias e formas em movimento»	«Caixeiro-viajante e as memórias antigas»
«Um fantoche na ponta dos dedos»	«Ideias e formas em movimento»	«Quadrados com história»	«Há vida na Ria»	«Quadrados com história»	
«Um novo recife artificial»	«Quadrados com história»	«Há vida na Ria»		«Como funciona o museu»	
	«Há vida na Ria»			«Um mergulho na história»	
	«Uma meia, um fantoche»			«Um novo recife artificial»	

Tabela 3 - Atividades da oficina educativa por faixa etária

A partir do momento em que abriu portas, o trabalho do museu de Portimão foi sendo reconhecido em Portugal e além-fronteiras. Depois de menção honrosa na categoria «Melhor Museu Português», pela Associação Portuguesa de Museologia (APOM), em 2008 e da menção honrosa do Turismo de Portugal, na categoria «Novo evento público», em 2009, seguiram-se outros galardões que levaram a instituição algarvia para os mais

variados palcos internacionais. Em 2010, foi distinguido com o prémio «Museu Conselho da Europa», atribuído por esse organismo e no ano seguinte recebeu o prémio «DASA – Mundo do trabalho 2011», na primeira edição do prémio, realizada em Dortmund, na Alemanha. O argumento para esta atribuição teve que ver com o facto de o museu ser *«um bom exemplo para outras zonas onde o turismo de massas se faz sentir e não existe tanta preocupação e interesse pelos aspetos que as tornam singulares, até do ponto de vista turístico»*.⁵⁶ (Anexo 7).

Também os trabalhos e projetos desenvolvidos pelos vários setores do museu têm vindo a ser reconhecidos em Portugal e no estrangeiro. O filme «À conversa com Manuel Teixeira Gomes», produzido pela oficina educativa durante umas férias de verão, venceu o prémio «Arara de prata – Jovens talentos», no âmbito do Festival Tour Film Brazil 2011 e o projeto «A nossa cultura sai à rua» foi, em 2015, reconhecido pela APOM, com o prémio inovação e criatividade.

5. Um museu de portas abertas para a comunidade

O museu de Portimão foi pensado como um *«dinâmico ponto de encontro com este território, sua identidade, cultura e evolução histórica, um observatório atento da sociedade e um laboratório de ideias e projetos em movimento»*.⁵⁷ As questões sobre a relação entre museus e comunidades não são de agora, pois desde a década de 70 do século passado que estas temáticas são amplamente discutidas e difundidas nos mais diversos fóruns internacionais sobre museologia. Defende-se que os novos museus deverão evoluir para que não sejam apenas meras coleções de elementos patrimoniais, mas contribuir ou ter um papel no crescimento das comunidades onde se inserem e que lhe dão origem. Recorde-se que já em 1972, aquando da mesa-redonda de Santiago do Chile, se defendia a ideia de um museu integral que estivesse ao *«serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando*

⁵⁶ Citação de José Gameiro na entrevista à revista «Algarve Vivo», n.º 79, 2018

⁵⁷ *Idem, ibidem*

outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais». ⁵⁸ Foi um primeiro indicador da mudança que se viria a verificar na década de 80 no âmbito da museologia contemporânea. A Declaração de Québec, em 1984, trouxe novas reflexões teóricas e práticas e desenvolveu o Movimento Internacional para a Nova Museologia (MINOM), o qual afirmava a necessidade de ampliar as práticas museológicas e integrar as populações nas suas ações, reivindicando uma alternativa ao museu tradicional, que se considerava estar demasiado centrado nas coleções e, de certo modo, de costas voltadas para a sociedade. Ora, o grande propósito da Nova Museologia é a participação. Ou seja, defende-se a inclusão do público, não apenas no cumprimento das principais funções museológicas, como também na criação, decisão e propagação dos novos discursos e práticas museológicas.

No entender de Hugues de Varine, o novo museu deve ter a comunidade como principal agente da ação museológica, pelo facto de essa estar *«consciente das afinidades e diferenças que caracterizam os seus elementos, bem como das relações conflitantes entre eles e o seu ambiente e cujo futuro é, pelo menos em parte, comum»*. ⁵⁹ Quer isto dizer que o papel fulcral das novas instituições é o de articular a comunidade e trabalhar em prol da recuperação do respetivo património cultural, colocando *«a população local em contacto com a sua própria história, suas próprias tradições, seus próprios valores»* ⁶⁰, uma vez que o museu passa a consciencializar *«a comunidade sobre sua identidade; identidade que foi mais ou menos negada por razões históricas, sociais, raciais ou outras, ou interrompidas pela centralização, urbanização, etc.»*. ⁶¹ Deste modo, pretende-se que o museu comece a desempenhar um papel catalisador e se apresente ao serviço das necessidades da sua população, enquanto instituição prestadora de serviços e promotora de desenvolvimento comunitário e sustentável. Quando assume essa função significa que reconhece a importância do território onde está inserido e atua não apenas como um simples centro de valorização do património e recursos locais, mas principalmente como agente de promoção da região e suporte para a educação permanente. Não é por acaso que a educação é uma das funções museológicas mais importante, pelo simples facto de contribuir para o acesso ao património cultural e às

⁵⁸ Mesa-redonda de Santiago do Chile, ICOM, 1972

⁵⁹ Hugues de Varine, «L'initiative communautaire: recherche et expérimentation», p. 25

⁶⁰ Maure, citado por Rute Muchacho em «Museu e Novos Média: a Redefinição do Espaço Museológico», p. 18

⁶¹ *Idem, ibidem*

manifestações culturais, «*tendo em vista a participação da comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos*». ⁶²

O Museu de Portimão tem pautado por esta dinâmica, onde o contacto e a proximidade com a comunidade e o reconhecimento da sua importância para o desenvolvimento local foram uma prioridade assumida desde o início da sua atividade. Em 1998, quando o programa museológico foi apresentado, um dos objetivos propostos era o de promover a interpretação da «*complexidade social e histórica dos períodos mais significativos da história local*»⁶³, distribuídos pela área do território portimonense, correspondente às suas três freguesias (Portimão, Alvor e Mexilhoeira Grande), e consequentemente, dinamizar o contacto da população com essa realidade patrimonial. Ora, foi com este plano em mente, que o museu se estruturou em torno de um «*Centro Multifuncional de recursos, serviços técnicos, educativos, documentais e artísticos, visando a criatividade, o debate, a animação, a formação, na perspetiva da diversidade de iniciativas e do desenvolvimento do museu como polo cultural acessível e aberto a todos*». ⁶⁴ As exposições permanente e temporárias são o primeiro recurso utilizado pelo museu para colocar a comunidade em contacto com a sua própria história e identidade, na medida em que, na maior parte dos casos, aquelas são o reflexo do património do território portimonense, pois contam com a participação da população, seja na doação ou empréstimo de peças, seja mesmo no fornecimento de dados relacionados com as atividades, técnicas e saberes que ela guarda, constituindo um elemento essencial à interpretação das mostras. A própria oficina educativa, tal como mostra a tabela 3, não propõe iniciativas exclusivamente direcionadas à coleção ou exposições do museu, pois existem casos em que as atividades se realizam fora da instituição e junto ao património do concelho, como nos monumentos megalíticos de Alcalar, onde os utentes são colocados em contacto com estes testemunhos.

Mas, estes não são os únicos eventos que sugerem a abertura da instituição ao exterior. Durante todo o ano, o museu organiza diversas atividades centradas no património cultural local, que não só vão ao encontro das populações e trabalham com essas o reconhecimento das suas próprias tradições e saberes, fazendo-as perceber como os seus conhecimentos são importantes para o reforço da identidade, como também pretendem estimular o sentido crítico e promover a valorização e conservação de

⁶² Lei-Quadro dos Museus Portugueses, Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, artigo 42.º

⁶³ José Gameiro, «Programa Museológico – Memória descritiva», 1998

⁶⁴ *Idem, ibidem*

memórias que se possam ter perdido. Os seguintes eventos e espaços são exemplos de como o museu de Portimão pode ser encarado como uma instituição ao serviço da sua comunidade e prestadora de serviços culturais e educativos:

5.1 - «Um dia na Pré-história»

A iniciativa cultural «Um dia na Pré-História» realiza-se desde 2006 nos Monumentos Megalíticos de Alcalar, como forma de assinalar o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios. Consiste numa recriação pré-histórica que retrata o modo de vida da comunidade que viveu em Alcalar há 5 mil anos e pretende dar a conhecer de uma forma interativa, o quotidiano dos habitantes de um território milenar, através de vários ateliês práticos e didáticos representativos das atividades de caça, olaria, tecelagem, fabrico de ferramentas, processos de talhe, preparação e cozedura de alimentos, instrumentos agrícolas, transporte de grandes monólitos, moagem, entre outros,

Os monumentos megalíticos de Alcalar são antigos túmulos edificadas no 3.º milénio a.C. e usados por várias gerações, ao longo de vários séculos. Organizados em diversos agrupamentos, formam um conjunto composto por uma necrópole «situada na proximidade imediata de um antigo aglomerado habitacional, cujas ruínas se estendem por uma superfície de cerca de 20 hectares».⁶⁵ As investigações que têm vindo a ser feitas no povoado desde o final do século XIX mostraram como a comunidade alcalarenses realizou diferentes atividades que lhe garantiu a sua subsistência e faziam parte da sua rotina diária, desde a agricultura, a pesca, marisqueiro, caça, pastorícia, moagem, tecelagem, metalurgia, construção de materiais e habitações, produção de cereais e exploração e gado. O conjunto está classificado como Monumento Nacional, é tutelado pela Direção Regional de Cultural do Algarve (DRCAlg) e gerido conjuntamente por essa entidade e o Museu de Portimão, em virtude de um protocolo estabelecido em março de 2012.

Foi com base neste enquadramento histórico e nos dados recolhidos dos estudos ao local que o museu de Portimão desenvolveu esta atividade pedagógica de dinamização cultural que visa promover estes monumentos e o seu contexto histórico e patrimonial, dar a conhecer o território onde habitaram as populações pré-históricas

⁶⁵ Direção Regional de Cultura do Algarve, «Monumentos megalíticos de Alcalar», disponível em: <http://www.monumentosdoalgarve.pt/pt/monumentos-do-algarve/monumentos-de-alcalar> (visualizado a 28/06/2018)

e a sua importância para o desenvolvimento dos sistemas de vida e rituais dessas comunidades, desenvolver atividades interativas, através de ateliês práticos, iniciativas experimentais e oficinas pedagógicas, para dar a conhecer a vida quotidiana destes habitantes e articular os resultados dos estudos científicos em curso, com os ateliês de arqueologia experimental realizados pelo Museu de Portimão, em estreita colaboração com reconhecidos especialistas neste domínio. A iniciativa está aberta a todos os visitantes que podem participar nos variados ateliês e assistir à preparação dos alimentos, sem recurso a fósforos nem facas, através de uma equipa especializada neste tipo de experimentação arqueológica, tendo em conta que se pretende «*uma aproximação a uma realidade histórica longínqua, tornando mais fácil, formativa, dinâmica e educativa a sua apropriação cultural e patrimonial*». ⁶⁶

Se a ação nasceu por iniciativa da oficina educativa do museu, rapidamente a sua organização se alargou à comunidade local, territorial e intermunicipal, suscitando a adesão de dezenas de voluntários, empresas e instituições como o Grupo de Amigos do Museu de Portimão (GAMP) e o Grupo de Teatro da Escola de Artes da Bemposta, que enriquece a recriação com encenações de rituais de enterramento junto do monumento funerário. Em 2015, a iniciativa envolveu pela primeira vez três municípios – Portimão, Monchique e Lagos⁶⁷ -, bem como as juntas de freguesia de Portimão, Alvor e Mexilhoeira Grande. Sempre em constante crescimento, a edição de 2015 veio trazer algumas inovações e novidades ao evento a nível da arqueologia experimental, na medida em que, pela primeira vez, foram usados instrumentos de pedra (sílex) para esquartejar um porco e fogo produzido por fricção que serviria para a confeção da respetiva carne. A par desta vertente, destaca-se a apresentação da cerveja pré-histórica, desenvolvida com base nos cereais e sementes recolhidas durante as escavações no local e que permitiu a arqueólogos e cervejeiros artesanais, em interação técnica e científica, produzir uma tipologia de cerveja fermentada, seguindo um modo similar de fabrico artesanal pré-histórico, com o recurso as plantas, bagas e sementes colhidas na zona envolvente dos monumentos. (Anexo 8).

⁶⁶ Museu de Portimão, «Um dia na Pré-História», (s.d.)

⁶⁷ Há cerca de 5 mil anos, o território de Alcalar estava compreendido entre Portimão, Lagos e Monchique e oferecia uma gama ampla de recursos de subsistência, o que levou a uma intensa ocupação humana neste local.

5.2 – «A nossa cultura sai à rua»

Para assinalar as Jornadas Europeias do Património, o museu de Portimão em parceria com a Junta de Freguesia de Mexilhoeira Grande, organiza, no adro da igreja desta vila, a iniciativa «A nossa cultura sai à rua», que tem o intuito de apelar a população a conhecer ou visitar as artes, saberes e sabores que marcaram o quotidiano de várias gerações. A primeira edição deste evento teve lugar em 2013, mas a sua génese remonta ao ano anterior, mediante um rigoroso e completo trabalho de identificação e registo dos pontos de interesse do património arqueológico, construído e imaterial da vila e freguesia de Mexilhoeira Grande, território rural por excelência do município de Portimão. Um dos principais objetivos da equipa do museu era o de identificar, junto da população desta freguesia, os imóveis, lugares, paisagens, ofícios, práticas e histórias que testemunhassem costumes, atividades e saberes relativos aos modos de vida rurais da vila. Ana Ramos, técnica do Museu de Portimão, explica que esta pesquisa junto dos habitantes mostrou *«um património cultural rural muito rico e vivo, onde a população local, grosso modo continua a perpetuar uma herança de saberes ligados ao conhecimento da natureza e sua relação com o trabalho no campo, com a criação de animais que se estendeu aos rituais gastronómicos, e às cerimónias festivas e religiosas e a forma como as mesmas, ao longo do tempo definiram um tecido urbano e um leque de práticas e saberes diversificados e um determinado estilo de vida, que articulam uma perspetiva mais tradicional com tendências recentes»*.⁶⁸

O primeiro ano desta iniciativa (2012), visto como uma experiência piloto, integrou as atividades em Alcalar⁶⁹ e consistiu numa ação de interpretação do território, dando a conhecer as artes e os saberes e divulgando as práticas ainda em funcionamento na vila. Neste sentido, foram convidadas a participar no evento algumas das pessoas que haviam sido contactadas na altura do trabalho de investigação e partilha de saberes: pão, cestaria em vime, remendar gatos, construção de taipa, doçaria, música, chás e mezinhas, jogos tradicionais, rendas e empreita. Após a primeira edição, o trabalho de investigação foi intensificado e começou a debruçar-se sobre as práticas agrícolas e outras com essas relacionadas, e no sentido de reforçar

⁶⁸ Ana Ramos, «A nossa cultura sai à rua», apresentação I Jornadas da Rede de Museus do Algarve intitulada Museus sem reserva?, 17 de março 2017, Convento do Espírito Santo, Loulé

⁶⁹ A localidade de Alcalar pertence à freguesia de Mexilhoeira Grande

o âmbito comunitário da freguesia, logo no ano seguinte, ou seja, em 2013, a festividade passou a realizar-se no adro da igreja matriz, mesmo no centro da vila.

De um modo geral, esta iniciativa consiste «*numa mostra de diversas artes, ofícios, artesanato locais, práticas enquadradas no território local como a agricultura e o marisqueiro*»⁷⁰, através da «*demonstração e transmissão de saberes ao vivo, com ateliers de interpretação do património ambiental, oficinas relacionadas com a arquitetura e materiais de construção tradicionais, pintura de pigmentos naturais, jogos*».⁷¹ De referir que esta é uma celebração em constante crescimento, não apenas no número de produtores aderentes, como também a nível das entidades cooperantes que participam na realização de eventos paralelos ou na conceção de pratos gastronómicos com produtos locais e regionais.⁷² Veja-se, por exemplo, o caso da Santa Casa da Misericórdia de Alvor que ajuda o museu de Portimão a organizar um roteiro cultural pelas ruas da vila ou da sociedade recreativa da Figueira que promove um stand alusivo ao marisqueiro, servindo uma refeição regional com produtos do mar. Importa acrescentar que este não é um trabalho que reporta apenas aos dois dias da iniciativa, mas sim a todo o ano, tendo em conta que o museu procura dar continuidade à investigação e acompanhar a vida daquela comunidade, visitando as pessoas, filmando e participando nos eventos, festas e cerimónias locais ou até nos funerais que faz questão de não perder e concretizando projetos de algumas pessoas que recorrem à instituição pedindo ajuda.

Ora, ao desenvolver este trabalho, o museu de Portimão assume um papel de intervenção no desenvolvimento cultural, social e económico desta vila, está mais próximo da realidade que pretende representar e também a valorização dos saberes que estão fora da sua estrutura é maior. (Anexo 9).

5.3 – Centro de Documentação e Arquivo Histórico

O Centro de Documentação e Arquivo Histórico (CDAH) é um serviço público do concelho de Portimão, integrado no museu desta cidade, «*que tem por missão salvar, organizar e difundir a informação que permita a apreensão global e*

⁷⁰ Ana Ramos, «A nossa cultura sai à rua», apresentação I Jornadas da Rede de Museus do Algarve intitulada *Museus sem reserva?*, 17 de março 2017, Convento do Espírito Santo, Loulé

⁷¹ *Idem, ibidem*

⁷² O evento já conta com cerca de 60 colaborações, entre entidades e particulares, sem contar com as pessoas com as quais o museu tem feito trabalho de campo e não integram a festa.

*cronológica das temáticas históricas e realidades político-económicas, sociais e culturais do Município de Portimão e do Algarve».*⁷³ Destinado a alunos, professores, investigadores e toda a comunidade em geral, este serviço é fruto do trabalho desenvolvido pela CIMP, a partir do ano de 1984, que, em concordância com os esforços e vontade da edilidade e população local, disponibiliza parte da bibliografia e documentação escrita e iconográfica da história local e regional, devidamente inventariada e organizada, após aquisição e recolha junto de bibliotecas, arquivos e entidades públicas e privadas.

*«Contribuir para a renovação e o desenvolvimento dos hábitos culturais, ligados ao conhecimento, investigação e divulgação da história, da vida e identidades locais»*⁷⁴ foi desde sempre o objetivo deste serviço, que atualmente se mantém e reforça, mas num espaço modernizado, acessível e bastante aprazível, com bonitas vistas sobre o rio Arade. Sempre em contínuo crescimento, as secções do CDAH podem ser divididas em três:

- a) **Biblioteca:** constituída por livros, revistas e jornais que abrangem temas como história, arqueologia, etnografia, museologia, património cultural, história da arte, história local e regional, indústria, entre outros. Refira-se que todos estes são apenas de consulta exclusiva no CDAH, não sendo possível a sua requisição. Todavia, existe serviço de fotocópia ou digitalização, que é pago;
- b) **Arquivo Iconográfico:** composto por fotografias, gravuras, desenhos, postais, mapas, diapositivos relacionados com a memória visual de Portimão e outros pontos do Algarve;
- c) **Arquivo Histórico:** compreende quatro núcleos, dos quais fazem parte uma série de manuscritos e documentos das seguintes propriedades:
 - a. **Núcleo Municipal** – manuscritos, documentos, atas de vereação, décima de juros, sisas, livros de registo, expostos, portagens, que a Câmara de Portimão foi produzindo ao longo de séculos, como reflexo da sua atividade administrativa;
 - b. **Núcleo Industrial** – com documentos de empresas sediadas em Portimão. Para além da «Feu Hermanos», também é possível encontrar

⁷³ Site oficial do museu de Portimão, disponível em: <https://www.museudeportimao.pt/informacao-cdha> (visualizado a 15/06/2018)

⁷⁴ Folheto Centro de documentação e informação, Comissão Instaladora do Museu de Portimão

referências às sociedades de Júdice Fialho e de Calé, esta última dedicada ao setor de barcos e pesca;

- c. **Núcleo das instituições religiosas** – abrange a documentação compreendida entre os séculos XIX e XX;
- d. **Núcleo da Torre do Tombo** – constituído por documentos e transcrições sobre o concelho de Portimão dos séculos XV – XVIII.

Importa ainda referir que o CDAH está equipado com mesas e cadeiras para consulta confortável dos documentos, computadores com acesso à Internet, que permitem a pesquisa pelo catálogo online da bibliografia e documentação disponível e um espaço próprio e condições para busca de material em suporte de microfilme. (Anexo 10).

5.4. Auditório

O auditório do museu pode ser alugado por entidades públicas e privadas do município de Portimão e é vocacionado para vários tipos de utilização, desde seminários a concertos, passando por sessões de cinema, teatro, apresentação de produtos, entre outros. Tem capacidade para 171 pessoas e dispõe de quatro lugares para mobilidade reduzida.

CAPÍTULO II – REDES MUSEOLÓGICAS: O CASO DA REDE DE MUSEUS DO ALGARVE

1. Conceito de rede e o seu alargamento à museologia – a Rede Portuguesa de Museus

Hoje, mais do que nunca, vivemos numa era cuja revolução tecnológica permite uma rápida disseminação da informação e da comunicação entre sujeitos, pelo simples facto de estarmos inseridos numa sociedade interconectada, onde as distâncias se encurtam e as noções de tempo e espaço se alteram. A palavra “rede” já se tornou tão banal no nosso vocabulário que não pensámos nela com a multiplicidade de significados que efetivamente tem e muito menos no valor que hoje representa para a nossa vida. Facilmente associamos este conceito à tecnologia pela forma como ela modifica as relações sociais, através de um conjunto de computadores e outros dispositivos conectados uns aos outros. Mas na verdade, a rede é algo mais vasto e pode ajustar-se a outras vertentes como a economia, a educação e até a cultura. Se originariamente o seu significado nos remetia para um objeto físico, ou seja, uma espécie de malha formada por um entrelaçado de fios, cordas, arames, ou outro material, podendo igualmente designar um aparelho armado para apanhar peixes, insetos, pássaros, rapidamente foi ganhando novos sentidos e no final do século XX já estava relacionada com áreas tão diversificadas como a medicina, topografia, geografia, engenharia, matemática, biologia, indústria, informática, história, sociologia e museologia.

A extensão do conceito de rede a áreas científicas tão distintas deve-se ao processo da globalização e da informatização, que trouxeram consigo grandes transformações no plano económico, político e sociocultural. As novas tecnologias da informação e da comunicação introduziram crescentes interligações entres Estados e vieram facilitar a integração e partilha de informações, culturas e mercados à escala mundial, quebrando barreiras geográficas e permitindo que as atividades por todo o mundo se desenrolem de uma forma mais eficaz. No início do século XXI, Manuel Castells apresentou uma nova leitura do mundo contemporâneo, apresentando a importância deste novo cenário social: *«as funções e os processos dominantes, na Era da Informação, organizam-se, cada vez mais, em torno de redes e isto representa o auge de uma tendência histórica»*.⁷⁵ Quer

⁷⁵ Manuel Castells, «A Era da Informação: Economia Sociedade e Cultura», p. 604

isto dizer que se moldaram novos métodos de trabalho e de organização social, em torno de redes, as quais, segundo o mesmo autor, «*são as formas de organização mais flexíveis e adaptáveis, seguindo de um modo muito eficiente o caminho evolutivo dos esquemas sociais humanos*». ⁷⁶ Neste sentido, passamos a viver numa sociedade “informacional”, organizada em rede e moldada como uma forma específica de organização social, na qual a produção, processamento e transmissão da informação se tornam nas fontes de produtividade e de poder em virtude das novas condições tecnológicas.

Este modelo de organização da sociedade contemporânea tem vindo a ser uma opção de muitas instituições culturais, como bibliotecas, arquivos, teatros e museus, pois, rapidamente, os seus promotores perceberam que as redes culturais contribuíam para a cooperação e articulação entre entidades, mediante a constituição de parcerias e partilha de informação. Em 2003, o sociólogo Augusto Santos Silva, atual Ministro dos Negócios Estrangeiros, explicava que as redes associadas à cultura em Portugal tinham diversos objetivos como construir ou adaptar espaços culturais, qualificar serviços e recursos humanos, apoiar técnica e financeiramente projetos, bem como prover as instituições de equipamentos. ⁷⁷

Também no campo da museologia, as redes são cada vez mais uma realidade, na medida em que não só vêm quebrar barreiras e preconceitos nos museus nacionais, como também trazer grandes alterações na sua forma de trabalhar e de se relacionar, de forma a reforçar a comunicação entre instituições e entre elas e os seus públicos. As primeiras tentativas para estabelecer uma rede de museus em Portugal remonta ao Estado Novo, onde os museus regionais, que foram concebidos em torno de uma esfera etnográfica, e as autarquias, das quais aqueles dependem, assumiram particular importância. Foi assim, pela mão de João Couto, então diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), que partiu a iniciativa de criar, em 1941, uma «Rede de Museus do Estado», a qual não teve as consequências esperadas, à semelhança das propostas por Luís Chaves e Sebastião Pessanha acerca de uma Rede Nacional de Museus de Etnografia, apresentadas durante o mesmo período político.

Assim, será somente após a revolução de Abril de 1974 que as questões em torno da museologia e das redes de museus voltam a ser uma prioridade. Neste período foi

⁷⁶ Manuel Castells, «A sociedade em rede: do conhecimento à política», in Debates Presidência da República, p. 17

⁷⁷ Augusto Santos Silva, «As redes culturais: balanço e perspectivas da experiência portuguesa, 1987-2003», p. 250

crucial o papel do Secretário de Estado da Cultura, David Mourão-Ferreira, que propôs a criação de quatro grupos de trabalho⁷⁸ para o estudo da legislação, da orgânica, do ensino e das carreiras do pessoal dos museus, numa tentativa de suprir as deficiências, fragilidades e problemas que muitas instituições atravessavam no decorrer da sua governação. Mas o grande momento foi quando o político pediu aconselhamento à UNESCO a fim de melhorar a coordenação entre os museus existentes, descentralizar a sua ação e a criar novos museus com «larga participação popular». O pedido foi encaminhado para o Conselho Internacional de Museus (ICOM), ficando encarregado deste trabalho o museólogo sueco e diretor do Museu de Västerbotten, Per Uno Agren, que entre 1976 e 1979 identificou os principais problemas dos museus portugueses e advertiu para a necessidade de ser criada uma rede de museus, depois de ter visitado cerca de 30 coleções, museus e projetos locais e realizado três seminários, onde estiveram envolvidos mais de 100 pessoas em torno do tema «Museus e Populações locais – participação e integração».⁷⁹ Com base nos relatórios desta missão, Clara Frayão Camacho explica que Agren considerou três ordens principais de problemas nos museus portugueses, como sendo problemas de instalações, problemas científicos – no que toca aos métodos de aquisição e de documentação das coleções – e ausência de atividades educativas⁸⁰, e recomendou um conjunto de medidas estruturais, das quais se destaca a criação de uma rede de museus, tendo por base a constituição e reforço dos museus regionais, considerados como irradiadores territoriais dessa rede. Mais uma vez, as recomendações não foram concretizadas.

Em 1980, é criado o Instituto Português do Património Cultural (IPPC). No ano seguinte, a presidente deste novo organismo, Natália Correia Guedes, entrega um Plano Museológico Nacional, onde reconhece a necessidade de constituir uma rede museológica nacional, na qual haveria instituições a cumprir funções de museus especializados e outras a constituir museus coordenadores regionais, ou seja, «*os museus do IPPC localizados nas capitais de distrito prestariam assistência aos “pequenos museus” do respetivo território*».⁸¹ Todavia, após quatro anos de experiência, o plano museológico foi extinto,

⁷⁸ Os quatro grupos de trabalho foram os seguintes: Comissão ad hoc encarregada de estudar a reforma da legislação dos Museus Portugueses, o Grupo de Trabalho para o Estudo da Instalação de Novos Museus, o Grupo para o Estudo do Curso de Museologia e a Comissão Organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural.

⁷⁹ Clara Camacho «Na senda das redes: caminhos e descaminhos da Museologia no Portugal democrático», in Revista da Faculdade de Letras, p. 251, 2014

⁸⁰ *Idem, ibidem*

⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 252

tendo em conta que não foram reunidos os meios e recursos necessários para a sua concretização efetiva. Apesar destas dificuldades, durante toda a década de 80 verificase uma intensa proliferação de museus um pouco por todo o país, maioritariamente inspirados no movimento da Nova Museologia, e sobretudo de carácter autárquico ou por ação das associações de defesa do património que também se desenvolvem nesta altura.

Ora, este fator levou a que as problemáticas sobre as redes museológicas voltassem a ser questionadas, nomeadamente ao longo da década de 90, quando a museologia estava já destacada do património cultural e alicerçada num organismo próprio, o Instituto Português de Museus (IPM), criado em 1991. Também a publicação das Declarações de Québec, em 1984 e de Caracas em 1992, que propunham uma intervenção social mais ativa por parte dos museus, tiveram particular importância na mudança de mentalidades e trouxeram novamente para a discussão os temas da articulação territorial e das redes, amplamente debatidos em vários colóquios e encontros na área da museologia. Como exemplo disso, veja-se os Encontros de Museologia e Autarquias, promovidos pela Universidade Lusófona, que tiveram lugar no Seixal, em 1996, e em Portimão no ano seguinte, onde a temática das redes foi o assunto mais relevante. Quanto a este último encontro, destaca-se o facto de se ter realizado apenas cinco meses depois da publicação da Lei Orgânica do IPM⁸², Decreto Lei n.º 161/97 de 26 de junho de 1997, que já indicava a criação da Rede Portuguesa de Museus (RPM), especificando que esta organização seria «*constituída por museus dependentes do IPM ou pertencentes ao Estado, a autarquias ou a outras pessoas coletivas públicas ou privadas que integrem nos seus acervos espécies de reconhecido valor e interesse*».⁸³ De acordo com Dália Paulo⁸⁴, foi o primeiro fórum público onde se debateu a futura Rede Portuguesa de Museus, bem como a sua estrutura e orientações, uma vez que foram apresentados os primeiros objetivos.⁸⁵ Ainda na década de 90, importa mencionar a edição do «Documento Preparatório para uma Lei de Bases do Sistema Museológico Português», da responsabilidade da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) e da Comissão Nacional do ICOM, propondo a elaboração de uma nova lei de bases do sistema museológico português.

⁸² O IPM foi criado em 1991, pelo Decreto-Lei 278/91, de 9 de agosto

⁸³ Decreto-lei 161/97, de 26 de junho

⁸⁴ Dália Paulo, «Do gueto à partilha dos Museus do Algarve», in *Cadernos de Sociomuseologia* (2011), p. 253

⁸⁵ Cooperação nacional e local na interação e no apoio a projetos de formação, de mobilidade de pessoal, de conservação, de investigação e comunicação; horizontalidade e flexibilidade das estruturas em rede e transversalidade na relação institucional e respeito pela individualidade; realização de um levantamento real e rigoroso do panorama museológico nacional e criação de serviços descentralizados de apoio.

A verdade é que após um intenso trabalho de preparação, do qual se destaca o inquérito aos museus portugueses, promovido em 1998 pelo IPM em colaboração com o Observatório das Atividades Culturais (OAC), com o objetivo de conhecer as características dos museus e coleções em Portugal, bem como as principais carências dessas instituições⁸⁶, foi criada a Estrutura de Projeto da Rede Portuguesa de Museus (EPRPM), mediante o Despacho Conjunto n.º 616/2000, de 17 de maio, com a duração de três anos, sendo sua função «*estudar e propor o modelo da Rede Portuguesa de Museus tendo em conta a diversidade e expressão da realidade museológica nacional*».⁸⁷ O documento alertava ainda para o facto desta estrutura ter, além da mencionada, outras finalidades como elaborar os programas de apoio a museus, acompanhar e prestar apoio técnico a projetos, estabelecer as formas de cooperação, emitir pareceres sobre a integração de museus na RPM e organizar ações de formação. A EPRPM estava prevista inicialmente para terminar em 2003, mas acabou por ser prorrogada até junho de 2005, altura em que foi criada a Estrutura de Missão da RPM.

Em 2001, foi elaborado um documento programático que reunia os contributos de vários agentes ligados à museologia portuguesa, os quais foram compilados no livro «Rede Portuguesa de Museus: Linhas Programáticas», da autoria de Clara Camacho, Cláudia Freire Pignatelli e Joana Monteiro. Nele se determina o conceito de RPM e se estabelece os princípios e objetivos, bem como se define uma estruturação faseada em três eixos: Informação, Formação e Qualificação. Assim, de acordo com as autoras referidas, a RPM consiste num «*sistema de mediação e de articulação entre entidades de índole museal, tendo por objetivo a promoção da comunicação e da cooperação com vista à qualificação da realidade museológica portuguesa*».⁸⁸ No que toca aos princípios fundamentais da RPM, as mesmas linhas programáticas defendem a importância da articulação, da comunicação, da cooperação, da partilha, da flexibilidade, da transversalidade, da potenciação dos recursos, da inclusão e da participação.

Relativamente aos três eixos de trabalho, refira-se o da informação com a finalidade de divulgar as ações da RPM e respetivos museus que, até 2011, foi desenvolvido através de vários instrumentos de informação como a página da internet do Instituto dos Museus

⁸⁶Para além do grande número de instituições autodenominadas «museu», este relatório também declarou a grande diversidade tipológica das coleções e das temáticas dominantes do respetivo acervo, a concentração dos museus a norte de Lisboa e o predomínio da tutela local. Foram ainda detetadas algumas carências como recursos humanos e financeiros.

⁸⁷ 1.º Boletim trimestral da Rede Portuguesa de Museus, p. 2

⁸⁸ Clara Camacho, Cláudia Pignatelli e Joana Monteiro, «Rede Portuguesa de Museus: Linhas Programáticas», p. 32

e da Conservação (IMC) ou a edição do boletim trimestral, dirigido aos profissionais de museus, que visava a partilha de ideias sobre as práticas museológicas portuguesas.⁸⁹ Por outro lado, o eixo da formação caracteriza-se por promover, de forma descentralizada, várias ações que difundam e aconselhem as boas práticas museológicas. Finalmente, o eixo da qualificação relaciona-se com os programas de apoio financeiro a instituições integrantes da RPM, para a sua modernização, renovação e valorização. Um dos principais programas de apoio que merece destaque é o Programa de Apoio à Qualificação de Museus (PAQM), criado através do Despacho Normativo n.º 28/2001, o qual veio «*disponibilizar apoios técnicos e financeiros a museus não dependentes da administração central, no âmbito de uma política global para o sector museológico*».⁹⁰ Em 2007, no ano em que se deu uma reestruturação da administração central, levando ao surgimento do IMC⁹¹, este programa foi reformulado e substituído pelo ProMuseus, que atuava em quatro áreas prioritárias: Informatização do inventário, Conservação e Segurança, Reservas, e Parcerias. Refira-se que o programa foi suspenso em 2012, devido à falta de recursos e meios humanos, técnicos e financeiros, a par da atividade da RPM que foi interrompida, decorrente do processo de transição para a atual Direção-Geral do Património Cultural (DGPC).⁹² Contudo, em abril de 2013 foi constituída uma nova equipa técnica que retomou a atividade pública da rede, com a realização de três reuniões descentralizadas com os museus que integram a RPM, às quais se seguiram o recrudescimento da credenciação de museus, o lançamento de novos instrumentos de divulgação, como a página de Facebook e a reabertura do programa de formação, no ano seguinte.⁹³

Em 2004, com a entrada em vigor da Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Lei nº 47/2004, de 19 de agosto), dá-se uma reformulação da noção e objetivos da RPM, bem como do conceito de museu, substituindo a designação atribuída pelo ICOM, até então usado pela RPM.

⁸⁹ Uma vez que este boletim já não é editado, todos os números até 2011 estão disponíveis para consulta no site da Direção Geral do Património Cultural (DGPC), atual organismo da administração central.

⁹⁰ Despacho Normativo n.º 28/2001, de 7 de junho

⁹¹ O IMC foi criado em 2007, no âmbito do Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE), unindo os anteriores Instituto Português de Museus e Instituto Português de Conservação e Restauro, assim como a Estrutura de Missão Rede Portuguesa de Museus.

⁹² A DGPC foi criada a 25 de maio de 2012, através da publicação do Decreto-Lei n.º 115/2012, resultante da fusão entre o Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) e o Instituto da Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR).

⁹³ Clara Camacho «Na senda das redes: caminhos e descaminhos da Museologia no Portugal democrático», in Revista da Faculdade de Letras, p. 257

A partir deste documento legislativo, o museu é visto como *«uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos; b) facultar o acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade»*.⁹⁴ Duas grandes diferenças que este conceito veio trazer em comparação com a noção do ICOM⁹⁵ foram o alargamento do âmbito do património ao «conjunto de bens culturais», em detrimento dos «testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente», que a definição internacional sugeria e a obrigatoriedade em valorizar todos esses bens através do cumprimento das funções museológicas.

Já a RPM passou a ser designada como um *«sistema organizado, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus»*.⁹⁶ Entre outros objetivos, a legislação veio estabelecer a promoção do rigor e do profissionalismo das práticas museológicas e das técnicas museográficas, difundir a informação relativa aos museus, descentralizar recursos, fomentar a articulação entre museus e permitir a cooperação institucional e a articulação entre museus.⁹⁷ Como foi mencionado acima, a adesão à RPM é voluntária, independentemente da dimensão, localização, tutela, temáticas e coleções do museu. Até 2003, o principal requisito de candidatura era o cumprimento da função social e da capacidade de conservação, mas com as exigências introduzidas pela legislação no ano seguinte, as entidades museológicas foram obrigadas a adaptar-se a um novo sistema de credenciação, onde a grande condição é o cumprimento de todas as funções museológicas estabelecidas na Lei-Quadro. O Despacho Normativo n.º 3/2006 é o formulário legal com as normas e documentação obrigatória que as instituições interessadas devem entregar no ato de candidatura, como o programa museológico, plano

⁹⁴ Lei-Quadro dos Museus Portugueses – Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, artigo 3.º

⁹⁵ Para o ICOM, o museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

⁹⁶ Lei-Quadro dos Museus Portugueses – Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto, artigo 102.º

⁹⁷ *Idem, ibidem*, artigo 103.º

de conservação preventiva, política de incorporações, plano de segurança e estatutos internos. Atualmente, a RPM é composta por 149 museus.⁹⁸

2. Redes geográficas de museus

Tanto a ação da RPM como a publicação da Lei-Quadro dos Museus Portugueses tiveram um papel relevante na mudança de mentalidades dos profissionais de museus, assim como da função destes para a sociedade, na medida em que nos últimos anos se tem assistido ao surgimento de novas realidades de organização em rede entre instituições, de âmbito territorial, como é o caso da Rede de Museus do Algarve (RMA), que veremos mais adiante. As redes de museus regionais são uma realidade no país e ilhas, tendo em conta que vieram «*quebrar barreiras e colocar os atores a dialogar*», permitir que os museus envolvidos saiam «*do seu gueto, das suas paredes, das suas coleções e olhar o território*».⁹⁹ Para além disso, as redes regionais constituem uma forma de diminuir custos de funcionamento e otimizar os meios existentes pela partilha de sinergias entre cada unidade e o facto de serem de adesão voluntária não implica que os museus estejam credenciados.

Entre os vários trabalhos que, nos últimos anos, se têm vindo a debruçar sobre este tema, começo por destacar um estudo de Dália Paulo (2011), no qual foram identificadas 19 redes de índole geográfica, as quais podem ser distinguidas pela abrangência territorial e tutelas. A museóloga define onze redes municipais, em que todas as entidades são de tutela municipal, cinco redes concelhias, em que a área geográfica do concelho é o que reúne os membros da rede independentemente da tutela e três mistas, isto é, que englobam diferentes tutelas e áreas geográficas alargadas de âmbito intermunicipal, na qual se insere a RMA.¹⁰⁰

⁹⁸ Direção Geral do Património Cultural, «Rede Portuguesa de Museus», disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/> (visualizado a 06/07/2018)

⁹⁹ Dália Paulo, «Do gueto à partilha dos Museus do Algarve», in *Cadernos de Sociomuseologia* (2011), p. 256

¹⁰⁰ *Idem, ibidem*, pp. 255 - 262

Redes Municipais	Redes Concelhias	Redes Mistas
<p>1. Rede Municipal de Museus de Santa Maria da Feira (2000) – Museu Convento dos Lóios;</p> <p>2. Rede Museológica de Tavira (2001) – Museu Municipal;</p> <p>3. Rede Municipal de Museus de Loures (2003) – Museu da Quinta do Conventinho;</p> <p>4. Rede de Museus e Galerias Municipais de Óbidos (2004) – Museu Municipal;</p> <p>5. Rede de Museus de Cascais (2005) – Divisão de Museus;</p> <p>6. Rede Municipal de Museus de Mogadouro (2007);</p> <p>7. Rede de Museus de Loulé (2007) – Museu Municipal;</p> <p>8. Rede de Museus do Freixo (2008) – Museu Municipal;</p> <p>9. Rede Municipal de Museus de Arruda dos Vinhos (2009) – Divisão Sociocultural;</p> <p>10. Rede de Museus Municipais de Aveiro (2009) – Divisão de Museus e Património Histórico e</p> <p>11. Rede de Museus de Santarém – Departamento Sociocultural.</p>	<p>1. Rede Local de Museus das Caldas da Rainha (2003) – Museu Municipal;</p> <p>2. Rede de Museus do Concelho de Estremoz (2006) Museu Municipal;</p> <p>3. Rede de Museus de Matosinhos (2006) – Divisão de Cultura e Museus;</p> <p>4. Rede de Museus de Vila Real (2008) – Museu de Arqueologia e Numismática;</p> <p>5. Rede de Museus de Famalicão (2009)</p>	<p>1. Rede de Museus do Minho (2006) – Museu de Alberto Sampaio;</p> <p>2. Rede de Museus do Douro (2007) – Museu do Douro;</p> <p>3. Rede de Museus do Algarve (2007)</p>

Tabela 4 - Redes de museus

Adaptado de Dália Paulo, «Do gueto à partilha nos Museus do Algarve», in Cadernos de Sociomuseologia, 41, 2011

De âmbito académico há que referir as teses de mestrado e de doutoramento de Jorge Santos e Daniel Calado Café, respetivamente. O primeiro enumera apenas nove redes de museus, das quais fazem parte trezes instituições que integram a RPM e identifica mais uma rede regional, que a museóloga algarvia não detetara: Rede de Museus dos Açores.¹⁰¹ Por outro lado, o segundo estudo apurou 48 redes museológicas, resultantes da aplicação de um inquérito ao universo dos 308 municípios de Portugal continental e dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, entre junho de 2008 e dezembro de 2009.¹⁰²

Embora não tenham sido contempladas nestes trabalhos, merecem aqui destaque mais duas redes, - uma regional e outra concelhia - pelo trabalho que têm vindo a desenvolver, nomeadamente em territórios de baixa densidade. A primeira é a Rede de Museus do Baixo Alentejo (RMBA), criada informalmente em 2009, por ação dos técnicos de museus do distrito de Beja que, à semelhança da RMA, pretende incentivar a parceria e colaboração entre os diversos museus e potenciar projetos conjuntos para estudos, formação, promoção e divulgação. A RMBA é composta apenas por museus mono-tutelados dos municípios de Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Mértola, Moura, Ourique, Serpa e Vidigueira e este trabalho em rede valeu o prémio da APOM em 2018, na categoria de «Parceria», pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido por estes 12 municípios em prol da preservação e divulgação do património daquela região, que se tem concretizado em diversas ações, como foi o caso da exposição «História da Escrita no Baixo Alentejo – das origens aos nossos dias», que desde junho de 2017 tem circulado pelos museus desta rede.

A segunda rede é ainda recente, tendo sido criada em 2016, sob a designação de «Rede de Museus e Equipamentos Culturais de Évora», que se define «*como uma intervenção integrada de apoio à organização, promoção conjunta e melhoria da informação dos museus e de outros espaços de atração cultural da cidade de Évora com relevo patrimonial e turístico*».¹⁰³ Esta rede integra 17 pontos de referência museológica, maioritariamente situados no interior da muralha da cidade, que pela primeira vez se juntam e concordam na criação de uma plataforma comum de gestão da oferta cultural a

¹⁰¹ Jorge Santos, «RPM: as formas de articulação e cooperação inter-museus», p. 89

¹⁰² Daniel Calado Café, «Redes em teias museológicas: sociomuseologia, redes museológicas locais e o Museu do Território de Alcanena», p. 187

¹⁰³ PowerPoint de apresentação da rede, Site da Cátedra UNESCO Universidade de Évora, disponível em: http://www.catedra.uevora.pt/unesco/index.php/unesco_pt/Investigacao/Projetos-abertos-a-comunidade/Rede-de-Museus-e-Equipamentos-Culturais-de-Evora-Portugal (visualizado a 19/07/2018)

partir dos museus e coleções que possuem. O projeto da rede foi dinamizado pela Universidade de Évora, por iniciativa de João Brigola, docente na instituição e atualmente conta com a parceria de nove entidades daquela cidade, sendo cinco de carácter público e quatro de âmbito privado: Universidade de Évora; Direção Regional de Cultura do Alentejo; Câmara Municipal de Évora; Biblioteca Pública de Évora; Entidade de Turismo do Alentejo e Ribatejo; Arquidiocese de Évora; Fundação Eugénio de Almeida; Casa Cadaval; Museu do Relógio.

3. Rede de Museus do Algarve

O museu de Portimão foi um dos primeiros espaços da região algarvia a originar e integrar a RMA, pelo que neste ponto se considera pertinente perceber a sua constituição, os seus objetivos e princípios, bem como as contribuições que tem tido sobre as instituições museológicas algarvias. Todavia, começo este ponto a fazer uma breve resenha da realidade museológica da região, de forma a dar a entender os antecedentes e os motivos que levaram à constituição desta estrutura.

3.1 - Realidade museológica do Algarve

O Algarve é composto por dezasseis municípios. Praticamente em todo o território é possível encontrar diferentes espaços de cariz museológico, entre museus, polos ou núcleos museológicos, casas-museu, centros interpretativos e parques museológicos. Em 2012, na sua dissertação de mestrado, Isabel Soares indicava que em setembro do ano anterior, existiam no Algarve noventa e cinco unidades de carácter museológico, das quais estavam abertas ao público setenta e oito instituições.¹⁰⁴ No mesmo ano, Dália Paulo explicava que 54.16% das unidades museológicas existentes na região abriram ao público somente após 1974, sendo predominantes nas suas coleções as temáticas incidentes na arqueologia (12.24%) e etnografia (18.75%), tal como a sua tutela, que é maioritariamente municipal (791,79%).¹⁰⁵

Relativamente aos primeiros museus algarvios, refira-se que eles surgiram já no final do século XIX. Após tentativa de Estácio da Veiga¹⁰⁶, foi preciso esperar até 1889

¹⁰⁴ Isabel Soares, «Rede de Museus do Algarve: funcionamento e potencialidades», p. 30

¹⁰⁵ Dália Paulo, «Do gueto à partilha dos Museus do Algarve», *in* *Cadernos de Sociomuseologia* (2011), pp. 265 - 268

¹⁰⁶ O arqueólogo tavnense fundou o «Instituto Archeológico do Algarve», que solicitara ao Ministro do Reino a reorganização do Museu Provincial de Arqueologia, a ser instituído em Faro, com a finalidade de

para ver nascer, definitivamente, o primeiro museu no Algarve, o Museu Industrial e Marítimo de Faro, instalado na então Escola Industrial Pedro Nunes, que funcionava como um museu-escola e tinha o objetivo de desenvolver a indústria e reforçar a salvaguarda das tradições locais, tendo em conta que possuía uma coleção composta por peças relacionadas com a atividade da pesca, recolhidas por Baldaque da Silva. Atualmente, corresponde ao Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão, situado na capitania de Faro e apresenta-se em três salas distintas (Baldaque da Silva, Lyster Franco, Manuel Bívar), «*onde se encontram expostos navios de pesca e outras embarcações, aparelhos e utensílios de pesca, instrumentos, aparelhos e material de bordo, entre outros*».¹⁰⁷ Cinco anos volvidos, surge o Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, também em Faro, inaugurado pelo Cónego Joaquim Pereira Boto e assim denominado por ocasião das comemorações do quinto aniversário do nascimento do Infante D. Henrique. Inicialmente, este museu foi instalado nos Paços do Concelho, mas em 1914 foi transferido para a Igreja do antigo Convento de Santo António dos Capuchos, onde se manteve até 1972 e finalmente, em 1973, passou a funcionar no Convento de Nossa Senhora da Assunção, local onde permanece até hoje, mas com a designação de Museu Municipal de Faro. A ausência de uma política de incorporações fez com que este museu conte atualmente com uma coleção bastante diversificada, desde pintura antiga, artefactos arqueológicos, brinquedos, objetos de cariz militar e cartazes, resultante, em grande parte, de doações ou de recolhas efetuadas pelos diferentes diretores, sem qualquer organização. Na década de 90 do século XX, o museu foi alvo de uma intensa reestruturação e reorganização em diversas áreas, o que permitiu a sua credenciação por parte da RPM, pelo cumprimento de todas as funções museológicas, exigidas por lei.

São precisos mais de trinta anos para que se veja surgir novos museus no Algarve. Novamente pelas mãos de um arqueólogo, desta feita, José Formosinho, também ele importante figura para a história desta região, evidenciou-se pela recolha de um variado acervo histórico, arqueológico, etnográfico e religioso, originando uma coleção heterogénea que viria a dar origem ao acervo do atual Museu Municipal Dr. José Formosinho, em Lagos. O museu abriu ao público em 1931, com a designação de Museu

conservar e expor os materiais saídos das suas escavações. Dadas as dificuldades que sentiu, foi obrigado a depositar o seu espólio em Lisboa, nas instalações da Academia Real de Belas Artes e anos mais tarde, no Museu Etnográfico Português, atual Museu Nacional de Arqueologia (MNA).

¹⁰⁷ Rede de Museus do Algarve, «Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão», disponível em: <https://museusdoalgarve.wordpress.com/about/museu-maritimo-almirante-ramalho-ortigao/> (visualizado a 13/07/2018)

Regional de Santo António e integrava uma coleção de arte sacra, que ocupou a sacristia da Igreja consagrada àquele santo.¹⁰⁸ Em 1934, realizaram-se algumas obras de adaptação e ampliação, ficando instalado no edifício anexo à igreja, os núcleos da arqueologia, etnografia e numismática,¹⁰⁹ o que levou à alteração do nome da instituição para Museu Regional de Lagos, dois anos depois. A partir de 1988, passou a ser conhecido pelo nome que ainda hoje mantém, em homenagem ao seu fundador.

Ainda na década de 30, surge em Faro o Museu Antonino, fundado em 1932 pelo então presidente da câmara daquela cidade, Mário Lyster Franco, na capela de Santo António do Alto, onde foram integrados todos os objetos relacionados com o culto antoniano. Uma das razões pelas quais este museu foi criado teve que ver com o elevado número de visitantes a esta ermida, devido à vista panorâmica que oferece sobre a cidade, pelo que foi decidido dignificar o espaço com uma intervenção no edifício e consequente instalação do acervo.¹¹⁰ O museu encerrou no final do século XX, tendo as suas coleções sido transferidas para o Museu Municipal de Faro.

Após um segundo interregno de quase trinta anos no âmbito da museologia algarvia, são estabelecidos na região quatro novos museus, perfazendo um total de oito instituições abertas ao público antes do novo regime democrático, instaurado pela revolução de 1974. Ainda assim, o Roteiro dos Museus de Portugal, publicado pelo IPPC em 1981, apenas referenciava cinco unidades museológicas, quatro em Faro e uma em Lagos.¹¹¹ O quarto museu farenses assinalado neste relatório foi o Museu Etnográfico Regional de Faro, inaugurado em 1962 pela Junta Distrital, reunindo uma coleção composta por peças representativas do Algarve, desde fotografias a artefactos de artesanato local, recolhidas pelo pintor Carlos Porfírio e resultantes de doações públicas. Na década de 80, viu o seu nome alterado para Museu Regional do Algarve, apesar do acervo não ter sofrido qualquer alteração nos últimos anos, acentuado a *«ausência de um projeto de investigação etnográfica para o Algarve, por inexistência programática e museológica, por escassez de recursos humanos e financeiros, no sentido de um efetivo cumprimento das responsabilidades que o termo "regional" desde logo implica e obriga»*.¹¹² Quatro anos antes, por iniciativa do padre José Manuel Semedo Azevedo, abria o Museu

¹⁰⁸ A Igreja de Santo António tem a classificação de Monumento Nacional, pelo Decreto n.º 9 842, DG, I Série, n.º 137, de 20-06-1924.

¹⁰⁹ José Gameiro, «Património e museologia – da realidade global à perspetiva local», p. 93

¹¹⁰ *Idem, ibidem*

¹¹¹ *Idem, ibidem*, p. 94

¹¹² *Idem, ibidem*

Arqueológico – Histórico de Albufeira, no qual estavam integrados os achados arqueológicos de diferentes períodos deste território e alguns objetos de arte sacra, sendo a tutela da responsabilidade da Fábrica da Igreja Paroquial de Albufeira. Em 1997, no âmbito de um protocolo de cooperação entre esta entidade e a Câmara Municipal de Albufeira, parte do acervo deste museu foi incorporado no Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira. Chegados à década de 70, o Algarve vê nascer, nos primeiros quatro anos deste decénio, mais dois museus em novos pontos da região: Museu Paroquial de Moncarapacho (concelho de Olhão), iniciado em 1972 e Museu Manuel Cabanas, em Vila Real de Santo António (1974).¹¹³ Todos estes museus têm em comum o facto de terem sido criados em espaços pré-existentes por diversos investigadores ou estudiosos, preocupados pela salvaguarda do património, apesar das dificuldades e falta de recursos humanos ou financeiros que acentuavam o incumprimento da função de museu, a par da designação que foi sofrendo algumas alterações.

No último quartel do século XX registou-se a abertura de um grande número de unidades museológicas, revelando a necessidade e interesse de muitos municípios em preservar as suas tradições e testemunhos, em risco de se perder. Pese embora a temática semelhante de praticamente todas as coleções e a inexistência de articulação e complementaridade territorial, Dália Paulo aponta cinco principais motivos pelos quais o número de museus cresceu tão exponencialmente nos últimos quarenta anos: a) rápido desaparecimento de muitas atividades tradicionais; b) crescimento da indústria do turismo cultural na região; c) um recurso dos poderes públicos à memória e à identidade como fatores de desenvolvimento local; d) alargamento da noção de património e e) o aproveitamento dos fundos comunitários, especialmente do Quadro Comunitário de Apoio (CAIII).¹¹⁴

Assim, na década de 80, salienta-se o surgimento de quatro museus, dos quais se destaca o Museu de Portimão e o Museu do Trajo de São Brás de Alportel, sobretudo por constituírem dois projetos inovadores de proximidade à comunidade e território onde se inserem. O museu de São Brás de Alportel está instalado num antigo palacete do século XIX e apresenta uma importante coleção de trajes tradicionais e têxteis, bem como peças relativas à etnografia, que compõem os núcleos de cortiça, alfaias agrícolas e veículos de

¹¹³ Dália Paulo, «Museus do Algarve: marcos da identidade regional», artigos Associação dos Gestores culturais do Algarve (AGECAL), disponível em: <http://www.agecal.pt/artigos.html> (visualizado a 17/07/2018)

¹¹⁴ Dália Paulo, «Do gueto à partilha dos Museus do Algarve», in *Cadernos de Sociomuseologia* (2011), p. 265

tração animal. Mas, o seu grande contributo é para a comunidade, uma vez que é gerido em parceria com as pessoas que a sustentam. A década de 90 é o período em que surgem mais projetos museológicos no Algarve, de características distintas, como museus, núcleos museológicos e coleções particulares, mas com grande predominância da arqueologia. Logo em 1990, é criado o Museu Municipal de Arqueologia de Silves, seguem-se, em 1995, o Museu Arqueológico de Loulé e a Rede de Museus Polinucleada de Alcoutim, que se distingue por vários núcleos distribuídos por antigas escolas do concelho, com o intuito de valorizar estes espaços e dinamizá-los culturalmente. Finalmente, em 1999, é criado o Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira. Nos primeiros dez anos do século XXI, destacam-se o Museu Municipal de Tavira (2001), instalado no Palácio da Galeria e composto por vários núcleos, sendo o Islâmico um dos mais relevantes; e o Museu do Mar e da Carrapateira (2008), construído de raiz, segundo os princípios da Nova Museologia.

Mais recentemente (2016), há que referir a abertura do núcleo museológico Rota da Escravatura, situado no edifício do antigo mercado dos escravos de Lagos, classificado como Imóvel de Interesse Público (IIP) que aborda, de forma interativa e dinâmica através de tablets, uma temática algo tenebrosa e triste para a história do Algarve e daquela cidade¹¹⁵ em particular e por vezes desprezada por muitos museus – o tráfico de seres humanos. Este espaço integra a rede do Museu Municipal Dr. José Formosinho e marca o início de um profundo processo de requalificação da instituição lacobrigense.¹¹⁶

Relativamente a números, tipologias, tutelas e acervos, destaco aqui mais uma vez o estudo que Isabel Soares apresentou na Universidade de Évora, sobre a RMA, no qual apresenta uma análise bastante realista do cenário museológico da região até setembro de 2011, onde detetou quase uma centena de unidades museológicas, setenta e oito das quais a funcionar permanentemente até ao período de avaliação assinalado. A autora registou 36 museus, 35 núcleos museológicos (23 autónomos e 12 dependentes) e sete coleções visitáveis. Existem quatro museus polinucleados (Museu Municipal de Tavira; Museu Municipal de Arqueologia de Loulé; Museu Municipal de Aljezur; Museu Municipal Dr. José Formosinho de Lagos), mas todos são tutelados pelas respetivas câmaras municipais.

¹¹⁵ A cidade de Lagos foi, segundo a «Crónica da Guiné», de Gomes Eanes de Zurara, o local onde, no século XV, aportaram os primeiros escravos africanos. Em 2009, durante as obras de construção de um parque de estacionamento na cidade, foram descobertos, no Vale da Gafaria, 158 esqueletos de seres humanos, que as investigações arqueológicas e antropológicas identificaram como escravos africanos.

¹¹⁶ Em 2017, foi distinguido pela APOM com duas menções honrosas, uma na área da museologia e outra pelas aplicações de gestão multimédia utilizadas como informação interativa complementar do acervo exposto e que permitem aos visitantes aceder a conteúdos através de tablet ou smartphone.

Já os núcleos museológicos, apesar de existirem em grande número, representam pequenos projetos desenvolvidos pelas juntas de freguesia, que apostam em exposições permanentes, mas sem as mínimas condições de cumprir as funções museológicas. No caso das coleções, a função é ainda mais difícil de ser cumprida, devido ao facto de estarem expostas em salas sem condições apropriadas que só abrem esporadicamente ou mediante marcação. Outro fator importante é o claro desequilíbrio na distribuição de espaços musealizados pela região, sendo que esses estão em maior número no sotavento algarvio, com os concelhos de Loulé, Alcoutim, Tavira e Faro a possuir a maioria das unidades de carácter museológico. A tutela municipal é dominante em todos os espaços analisados, cabendo à tutela privada a responsabilidade por 15%, da totalidade de instituições, à religiosa 9%, à Santa Casa da Misericórdia 5%, às associações sem fins lucrativos e aos de gestão partilhada público-privada 4% e à administração central, apenas 1%. Como já foi referido, a etnografia domina, com larga escala, as coleções museológicas da região, representando, na análise da mesma autora, 38%. Segue-se a arte sacra, com 18%, a arqueologia com 12%, as coleções pluridisciplinares, representando 10% e as casas-museu com 8%. As temáticas com menor presença são a história (5%), património industrial (3%) e arte contemporânea (1%).¹¹⁷

Em 2016, as estatísticas da cultura realizadas pelo INE indicavam a existência de 16 museus em funcionamento permanente no Algarve e 43 galerias de arte e outros espaços de exposições temporárias na região, nas quais estiveram expostas 10 403 obras, num total de 299 exposições realizadas. Destas, 197 foram dinamizadas pela administração local, 62 pela pessoa singular ou coletiva sem fins lucrativos, 20 pela pessoa com fins lucrativos, 11 promovidas pela administração regional e 4 pela administração central. Os mesmos dados indicam ainda que as exposições temporárias que tiveram lugar nas galerias de arte algarvias deram primazia à pintura, com 2 456 obras expostas, seguida da fotografia com 1 705 trabalhos, colecionismo e comemorativa com 1 348 peças, outras categorias estiveram representadas por 1345 obras e decoração e artesanato apresentou 1 206 objetos.¹¹⁸

¹¹⁷ Isabel Soares, *ob.cit.*, pp. 39-42

¹¹⁸ Instituto Nacional de Estatística, «Estatísticas da Cultura 2016», pp. 137 - 162

4. Rede de Museus do Algarve: princípios, objetivos e coordenação

A Rede de Museus do Algarve (RMA) é uma estrutura informal e não hierarquizada constituída por instituições de cariz museológico, formalizada em Albufeira no dia 16/10/2007. Foi, de facto, durante esse ano que foram dados os primeiros passos relativamente à criação de uma rede de trabalho museológico que colmatasse as necessidades culturais de cada concelho ou freguesia, que até então, viviam única e exclusivamente virados para os seus respetivos museus ou núcleos, sem qualquer parceria inter-regional. Entre os principais problemas que a maioria das instituições enfrentava contam-se sérias desigualdades nos recursos humanos e materiais e poucas condições ao nível das instalações. Na sua dissertação de mestrado, Isabel Soares alertava para o facto de existirem museus «*abertos apenas com a sua exposição permanente sem que existam outros espaços técnicos ou afetos ao serviço educativo*»¹¹⁹, sendo que muitos deles também não garantiam «*as condições de sustentabilidade, de conservação das coleções e o cumprimento da sua função social*». ¹²⁰ Para além disto, deve acrescentar-se o facto de apenas quatro museus algarvios beneficiarem de apoios técnicos e financeiros dada a sua integração na RPM, o que acentuava ainda mais esta disparidade de partilha e parcerias.

Alguns anos antes, em 1998, José Gameiro já referenciava estes problemas como limitadores do bom desempenho da museologia algarvia. Na sua opinião, a inexistência de laços institucionais entre tutelas e órgãos de desconcentração e descentralização da região; a estagnação e inexistência de formação e intercâmbio profissional; a ausência de um centro de apoio técnico, de produção de conteúdos e de apoio à investigação, organização e itinerância de exposições; e a falta de estruturas museológicas intermédias e coordenadoras de planeamento para os Museus do Algarve¹²¹ eram as grandes barreiras que colocam entraves ao avanço dos museus do Algarve.

Reclamava-se uma mudança e depositavam-se forças nas capacidades e competências da região para que em conjunto com as instituições centrais fosse possível alterar a situação «*para patamares e níveis culturalmente aceitáveis e socialmente interventores no desenvolvimento sustentado do Algarve*». ¹²² De facto, os eventos a nível nacional, já aqui enunciados, decorridos na década de 90 do século XX e primeiros anos

¹¹⁹ Isabel Soares, *ob.cit.*, p. 46

¹²⁰ *Idem, ibidem*

¹²¹ José Gameiro, «Património e museologia – da realidade global à perspetiva local», p.100

¹²² *Idem, ibidem*, p. 101

da centúria seguinte, relacionados com legislação e seminários, foram abrindo caminho a esta mudança tão desejada e tiveram os seus primeiros reflexos no Algarve em 2006, quando os museus de Faro e Portimão mostraram interesse em criar uma rede regional de museus, convocando todas as instituições da região para discutir esta possibilidade.

Nesse ano, no âmbito do workshop «Que Redes para o Algarve», que reuniu dezenas de técnicos e dirigentes de museus algarvios, ficou estabelecida a necessidade de se criar uma rede de museus algarvios flexível, sem hierarquias, informal mas funcional e foram sugeridos possíveis elos de ligação e comunicação entre as instituições, tendo ficado estabelecido um modelo inicial, que considerou que a rede seria composta pelos museus de todo o Algarve e coordenada pelos quatro espaços que, nesta altura, integravam a RPM (Museu de Portimão, Museu de Albufeira, Museu de Faro e Museu de Tavira).¹²³ Do mesmo encontro saíram também quatro objetivos gerais que abriram caminho à rede: 1) descentralizar a política cultural, reaproveitando os recursos de cada museu da RPM; 2) desenvolver as competências e a qualidade das instituições, através de consultorias nas diversas áreas da museologia; 3) desenvolver uma colaboração mútua e recíproca para a proteção do património regional; 4) criar uma rede de informação a nível regional.¹²⁴

De acordo com a página da internet da RMA, «a sua constituição foi precedida de consultas às diversas instituições representativas da região (AMAL, CCDR, RTA, Universidade do Algarve, entre outras) que afirmaram o seu interesse no desenvolvimento de uma rede museológica que promova o património cultural do Algarve e potencie o turismo cultural».¹²⁵ Assim, em 2007, após os contactos dos museus de Faro e Portimão no sentido de criar uma rede museológica, foi constituído um primeiro grupo de trabalho, composto pelo Museu Municipal de Faro, na pessoa de Dália Paulo; Museu do Trajo de S. Brás de Alportel, representado por Emanuel Sancho; Museu Municipal de Tavira, por Jorge Queiroz; Museu Municipal de Portimão com José Gameiro; Museu Municipal de Loulé com Luís Guerreiro e Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão, pelo Comandante Marques Ferreira. Este grupo agendou reuniões de trabalho periódicas em diferentes cidades do Algarve não só com o intuito de discutir possíveis modelos de funcionamento da rede, como também definir os seus objetivos.

¹²³ Isabel Soares, *ob. cit.*, p. 49

¹²⁴ *Idem, ibidem*

¹²⁵ Site oficial Rede de Museus do Algarve, disponível em: <https://museusdoalgarve.wordpress.com> (visualizado a 16/07/2018)

Em conjunto com as entidades do Algarve e as instituições nacionais da área da museologia consultadas por este grupo de trabalho foi definida, entre três propostas, a que melhor se adequava à realidade do Algarve. Das três propostas apresentadas e amplamente discutidas - protocolos de colaboração entre museus; formação de uma Associação de Profissionais de Museus e a constituição de um Grupo Informal de Ação e Reflexão Museológica – foi escolhida a terceira hipótese: formar uma estrutura não hierarquizada e aberta a todas as instituições museológicas, onde houvesse troca de experiências, partilha de recursos e trabalhos em parceria, no sentido de aprender boas práticas museológicas e melhorar os museus algarvios. Esta é, aliás, a métrica defendida pela «Carta de Princípios» da RMA, elaborada em 2007, aquando da oficialização da rede: «*A Rede de Museus do Algarve tem por missão articular, cooperar e partilhar responsabilidades e recursos, entre os museus do Algarve, visando o desenvolvimento integrado da ação museológica e patrimonial da região, reforçando as opções da sua oferta cultural*».¹²⁶ Isabel Soares explica que este é um tipo de organização bem mais flexível, pois não existe uma direção ou órgão soberano de gestão, o que permite que todos tenham as mesmas responsabilidades e trabalhem de forma igual. Basicamente, a RMA constitui uma estrutura «*centrada numa autorresponsabilização e num compromisso dos dirigentes e do pessoal técnico dos museus em trocar experiências, partilhar recursos e trabalhar em parceria de forma simples e informal, com o objetivo de aprender as boas práticas museológicas e melhorar os museus do Algarve*».¹²⁷

Formalizada em outubro de 2007, a RMA foi constituída por nove museus e um arquivo histórico, com os seguintes objetivos: promover as boas práticas museológicas na região, desenvolver massa crítica de apoio a projetos inter-museus, intervir no aconselhamento, formação e definição das políticas museológicas no Algarve, recorrer a estruturas de comunicação e organização, fomentar novos enquadramentos do papel social e formativo dos museus em redes horizontais e atividades de parceria de geometria variável. Foi igualmente definida a missão e a Carta de Princípios da RMA: «*A Rede de Museus do Algarve (RMA) tem por missão articular, cooperar e partilhar responsabilidades e recursos, entre os museus do Algarve, visando o desenvolvimento integrado da ação museológica e patrimonial da região, reforçando as opções da sua oferta cultural*».¹²⁸

¹²⁶ Carta de Princípios, RMA, 2007

¹²⁷ Isabel Soares, *ob.cit.*, p. 52

¹²⁸ Carta de Princípios, RMA, 2007

Relativamente aos princípios orientadores da RMA, veja-se em detalhe cada um deles:

- 1. Princípio de liberdade de adesão:** pressupõe a adesão voluntária de todos os museus e unidades museológicas do Algarve, mediante a aceitação da Carta de Princípios, através da assinatura do termo de aceitação, pelas respetivas tutelas;
- 2. Princípio de cooperação em rede:** relaciona-se com a necessidade dos museus trabalharem em rede e criarem relações de interajuda, no sentido de otimizar recursos e desenvolver atividades conjuntas de valorização e dinamização do património cultural da região. Este princípio promove a realização de projetos e atividades museológicas inspirados nos princípios da cooperação e responsabilidade, mediante a celebração de protocolos entre tutelas, museus, associações e outras entidades, no sentido de desenvolver o Algarve através da cultura;
- 3. Princípio de serviço público e ética profissional:** tem como finalidade contribuir para a afirmação dos Museus enquanto instituições permanentes sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, no respeito pelas normas nacionais e códigos deontológicos aplicadas aos Museus;
- 4. Princípio de informação e comunicação:** procura promover o acompanhamento das atividades museológicas dos membros da RMA e respetivas tutelas através de reuniões de trabalho,
- 5. Princípio da formação e inovação:** permite a troca de experiências e conhecimentos entre técnicos de museus a partir a realização de ações de formação e iniciativas conjuntas que visam a valorização e qualificação dos recursos humanos;
- 6. Princípio de programação museológica:** considerado o mais ambicioso, este princípio procura estimular o envolvimento de todas as instituições museológicas e culturais do território algarvio na elaboração de uma programação museológica conjunta à escala regional.

De um modo geral, estes seis princípios são fundamentais para o bom funcionamento da rede, na medida em que facilita a comunicação e colaboração entre museus, permite a rentabilização de recursos humanos e materiais, através da cooperação e interaguda entre profissionais e instituições e fomenta a realização de ações de âmbito cultural.

Os primeiros meses de trabalho permitiram definir três eixos de atuação: Informação, Formação e Parcerias, os quais procuram colmatar as maiores necessidades dos museus algarvios e fazer cumprir a missão e princípios atrás enumerados. O eixo da informação exige uma regular comunicação entre os membros da RMA e respetivas tutelas. Tal como acontece com a RPM, este segmento é feito a partir de vários mecanismos; inicialmente através da publicação de um boletim «Notícias RMA»¹²⁹, que era divulgado pela internet e correio eletrónico. Dada a falta de participação regular dos museus, o boletim apenas teve quatro números e acabou por ser substituído por uma página na internet, que tem o propósito de transmitir de forma simples e aberta as informações relativas à RMA e aos museus que a constituem.¹³⁰ A partilha de informação entre os museus da região tem sido feita através do correio eletrónico. O eixo da formação pretende «*promover uma formação e atualização profissional contínua, estimulando o contacto técnico e científico com novas realidades na área da museologia, proporcionando a qualificação dos seus recursos humanos e a complementaridade de programas e projetos*».¹³¹ De acordo com Isabel Soares, este princípio foi dividido em duas linhas de atuação, primeiro através do recurso a serviços externos, com a contratação de técnicos especializados nas diferentes áreas carenciadas que os profissionais dos museus haviam assinalado previamente.¹³² A segunda fase deste trabalho baseou-se em formações inter-museus designadas por «Os Técnicos dos Museus Encontram-se», que foram asseguradas pelos técnicos das próprias estruturas. Sempre descentralizadas, estas ações de formação abordam sempre diferentes áreas da museologia, com especial enfoque na conservação, segurança, comunicação, arqueologia e património imaterial, desde logo uma área prioritária para a ação da rede. A última formação promovida pela RMA foi subordinada ao tema «Conservação e Restauro de metais» e teve lugar nos dias 27 e 28 de novembro de 2017 nos museus de Tavira e Portimão. Para além disto, destaca-se a

¹²⁹ Os boletins estão disponíveis para consulta na página Web da RMA.

¹³⁰ <http://museusdoalgarve.wordpress.com>

¹³¹ Carta de Princípios, RMA, 2007.

¹³² As áreas consideradas prioritárias foram conservação preventiva, vigilância e segurança nos museus, acolhimento, inventário, serviço educativo e exposições

realização de seminários e jornadas que geram discussão sobre importantes temas para a museologia contemporânea: em 2011, a RPM em colaboração com RMA promoveu na região um Seminário sobre Código de Ética do ICOM e, mais recente, as I Jornadas da Rede de Museus do Algarve dedicadas ao tema «Museus sem Reservas?» (2017). Para 2018 estão previstas as II Jornadas, sobre o tema da educação nos museus.

Finalmente o eixo das parcerias é, como se pode ver, um dos princípios mais importantes da RMA, sendo a sua intenção *«promover a emergência de projetos e atividades museológicas e culturais, partilhados em rede, inspiradas nos princípios da cooperação e responsabilidade, através da possibilidade de celebração de protocolos entre tutelas, museus, associações, grupos culturais afins, administrações locais, regionais e centrais, visando a promoção do desenvolvimento das populações do Algarve»*.¹³³ Neste sentido, a RMA destacou-se por desenvolver um projeto regional que foi considerado pioneiro, envolvendo dez museus algarvios. A primeira experiência deste trabalho consistiu num instrumento lúdico-pedagógico intitulado «Caixa-Viagem pelas Histórias do Algarve», apresentada em 2008, no âmbito de uma candidatura ao ProMuseus, pelas quatro instituições que integravam a RPM. Este projeto lúdico contou com a participação de mais seis entidades *«que assumiram conjuntamente com os museus da RPM a participação técnica na conceção pedagógica e científica dos conteúdos, o que representou uma mais-valia para a qualidade do projeto»*.¹³⁴ Era comum a todos os museus, sendo da responsabilidade de cada um, explorar isoladamente as atividades educativas centradas em vários aspetos do Algarve, desde as características históricas, naturais e culturais. No mesmo ano, foi entregue ao mesmo programa de apoio, outro projeto, designado «4 Museus do Algarve, 4 Museus com História», que propunha a edição de um guia bilingue em Português e Inglês que refletisse a história dos edifícios e coleções dos quatro museus da RPM – Portimão, Albufeira, Faro e Tavira, pelo facto de todos eles estarem instalados em construções relevantes de elevado valor histórico e patrimonial.

Ainda no campo das parcerias, refira-se a colaboração realizada em 2010 entre treze dos dezasseis museus da RMA no que diz respeito à exposição e divulgação, que culminou na elaboração de uma exposição conjunta, chamada «Algarve – Do Reino à Região». Esta mostra realizou-se em simultâneo nos diferentes espaços aderentes e desenvolveu-se em treze temas diferentes, propondo aos visitantes um périplo por toda a

¹³³ Carta de Princípios, RMA, 2007

¹³⁴ Isabel Soares, *ob.cit.*, p. 67

região. O evento permitiu ainda que pela primeira vez fossem abordados «os últimos mil anos da história e da cultura algarvia, presentes na herança material e espiritual, que desde o Gharb al-Andalus à atualidade, tem vindo a moldar e caracterizar as marcas identitárias deste território».¹³⁵ Os treze municípios que promoveram esta exposição foram Albufeira, Alcoutim, Castro Marim, Faro, Lagos, Loulé, Olhão, Portimão, São Brás de Alportel, Silves, Tavira e Vila Real de Santo António.

Ora, o grupo fundador da RMA foi constituído por nove museus e um arquivo histórico, mas atualmente agrupa 20 membros, desde museus da RPM, museus municipais, entidades museológicas do Estado Português e privadas e ainda projetos museológicos em constituição que pretendam acompanhar, participar e cooperar nas atividades da RMA, os quais correspondem a 15 dos 16 municípios do Algarve, tendo em conta que Monchique é o único que não faz parte da organização.

<p>Grupo Fundador (2007)</p>	<p>Museu Municipal de Faro, Museu de Portimão, Museu Municipal de Tavira, Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira, Museu do Trajo de S. Brás de Alportel, Museu Municipal de Arqueologia de Loulé, Museu Almirante Ramalho Ortigão, Museu Municipal José Formosinho de Lagos, Arquivo Municipal de Lagoa, Museu Municipal de Silves.</p>
<p>Atualmente (2018)</p>	<p>Câmara Municipal de Vila do Bispo, Museu Municipal de Loulé, Museu Municipal Dr. José Formosinho, Museu do Trajo de São Brás de Alportel, Museu de Portimão, Museu da Cidade de Olhão, Câmara Municipal de Lagoa, Museu Municipal de Tavira, Museu Municipal de Arqueologia de Silves, Museu Municipal de Alcoutim, Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira, Câmara Municipal de Castro Marim, Museu Marítimo Almirante Ramalho Ortigão, Museu Municipal de Vila Real de Santo António, Museu Municipal de Faro, Centro de Ciência Viva de Tavira, Centro de Ciência Viva do Algarve, Parque Natural da Ria Formosa, Câmara Municipal de Aljezur, Direção Regional de Cultura do Algarve.</p>

Tabela 5 – Membros da RMA (adesões 2007 – 2018)

Adaptado de museusdoalgarve.wordpress.com

¹³⁵ Catálogo da Exposição «Algarve do Reino à Região»

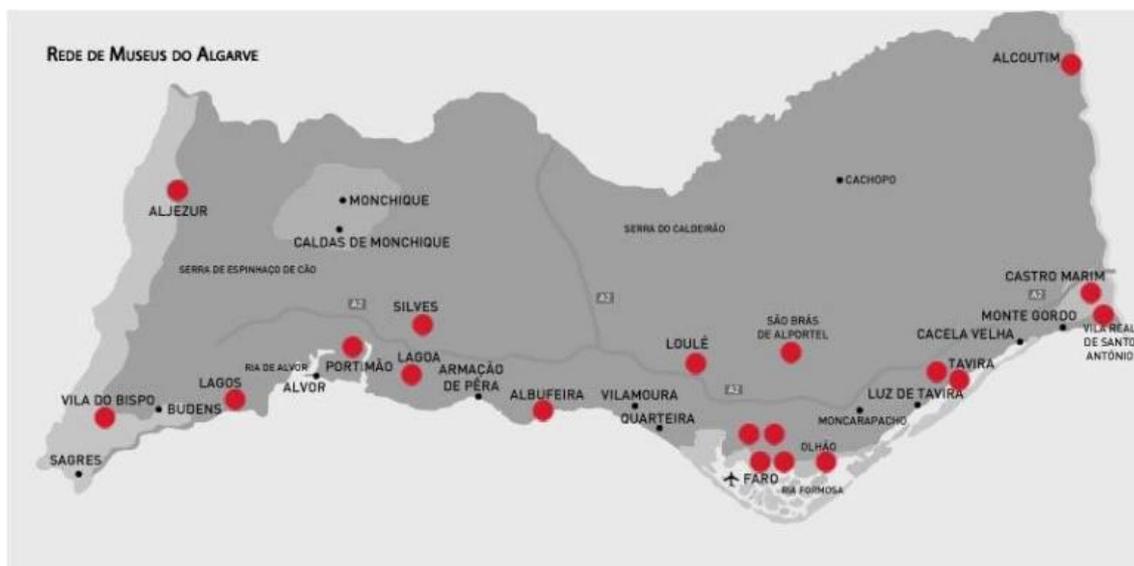


Figura 11 - Membros da Rede de Museus do Algarve
museusdoalgarve.wordpress.com

Todas as instituições aderentes são do Algarve e uma nova candidatura não obriga o cumprimento das funções museológicas básicas, mas apenas a aceitação da «Carta de Princípios» e missão da RMA, mediante um «termo de aceitação», onde vem expressa a vontade de integrar a rede e designada pela tutela o técnico responsável com competência para representar a instituição.

Para coordenar, dinamizar e orientar as atividades da rede é eleito, a cada dois anos (no início era anualmente) e em rotatividade de museus, um grupo de trabalho formado por técnicos com as funções de chefes de divisão, coordenadores ou diretores de museus, os quais são nomeados pelas respetivas tutelas. As eleições realizam-se bianualmente, no âmbito de uma reunião geral da RMA, onde se formam os comités de coordenação, que são compostos por três ou cinco elementos. De uma forma geral, os membros da RMA realizam encontros formais e descentralizados (reuniões de coordenação e reuniões gerais) com o intuito de partilhar ideias e experiências, apresentar projetos de parceria ou para trabalhar conjuntamente nas atividades em curso. De salientar que as reuniões de coordenação são realizadas todos os meses nos diferentes museus do Algarve para planear e gerir processos nas diferentes áreas de atuação, onde também se estabelecem antecipadamente os contactos entre museus e entidades culturais e são definidas as ordens de trabalho das reuniões gerais. Estas últimas, igualmente descentralizadas, têm uma periodicidade bimensal ou trimestral e levam a discussão os assuntos apresentados na ordem de trabalhos, previamente entregue a todos os elementos. Nestas assembleias, há

sempre um museu responsável por presidir a reunião, a partir da ordem de trabalhos e outro por secretariar e elaborar a ata do encontro. Isabel Soares explica ainda que é também *«nestas reuniões que têm lugar as referidas eleições para a constituição do grupo coordenador, sendo que só um elemento de cada museu vota nos cinco museus que integrarão o grupo coordenador»*.¹³⁶

Sendo um dos principais objetivos da RMA o de *«desenvolver projetos de cooperação entre os museus e promover ações das quais resultem maior eficácia e economia de meios, através da partilha equilibrada e objetivada dos recursos disponíveis»*¹³⁷, termina-se este capítulo fazendo referência aos quatro grupos de trabalho relacionados com vários setores dos museus, que foram sendo criados com o intuito de dinamizar e valorizar o trabalho entre os técnicos dos museus e instituições que integram a rede, partilhar experiências e conhecimentos e promover a interajuda.

Todos estes grupos procuram reunir-se, separadamente, entre três a quatro vezes por ano, em diferentes pontos do Algarve, para debater problemas, assinalar carências e dificuldades e definir novos projetos de futuro para um funcionamento sustentado da museologia algarvia.

a) Grupo RMA – ARQ (Arqueologia)

Possibilita a troca de informação relacionada com a arqueologia, bem como a auscultação das necessidades formativas dos seus membros e estabelecer projetos de futuro. Este grupo tem vindo a promover vários encontros e ações de formação, das quais se destacam duas sessões de trabalho, realizadas no âmbito do programa *«Os técnicos dos Museus encontram-se»*. A primeira foi subordinada ao tema *«Estruturas arqueológicas musealizadas – problemas de conservação»*, que *«possibilitou a reunião de arqueólogos e conservadores-restauradores em torno de um problema comum a muitos museus da região, a conservação de estruturas arqueológicas musealizadas»*¹³⁸. A segunda ação, denominada *«Registo, levantamento e inventário de espólios arqueológicos. Conceitos e Práticas»* permitiu conhecer as metodologias utilizadas pelos diversos museus da região relativamente ao inventário dos espólios arqueológicos. Já a nível da qualificação, há que ressaltar as iniciativas *«Gestão de lugares arqueológicos museografados: políticas,*

¹³⁶ Isabel Soares, *ob.cit.*, p. 60

¹³⁷ Site oficial Rede de Museus do Algarve, disponível em: museusdoalgarve.wordpress.com (visualizado a 17/07/2018)

¹³⁸ *Idem, ibidem*

estratégias e práticas de gestão e equipamentos museografados» e «Sistemas de Informação Geográfica – Iniciação ao Quantum GIS e GPS», relacionada com os novos sistemas de informação geográfica.

Para além destes, o grupo RMA-Arq. levou a cabo um projeto de maior volume no sentido de ficar a conhecer a situação dos acervos arqueológicos no Algarve e refletir sobre as boas práticas de conservação e gestão de vestígios arqueológicos incluídos em equipamentos culturais, pelo que elaborou dois inquéritos, um destinado aos museus da rede, o segundo, às empresas de arqueologia. O primeiro destes inquéritos encontra-se concluído.

b) Grupo RMA – PCI (Património Cultural Imaterial)

O grupo de trabalho do Património Cultural Imaterial (Grupo do PCI) foi criado em 2010, quando foi realizado um inquérito aos profissionais dos museus da rede, para perceber as suas dificuldades e necessidades ao nível do PCI. Uma vez que a maior parte das respostas mostrou carências no âmbito do inventário e das normas e metodologias de registo e documentação, tratamentos de dados e organização de fundos, este grupo veio responder a alguns desses problemas, propondo algumas atividades como formações para os profissionais, desenvolvimento de instrumentos documentais e contribuições para o inventário e divulgação de manifestações de PCI no Algarve.

No final de 2014, de acordo com o site da RMA, «o grupo do PCI iniciou uma série de saídas de campo com o objetivo de desenvolver competências no âmbito da recolha do PCI», tendo realizado, «três ações de formação no terreno, que incidiram sobre as temáticas do trabalho do esparto e da abegoaria, visando também registar saberes que se perdem à medida que morrem os seus últimos mestres».¹³⁹

Concorrendo ainda para o objetivo de contribuir para o inventário e divulgação das manifestações do património imaterial algarvio, este grupo também foi responsável pela elaboração de uma ficha de registo do PCI, a qual foi adaptada a ficha de inventário e aprovada pela portaria nº 196/2010, de 9 de abril, disponibilizando aos profissionais de museus um documento simplificado e de fácil preenchimento.

No seguimento deste trabalho, e como resultado de um processo iniciado em 2016, em março do presente ano foi lançada a página web «Algarve Imaterial»¹⁴⁰, a qual

¹³⁹ *Idem, ibidem*

¹⁴⁰ <http://algarveimaterial.wordpress.com>

consiste numa plataforma que visa dar a conhecer os saberes e práticas da região, mediante a sua referenciação geográfica por concelho.

c) Grupo RMA – C&R (Conservação e Restauro)

Constituído em março de 2009, este grupo é composto por técnicos dos museus e autarquias da região e nasceu da necessidade dos profissionais que trabalham na área em articular práticas, partilhar conhecimentos e cooperar entre si, visando o desenvolvimento e reconhecimento da profissão. Um dos processos mais relevantes do seu trabalho foi o lançamento, em janeiro de 2011, do blogue «Al-Gharb Conservação», uma plataforma privilegiada de divulgação de informação da conservação do património, da museologia e do património cultural. Em dezembro do mesmo ano, o grupo foi integrado na RMA, iniciando uma nova fase da sua existência, pautando a sua ação em vários objetivos: a) compreensão da realidade regional; b) formação para os profissionais da conservação e restauro; c) desenvolvimento do trabalho em parceria; d) contribuir para a partilha de experiências, espaços, equipamentos e materiais entre os seus integrantes.

Entre 2012 e 2013 o grupo de trabalho elaborou um inquérito aos museus do Algarve com o objetivo de perceber a realidade regional ao nível dos serviços de conservação e restauro, segurança, conservação preventiva, espaços físicos para exposição e reservas

d) Grupo RMA – EDU (Educação)

Este grupo é fruto das ações internas da rede, tendo surgido no âmbito da iniciativa «Técnicos dos Museus encontram-se», a qual permite que os técnicos que trabalhem na mesma área mas em museus diferentes tenham um contacto mais próximo e, por sua vez, debates em ambiente informal, a fim de «*questionar e discutir assuntos e preocupações comuns, possibilitando a entreaajuda e o apoio técnico entre profissionais com diferentes formações*»¹⁴¹. O grupo reúne-se cerca de quatro vezes por ano em encontros onde se promove a partilha de experiências educativas proporcionadas por cada instituição, assim como a apresentação e discussão de propostas educativas a serem desenvolvidas. À semelhança dos outros grupos, também o da educação realiza regularmente ações de formação de modo a atualizar conhecimentos e delinear novos caminhos na mediação cultural.

¹⁴¹ Site oficial Rede de Museus do Algarve, disponível em: museusdoalgarve.wordpress.com (visualizado a 17/07/2018)

CAPÍTULO III – MUSEU DE PORTIMÃO: O ESTÁGIO

Depois de analisadas a história e prática patrimonial do museu de Portimão, assim como a constituição e objetivos da RMA, da qual esta instituição faz parte, chegou agora o momento de descrever as atividades desenvolvidas durante o estágio curricular, realizado entre março e maio de 2018. Tendo em conta que, durante esse período, acompanhei o processo de elaboração, conceção e montagem de uma exposição temporária, é importante perceber, antes de mais, quais têm sido as temáticas e periodicidade das últimas mostras realizadas neste museu algarvio.

1. Análise às exposições realizadas nos últimos cinco anos

Como vimos no primeiro capítulo, há dez anos que o museu de Portimão está em funcionamento no edifício da antiga fábrica Feu Hermanos, pois enquanto estrutura atuante, existe há mais de três décadas. Desde o início que tem pautado parte da sua atividade por exposições temporárias que evocam temas maioritariamente locais, de âmbito histórico, arqueológico, etnográfico, cultural e ambiental. Todavia, considerou-se que seria relevante para este trabalho fazer uma análise às temáticas abordadas nos últimos anos, para perceber tanto a periodicidade como as principais tipologias de temas apresentados em cada mostra e, conseqüentemente, assinalar possíveis diferenças ou transformações. Foi estabelecido um período de análise correspondente a cinco anos e deu-se início à pesquisa, que foi feita no Centro de Documentação, onde foram consultados os folhetos existentes sobre as exposições decorridas no período compreendido entre os anos de 2013 e 2017 e alguns artigos de imprensa. Foram então escolhidas, para esta fase do trabalho, cinco exposições temporárias de longa duração, uma por cada ano, quer pelo seu tema ou significado mais relevante ou por, de alguma forma, terem provocado, a nível mais pessoal, determinadas sensações ou aprendizagens aquando da minha visita a algumas delas.

A nível da periodicidade, nos últimos anos, as exposições temporárias do museu têm tido a duração de cinco a seis meses, embora existam outras de menor permanência e que até ocupam o seu “hall” de entrada. Por norma, há sempre uma exposição de longa duração que é inaugurada no mês de maio, por altura do aniversário do museu, sendo a temática abordada relacionada com determinado aspeto do território portimonense. Entre

outubro e novembro tem sido frequente a inauguração de uma nova exposição, também de longa duração, que se prolonga até abril, podendo ou não exibir temas locais. Todavia, o ecletismo do museu é evidenciado em várias mostras, onde são apresentadas áreas tão diversificadas como a pintura, fotografia, arte sacra, artes plásticas e peças de autores e artistas com ligação umbilical ao concelho, ou cujos trabalhos se ocupam de aspetos relacionados com o território de Portimão e evoquem a memória daquele espaço expositivo – o mar, a pesca, as conservas –, como mostram os exemplos a seguir.

Na tabela seguinte, apresentam-se, por ordem cronológica, as exposições referenciadas, para um melhor entendimento. A maioria delas são de longa duração e foram inauguradas por ocasião do aniversário do museu, embora existam outras mostras que não dependem tanto da equipa do museu para a sua conceção, por constituírem trabalhos de artistas que escolhem o museu para a apresentação das suas obras ao público.

Ano	Título
2013	«Creio – Arte Sacra do Algarve»
2013	«Arte com lata»
2014	«O mediterrâneo aqui tão perto»
2015	«António Marreiros – barbearia, poesia e fotografia»
2015	«A luz das conservas»
2015	«Um Mergulho no Parque Subaquático de Portimão – Ocean Revival»
2015/2016	«1915, o despertar do Algarve»
2016	«Regresso da maré»
2016	«Todos somos peixes»
2016/2017	«Bombeiros de Portimão. Uma força da Sociedade Civil, 90 anos ao serviço da população»
2017	«Todos somos Portimão»
2017	«Agosto Azul»
2017	«Encontros»
2018	«Tesouros do mar»

Tabela 6 - Exposições temporárias realizadas entre 2013 e 2018

As exposições do museu e, particularmente, as que são pensadas e instaladas pela sua equipa caracterizam-se pelo humanismo com que são organizadas, no sentido em que,

sempre que é possível, as peças escolhidas são colocadas em concordância com a sua real função ou utilização, seja a partir das fotografias expostas, seja na conceção do núcleo respetivo, de forma a aproximar as pessoas à realidade do objeto ou atividade exposta, facilitando dessa forma, a comunicação e compreensão por parte do público. Mas, este sentimento é possível graças à participação da comunidade, não apenas ao nível da doação ou empréstimo de peças, como também dos conhecimentos e testemunhos que ela guarda, ao longo de muitas gerações, do seu quotidiano, das histórias de vida e do modo de vida, sustentando a investigação necessária e inerente à realização de qualquer mostra. Houve casos até em que a própria população participou na montagem de exposições, particularmente quando há uma determinada peça em que a pessoa proprietária é aquela com melhores conhecimentos relativamente à sua funcionalidade e, nesse sentido, auxilia na forma como o objeto deve ficar representado. A envolvência da comunidade é mesmo uma prioridade do museu, pois há sempre a preocupação que ela esteja presente nas inaugurações, sobretudo quando as exposições a representam.

Importa referir que, na maioria das vezes, os temas das exposições são escolhidos com base na investigação existente, assim como na tipologia do acervo que compõe a sua coleção. Este trabalho é desenvolvido por toda a equipa do museu, que, pluridisciplinar e responsável por cada uma das funções museológicas, comunga do mesmo objetivo: fazer acontecer determinada exposição temporária. Depois de pensado e escolhido um tema pelo setor da investigação, as técnicas responsáveis pelo inventário partilham com aquele todas as peças existentes no acervo relacionadas com o assunto proposto, para uma posterior seleção. Em seguida, é preparado um portefólio específico da exposição, onde vão sendo compilados todos os dados a ela referentes e dá-se início ao preenchimento do guião da exposição, no qual se indicam as peças a expor, os aspetos museográficos necessários e os conteúdos. Uma das atividades realizadas neste estágio curricular foi, precisamente, a de completar o guião da exposição, pelo que mais à frente será explicado o seu objetivo, formato e elementos que o compõem.

Segue-se a análise das exposições de longa duração selecionadas, onde muitos destes elementos descritos estão presentes:

a) 2013 - «Creio – Arte Sacra Algarve»

Dedicada ao património religioso do Algarve, esta exposição temporária esteve patente de 25 de maio a 15 de setembro de 2013 no museu de Portimão. A

mostra, que foi uma ideia do então pároco da Matriz de Portimão, Mário Sousa, e realizada em colaboração pela paróquia e município portimonenses, exibiu pela primeira vez mais de 50 peças de arte sacra oriundas de todo o Algarve, abrangendo um período de 500 anos. De acordo com o folheto da exposição, «*nela se plasma a imaterialidade da fé e da cultura dos algarvios*», e a sua ocorrência veio «*celebrar o “Ano da Fé”, decretado pelo Papa Bento XVI, e o Jubileu de Prata da ordenação episcopal do Bispo Emérito do Algarve, D. Manuel Madureira Dias*». ¹⁴²

A exposição foi dividida em três setores – Deus, Jesus Cristo e Espírito Santo – e apresentou importantes tesouros ligados à religião católica, como pinturas (óleos sobre madeira e tela), peças em ouro, prata, marfim, barro policromado, mármore, madeiras estofadas e policromadas, veludo e sedas bordadas, as quais, segundo a imprensa regional, «*foram reunidas, com origens tão remotas como a Índia, o Japão, a Jordânia ou a Pérsia e que abarcam a arte sacra criada entre os séculos XV e XIX*». ¹⁴³ Outros que, livres dos ataques de piratas ou sobreviventes a incêndios e terremotos, mereceram igual destaque e foram apresentados ao público, como forma de perpetuar não apenas a arte, mas também a fé e religião católica. Entre o acervo exposto, destaca-se uma Dalmácia do século XVI, em seda bordada a ouro, da Igreja de S. Pedro (Faro), uma naveta em concha e prata, da Sé de Faro, uma imagem de S. Pedro em mármore, da Igreja Matriz de Portimão, ou mesmo uma moeda de ouro do século I, correspondente ao período de governação do imperador Tibério, contemporânea da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Para tal, foi determinante o contributo de várias entidades, mediante o empréstimo de objetos, como o Paço Episcopal de Faro, o Seminário de S. José da Diocese do Algarve, as Paróquias de Olhão, Marmelete, Porches, Cachopo, Aljezur, Sé de Faro, S. Pedro de Faro, Alvor, Moncarapacho, Silves, Ferragudo, S. Sebastião de Loulé, Pêra, Vila do Bispo, Santa Maria de Lagos, Portimão e a Ordem Terceira do Carmo (Faro).

¹⁴² Folheto exposição «Creio – Arte Sacra Algarve»

¹⁴³ Elisabete Rodrigues, ««Creio» num património sacro que se mostra no Museu de Portimão», *Jornal Sul Informação*, 14 de maio de 2013, disponível em: <http://www.sulinformacao.pt/2013/05/%C2%ABcreio%C2%BB-num-patrimonio-sacro-que-se-mostra-no-museu-de-portimao/> (visualizado a 14/07/2018)



Figura 12 - Exposição «Creio. Arte Sacra do Algarve»

Foto: Museu de Portimão

b) 2014 - «O Mediterrâneo aqui tão perto»

Inaugurada no dia 24 de maio de 2014, no âmbito das festividades do 6.º aniversário do museu, a exposição «O Mediterrâneo aqui tão perto» foi pensada como uma forma de mostrar os principais testemunhos e vestígios da cultura dos povos mediterrânicos que chegaram ao território portimonense, fixando-se entre o Rio Arade e a Ria de Alvor, tal como as influências que ainda permanecem como resultado desta vizinhança tão próxima. Mas, na realidade, foi mais que isso. O Mediterrâneo, mais que um mar, compreende uma região determinante na história da humanidade, foi berço de civilizações milenares, cujos testemunhos ainda hoje se manifestam e lugar de conflitos e diversidade, de onde partiram artes, técnicas, saberes e sabores. Apesar de Portimão estar localizado entre o Oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo, encontram-se hoje no seu território muitos aspetos e influências referentes a esta bacia.

A exposição inicia-se com o olhar de Manuel Teixeira Gomes, «*através dos relatos das suas viagens, dos ecos do seu autoexílio no norte de África (Argélia, 1931-1941), das opções do seu gosto cultural, da sua sensibilidade artística como colecionador e do seu olhar social*», que oferece «*uma singular visão sobre o Mediterrâneo, da sua pluralidade e complexidade*».¹⁴⁴ Para facilitar esta leitura, estiveram em exposição algumas obras de arte da coleção do escritor e político,

¹⁴⁴ Folheto da exposição «O Mediterrâneo aqui tão perto»

bem como postais que enviava da cidade de Argel à sua família e amigos, com imagens da cultura local.

A partir deste núcleo, a mostra partiu para os testemunhos dos povos que foram chegando a esta parte do Algarve, com destaque para os romanos e a atividade piscícola que as condições deste território permitiram desenvolver em larga escala e da qual existem vários vestígios, como as ânforas para armazenamento e transporte do conhecido «*garum*». A evolução dos tempos trouxe o desenvolvimento da pesca e da indústria conserveira, assim como os saberes ancestrais a ela associadas, que mais não são que as artes e técnicas apreendidas e partilhadas pelas civilizações deste «*mosaico de culturas e religiões, espaço privilegiado e circulação de ideias e gentes*»¹⁴⁵, que é o Mediterrâneo. Foi por isso mesmo que, nesta exposição, também marcaram presença os pescadores locais e os conhecimentos que esses guardam no que toca ao trabalho no aparelho e à preparação dos anzóis.

E porque falar em Mediterrâneo é também referir a trilogia do pão, azeite e vinho, os três alimentos que sempre constituíram a base económica rural e alimentar da região, cuja produção e técnicas deve ser atribuída aos gregos. Também aqui a exposição procurou demonstrar como estes vestígios se refletiram no modo de vida dos portimonenses. O azeite, o vinho e a produção de cereais para o fabrico de pão caseiro ainda é uma realidade no concelho, embora em menor escala ou em pequenos negócios de família, muitas são as pessoas que atualmente detêm estes conhecimentos.

Por ocasião das Jornadas Europeias do Património, em 2014, esta exposição temporária ganhou uma nova vida com a inclusão do mosaico restaurado e recuperado da *villa* romana da Abicada, em Portimão.

¹⁴⁵ *Idem*



Figura 13 - Exposição «O Mediterrâneo aqui tão perto»

Foto: Museu de Portimão

c) 2015 – «António Marreiros – barbearia, poesia e fotografia»

Para assinalar o sétimo aniversário do museu de Portimão, esta exposição, inaugurada no dia 23 de maio de 2015, lembrou a história dos barbeiros na cidade, mas dedicou-se sobretudo ao percurso de vida, pessoal e profissional de um portimonense, nascido na freguesia da Mexilhoeira Grande, que durante a procura de um ofício encontrou-se com a poesia e descobriu o gosto pela fotografia. António Marreiros nasceu em 1932, estreou-se como barbeiro aos treze anos e teve o primeiro contacto com a fotografia e revelação por intermédio de Valentim Dias, que exercia, em simultâneo, as atividades de barbeiro e fotógrafo. Dez anos depois regressou à Mexilhoeira Grande, onde abriu o seu próprio estabelecimento, o qual funcionou durante várias décadas.

Ora, foi precisamente este espaço que esteve em exibição nesta mostra, resultante da doação desse acervo pelo próprio António Marreiros ao museu. A esse, juntaram-se ainda as máquinas fotográficas que o acompanharam (Franka Solida II e Rolleiflex) e lhe permitiram acumular um vasto conjunto de fotografias, desde casamentos, batizados, aniversários e festas locais, mas também de muitos aspetos ligados à natureza, à sociedade e aos modos de vida das principais zonas rurais do concelho de Portimão, em particular da freguesia que o viu nascer. Embora a poesia tenha surgido mais tardiamente na sua vida, a exposição não esqueceu de fazer alusão a esta sua faceta, mostrando alguns dos seus mais recentes trabalhos, como «A voz do Vento», publicado em 2005 e «A voz do silêncio», editado cinco anos depois. A exposição esteve patente até 31 de outubro de 2015.



Figura 14 - Exposição «António Marreiros, barbearia, poesia e fotografia»

Foto: Museu de Portimão

d) Dezembro 2015/ abril 2016 - «1915, o despertar do Algarve»

No último trimestre de 2015, o museu de Portimão dinamizou um conjunto de atividades que tiveram como objetivo comemorar o centenário do 1º Congresso Regional Algarvio, realizado no Casino da Praia da Rocha, em 1915. As festividades tiveram início com a conferência «1915- O Algarve revisitado», a qual teve lugar no dia 10 de outubro de 2015, no auditório do museu e visou *«relembrar, debater e divulgar a importância histórica desse momento para o conhecimento do contexto político e social da época e homenagear esta singular ação dos republicanos algarvios e as suas propostas para o progresso da região»*.¹⁴⁶ O evento contou com as apresentações de Maria João Raminhos Duarte, Carlos Osório e José Gameiro. Seguiram-se outras iniciativas como a edição comemorativa de postais da Praia da Rocha no início do século, assim como tertúlias, encontros de reflexão e debates subordinados ao tema «100 anos depois, que Algarve?»

As efemérides culminaram com a inauguração da exposição temporária «1915, o despertar do Algarve», patente no museu de Portimão entre 12 de dezembro de 2015 e 24 de abril de 2016. Pode ler-se, no prospeto da exposição,

¹⁴⁶ «Conferência “1915- O Algarve revisitado” marca comemorações do 1º Centenário do Congresso Regional Algarvio», Jornal Sul Informação, 6 de outubro de 2015, disponível em: <http://www.sulinformacao.pt/2015/10/conferencia-1915-o-algarve-revisitado-marca-comemoracoes-do-1o-centenario-do-congresso-regional-algarvio/> (visualizado a 25/07/2018)

que, «em 1915, pela primeira vez num gesto de grande afirmação regionalista, o Algarve seria palco de uma iniciativa pioneira de reflexão e debate sobre os principais problemas e desafios que condicionavam o desenvolvimento da região»¹⁴⁷, pelo que a discussão do seu presente e futuro deu origem a um acontecimento único na História do Algarve e do país – o 1.º Congresso Regional Algarvio – que contou com «a participação cívica de um conjunto diversificado de personalidades de reconhecida competência técnica, científica e cultural.»¹⁴⁸ Tal como a exposição procurou demonstrar, este congresso realizou-se em plena I Guerra Mundial, durante um período conturbado para Portugal, que no caso do Algarve se refletiu em implicações económicas, pelas dificuldades «de exportação dos seus produtos regionais, nomeadamente para a Alemanha, um dos seus principais locais de destino.»¹⁴⁹ Paralelamente, a região debatia-se ainda com graves problemas de acessibilidade, isolamento e comunicação, em comparação com outras partes do país. Neste sentido, conforme foi mostrando o percurso da exposição, o evento teve como génese uma mostra com os produtos da região, organizada pelo núcleo de Portimão da Sociedade de Propaganda de Portugal, à qual se seguiu o congresso, onde foram apresentadas um total de 25 teses sobre os recursos e potencialidades da região, assim como soluções de curto, médio e longo prazo para o desenvolvimento setorial e global do Algarve, por intermédio de importantes personalidades, como António Teixeira Biker, Tomás Cabreira, Mateus Moreno, Cândido Marrecas, Guerreiro Júnior, Magalhães Barros e Julião Quintinha.

Para além destas circunstâncias, a exposição também mostrou as razões pelas quais a Praia da Rocha foi eleita para a organização deste evento, que teve direito a um hino, denominado «Canção da Rocha», com letra de Alfredo Bramão e música de Jayme Pádua. Tendo em conta que foi um acontecimento que mereceu uma grande cobertura por parte da imprensa nacional, regional e republicana, foi ainda possível ver as notícias que alguns periódicos publicaram na altura, com destaque para a «Alma Nova», órgão oficial do evento, assim como um vasto conjunto de peças referentes àquela época, onde se destaca a carrinha que levava

¹⁴⁷ Folheto exposição «1915 – o despertar do Algarve»

¹⁴⁸ *Idem*

¹⁴⁹ *Idem*

os participantes e congressistas desde a estação férrea de Ferragudo para a o Casino da Praia da Rocha.



Figura 15 - Exposição «1915, o Algarve aqui tão perto»

Foto: Museu de Portimão

e) 2017 - «Todos somos Portimão»

Entre 20 de maio e 29 de outubro de 2017, esteve patente a exposição temporária «Todos somos Portimão», inaugurada no dia em que o museu da cidade comemorou nove anos. Propositadamente assim designada, a mostra procurou *«dar a conhecer a evolução do movimento associativismo local, desde as suas primeiras manifestações até aos nossos dias, com um especial enfoque pela forma como estas entidades têm vindo a representar a mobilização de cidadãos em torno de objetivos comuns nas áreas culturais, desportivas e sociais.»*¹⁵⁰ Quer isto dizer que não foi dada exclusividade aos clubes e associações criadas apenas por portimonenses, tendo em conta que também foram incluídos os movimentos associativos desenvolvidos pelos emigrantes que escolheram Portimão como a sua nova casa. De facto, o mote desta exposição foi a interculturalidade, pelo que logo à entrada era possível encontrar o título da mesma nas várias línguas existentes no concelho e representadas na mostra.

Ora, a exposição debruçou-se sobre a história das várias organizações que foram sendo criadas pelos cidadãos locais ao longo dos séculos, as quais tiveram

¹⁵⁰ Folheto exposição «Todos somos Portimão»

a sua primeira sede na Santa Casa da Misericórdia, que a mostra recordou através de uma fotografia inédita daquele edifício já desaparecido. Mas também recordou os clubes e coletividades do concelho, com destaque para o Glória ou Morte Portimonense, Portimonense Sporting Clube (PSC) e Sociedade Vencedora Portimonense, assim como vários grupos de imigrantes, onde se insere, por exemplo, a associação Capela - Centro de Apoio à População Imigrante de Leste e Amigos - e outros organismos de Cabo Verde, Angola ou Moçambique. No total foram referenciadas um total de 130 associações e coletividades, cujos emblemas mereceram destaque na exibição. Refira-se que, neste caso em particular, a sociedade civil teve grande participação na mostra, uma vez que foram as comunidades em representação a ceder vários objetos relacionados com a sua história e cultura. Entre as várias peças expostas destaca-se a taça de prata, oferecida ao Portimonense na época 1923/24, pelo então Presidente da República, Manuel Teixeira Gomes e os troféus do Glória ou Morte. A nível das comunidades estrangeiras pode referir-se a Associação AllMozambi, que contribuiu com as tradicionais capulanas de Moçambique, a CAPELA que emprestou as vestes festivas dos países que defende e ainda algumas peças de artesanato representativas de Cabo Verde, China e Marrocos.

Mas o principal elemento desta exposição foi, muito provavelmente, a denominada «Mesa Portimão», na qual foram erguidas as bandeiras de todos os países presentes no município, como se de um convívio se tratasse. Conforme explica o panfleto da mostra, *«Portimão tem vindo a ser, ao longo da sua história, devido aos seus recursos marítimos, e mais recentemente por razões de lazer, um ponto de encontro entre várias civilizações e culturas que acabaram aqui por se fixar»*, pelo que esta representação ostenta *«algumas das mais representativas nacionalidades presentes no nosso Município, simbolizando o acolhimento e a convivialidade tão própria da nossa influência mediterrânea»*.¹⁵¹

Inclusão e cidadania foram outras das palavras de ordem então aplicadas para descrever esta mostra, que pautou pelo combate à indiferença e injustiça relativamente às questões da interculturalidade, cada vez mais presentes, de forma a que *«deixemos de falar do “nós e os outros”, como se não fossemos todos os*

¹⁵¹ *Idem*

*mesmos»*¹⁵², até porque têm sido essas diferenças que permitiram moldar a identidade portimonense. Aquando da inauguração desta mostra, que coincidiu com as comemorações do Dia Internacional dos Museus, no ano de 2017 subordinado ao tema «Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus», José Gameiro explicou como a exposição se integrava totalmente neste assunto, na medida em que *«muito desse «indizível» e dessas «histórias controversas», pode ser contado pelas associações locais, de pessoas nascidas em Portimão ou que escolheram esta cidade para viver»*.¹⁵³



Figura 16 - Exposição «Todos somos Portimão»

Foto: Museu de Portimão

E porque 2017 parece ter sido um ano de sociedade civil para o museu, salienta-se ainda a exposição temporária «Bombeiros de Portimão. Uma força da Sociedade Civil, 90 anos ao serviço da população», patente entre 19 de novembro de 2016 e 23 de abril do ano seguinte. Enquanto principais agentes da proteção civil do território de Portimão, a mostra revelou a evolução histórica deste grupo, sem esquecer de representar alguns dos objetos mais simbólicos usados no seu dia-a-dia, seja no combate a incêndios, como na rápida resposta aos problemas de emergência, como sendo o seu parque automóvel e respetivos quartéis, numa ponte entre o passado e o presente. Em destaque esteve mesmo um dos mais

¹⁵² Citação de José Gameiro na reportagem de Elisabete Rodrigues sobre a exposição: «Todos Somos Portimão» é a sociedade civil a mostrar-se no museu por ela criado», Sul Informação, 24 de maio de 2017, disponível em: <http://www.sulinformacao.pt/2017/05/todos-somos-portimao-e-a-sociedade-civil-a-mostrar-se-no-museu-por-ela-criado/> (visualizado a 26/07/2018)

¹⁵³ *Idem, ibidem*

antigos carros de combate a incêndio desta corporação, quando a sua locomoção ainda estava dependente da força humana ou dos animais.



Figura 17 - Exposição «Bombeiros de Portimão. Uma força civil, 90 anos ao serviço da comunidade»

Ana Mateus, 2016

No mesmo período de análise foram referenciadas outras exposições, de menor duração e que, como fora mencionado acima, estão relacionadas com aspetos pessoais dos artistas ao concelho de Portimão ou ao museu. Neste caso, pode evidenciar-se a mostra «Regresso da Maré» (2016), do artista suíço, mas radicado no Algarve há mais de 40 anos, Sylvain Bongard que, através das suas esculturas em cerâmica de grandes dimensões, exibe um mundo que parece arrancado das profundezas do mar. Merecem igual referência as exposições «Todos Nós Somos Peixes» (2016), do escultor alemão apaixonado pela Praia da Rocha, Hein Semke, com obras de temática marítima doadas pela sua esposa, Teresa Balté, ao Museu de Portimão; «Agosto Azul» (2017), de Kerstin Wagner, inspirada nas tonalidades e vibrações cromáticas do mar e da luz do Algarve; «Arte com Lata» (2013), do artista plástico holandês Eric de Bruijn, a qual era composta por uma série de imagens criadas com base nas antigas ilustrações litográficas coloridas das latas de conserva; «A luz das conservas» (2015), com base nos 22 candeeiros produzidos pelos alunos de Design de Comunicação do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes (ISMAT); «Um Mergulho no Parque Subaquático de Portimão – Ocean Revival» (2015), constituída por um conjunto de 24 painéis que ilustravam a evolução do recife artificial associado a este projeto; «Encontros» (2017), que juntou algumas das melhores obras do escritor e artista plástico alemão, Günter Grass, que descobriu a Mexilhoeira Grande como refúgio de vida e «Tesouros do Mar» (2018), onde a artista alemã Vera Christians, pelo facto de residir em Portimão desde 1984, reflete nas suas

obras os aspetos da vida marinha, a atmosfera e a vida vibrante dos mercados locais, os pratos de peixe e mariscos.

Neste segmento, importa ainda referir a Corrida Fotográfica de Portimão, uma iniciativa da Câmara Municipal de Portimão e organizada pelo museu municipal com o objetivo de promover um olhar mais criativo sobre o município e o seu património cultural e natural, convidando os entusiastas da fotografia a captar gestos, pessoas, atividades, vivências e pormenores de todo o concelho. A iniciativa teve início em 2000 e, nos últimos anos, tem decorrido no mesmo dia de aniversário do museu, culminando com uma exposição dos trabalhos premiados, quando também são entregues os prémios respetivos, numa cerimónia que tem tido lugar no último trimestre de cada ano.

2. Acompanhamento do processo de conceção e montagem da exposição «Gentes da Terra e do Mar» - descrição das atividades desenvolvidas

Em 2018, o museu de Portimão celebrou o seu 10.º aniversário no dia 19 de maio. Para assinalar essa data estava prevista a inauguração de uma exposição que, pela primeira vez, iria ocupar as duas salas de exposições temporárias. Ora, foi principalmente sobre a preparação desta atividade que o estágio curricular desenvolvido pela estagiária nessa instituição se ocupou, cujas atividades por ela desenvolvidas serão a partir deste momento descritas em pormenor.

O estágio teve início no dia 1 de março e ao longo desse primeiro dia de trabalho, foi feita uma visita por toda a instituição, de modo a conhecer os funcionários e os tipos de função realizados em cada um dos setores. Na tarde desse mesmo dia, houve a oportunidade de participar numa ação da oficina educativa, denominada «Primeira Impressão», destinada aos alunos do pré-escolar e 1.º ciclo, a fim de compreender qual a dinâmica deste setor. Esta iniciativa é sempre antecedida de uma visita à exposição permanente do museu, e neste caso em particular, teve uma paragem junto ao núcleo de «Alcázar – A ocupação milenar de um território» e à prensa litográfica, integrada no núcleo «Artes do cheio, artes do vazio», onde o técnico explicara a sua função enquanto interpelava os alunos sobre os diferentes mecanismos da mesma, como as cores ou materiais utilizados. Depois da passagem ainda pela antiga cisterna, o grupo é conduzido à sala da oficina para dar início às atividades práticas. No dia em que participei na realização desta ação, os alunos foram vestidos com capas de plástico para os proteger da

tinta e, posteriormente, foram divididos em dois grupos, sendo que um se distribuía pelas mesas preenchidas por uma longa faixa branca, que viria a ser colorida pelo grupo mediante pequenos moldes de imagens feitos a partir de esponja ou recortados em cartolina. No final, a turma levou consigo uma recordação da atividade, a qual consistia em apertar as mãos pintadas sobre uma folha A3, previamente preenchida com o nome do aluno, fechá-la ao meio e prensá-la para que as cores se misturassem.

Os dias seguintes foram ocupados a aprofundar conhecimentos sobre a instituição, através da pesquisa de documentos e informações, como o programa museológico e outros dados existentes em arquivo sobre os primeiros anos de trabalho da CIMP, bem como da organização da RMA que sem dúvida, se tornaram cruciais para a conclusão dos primeiros capítulos deste trabalho.

A partir de então, as atividades desenvolvidas começaram a debruçar-se sobre a concretização da exposição temporária. Ainda sem um nome definido, o conceito da exibição já era conhecido e foi, desde o momento em que integrei a equipa museal, explicado pelos membros com quem iria trabalhar. Tratar-se-ia de uma mostra sobre as atividades ligadas à agricultura e à pesca, uma dualidade de realidades que sempre acompanhou a população portimonense, a qual ficaria instalada na sala do primeiro piso, mas também sobre os mercados, o local por excelência onde os produtos de ambas as atividades se encontravam, e que seria representado na sala do piso térreo. Foram igualmente indicados os núcleos que já haviam sido estabelecidos e que estavam previstos incluir na mostra - trabalhar a terra, pesca industrial, pesca artesanal e marisqueiro, milho, mel, vinho, frutos secos, rega (ciclo da água) e mercados – assim como a sua distribuição e organização nas salas de exposição, a partir das plantas destes compartimentos, produzidas pelo técnico de design gráfico, e que se tornaram uma importante ferramenta ao longo de todo o processo, nomeadamente para os carpinteiros que ficaram encarregados da conceção dos estrados e outros elementos, bem como para o setor da investigação, no sentido de facilitar a seleção das peças com base no tamanho do espaço existente e posterior montagem.

Para uma melhor compreensão das atividades desenvolvidas durante este processo, tendo em conta a sua variedade e pertinência, subdivide-se este ponto em três, os quais correspondem a Investigação, Saídas de Campo e Preparação e Montagem da Exposição.

3.1 – Investigação

Tendo em conta que já existia informação sobre as atividades agrícolas e piscícolas da localidade, resultante de trabalhos anteriores desenvolvidos pela equipa do museu junto da comunidade, o trabalho de investigação aqui identificado teve que ver com a segunda parte da mostra, isto é, com os mercados. Sabia-se, à partida, da existência de um mercado do peixe, situado junto ao rio e inaugurado nos primeiros anos do século XX, mas desconhecia-se uma data rigorosa acerca da sua abertura, pois até aí mais não havia que uma suposição entre dois anos, 1905 e 1907. Também havia conhecimento do funcionamento de um mercado para a venda de frutas e hortaliças numa parte mais elevada da cidade, construído pouco depois da Implantação da República na Alameda com o mesmo nome, mas não estavam claros alguns dados a ele referentes como a abertura oficial ou as razões que motivaram a sua ampliação para a comercialização de peixe, após o encerramento do referido estabelecimento próprio, nos anos 50.

Assim, para esclarecer as dúvidas que se manifestavam e, reconhecendo a importância do estudo e investigação no âmbito da museologia,¹⁵⁴ o meu trabalho principiou com a consulta de documentos de carácter administrativo e informativo, onde as questões acima identificadas poderiam estar expostas. Neste sentido, tendo como referência as datas conhecidas para a possível construção do mercado do peixe, comecei por investigar a história deste espaço nas Atas de Vereação da Câmara Municipal de Portimão, relativas aos anos de 1905, 1906 e 1907, uma vez que essas constituem um imprescindível documento para qualquer investigador, visto apresentarem, o mais fiel possível, as transcrições de todas as ocorrências, deliberações, resoluções e decisões resultantes de qualquer tipo de reunião ou assembleia. (Figura 18). Apesar de ter sido um trabalho algo moroso e exigente, na medida em que obrigou a uma leitura atenta de todas as sessões, acabou por se revelar bastante produtivo, pois permitiu conhecer parte da realidade do concelho na altura e, não obstante, comprovar a data em que o mercado entrou efetivamente em funcionamento, 1907: «(...) *hoje possuímos com jubilo nosso e justificada raridade essa obra que fora o pezadelo de tantas vereações, e que promete ser uma importante fonte de receita municipal.*»¹⁵⁵

¹⁵⁴ Lei Quadro dos Museus Portugueses (Lei n.º 47/2004), Secção II, artigo 8.º - «O estudo e a investigação fundamentam as ações desenvolvidas no âmbito das restantes funções do museu, designadamente para estabelecer a política de incorporações, identificar e caracterizar os bens culturais incorporados ou incorporáveis e para fins de documentação, de conservação, de interpretação e exposição e de educação.»

¹⁵⁵ Citação de parte da Ata da sessão de câmara de 30 de outubro de 1907

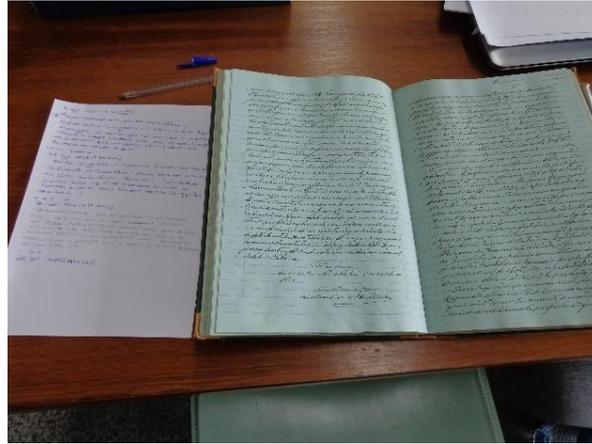


Figura 18 - Pesquisa nas atas de vereação da CMP

Foto: Ana Mateus, março 2018

Posteriormente, a investigação prosseguiu pela imprensa local, outro tipo de documentação considerada fidedigna por conter notícias e relatos de acontecimentos passados. A pesquisa pela imprensa foi feita no suporte papel e digital, isto é, nos jornais impressos e nos disponíveis em microfilme, com o objetivo de encontrar informações relativas aos dois mercados e também de anúncios onde estivessem à venda alfaia agrícolas ou outros elementos ligados a esta atividade, a serem, eventualmente, incluídos na exposição. Os periódicos consultados foram «Comércio de Portimão», particularmente para a pesquisa dos anúncios e «O Arauto» e «Alma Algarvia», que indicaram as notícias acerca do início das obras de construção do mercado de hortaliças (abril 1913), bem como da sua inauguração, a 24 de maio de 1914 (domingo), numa cerimónia onde estiveram presentes muitos vendedores, vereadores e presidente da comissão executiva. (Jornal «O Arauto», n.º 160, 30 de maio de 1914). (Figuras 19 e 20).

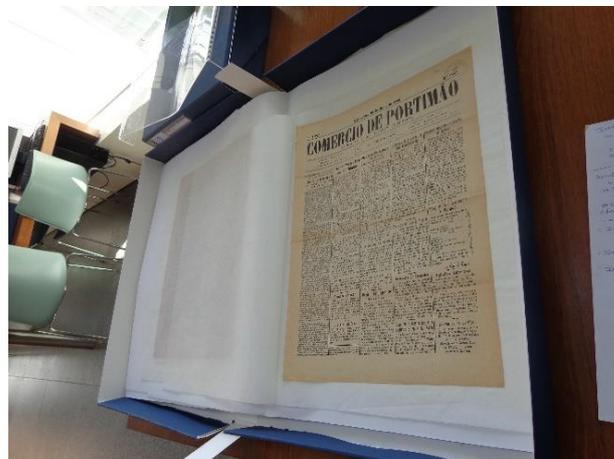


Figura 19 - Pesquisa no jornal «Comércio de Portimão»

Ana Mateus, março de 2018



Figura 20 - Pesquisa em microfilme

Foto: Ana Mateus, março 2018

Também a nível da investigação, acrescentam-se as três entrevistas realizadas com pessoas que conheceram os dois mercados anteriores ao atual, no sentido de serem conseguidas informações relativamente ao seu funcionamento e principais diferenças em comparação com os dias de hoje. Recorde-se que o património cultural tem a capacidade de fazer recordar o passado e expressar a identidade e as vivências de um povo. Foi nesse sentido que se considerou pertinente abordar determinadas pessoas, tendo em conta que essas, sobretudo pelas ligações familiares que têm com este setor, possuem memórias e informações muito mais genuínas, que qualquer outra obtida em livros ou imprensa, por exemplo. Antes de mais, importa referir que este trabalho de entrevistas foi realizado em colaboração com os dois técnicos do setor da investigação – Patrícia e Pedro - sendo que a minha participação se relacionou tanto com a preparação das entrevistas, aquando da realização de um guião com as principais perguntas a serem feitas, bem como no seu acompanhamento.

Todavia, salienta-se um evento que, não se tratando de uma entrevista propriamente dita, mas de uma conversa mais informal, deu início a este processo de contacto com a realidade dos mercados e com as pessoas que os conheceram. No final de março, depois de uma conversa com o senhor Benedito, reconhecido numa fotografia de época, que fazia parte de um conjunto de imagens captadas por Jacques Zeymert, onde se retratava o

ambiente de um mercado em Portimão no final da década de 60, ficamos a saber, entre outros aspetos, que os comerciantes tinham de pagar uma determinada quantia pelo lugar que ocupavam e que para esse efeito existiam umas senhas que lhes eram entregues no ato de pagamento. Ora, como parte do arquivo da CMP está depositado no CDAH, foi possível encontrar algumas cadernetas relativas ao valor do terrado aplicado no Mercado de Frutas e Hortaliças da cidade, entre os anos de 1965 e 1968, como ilustra a figura 21.



Figura 21 - Taxas de terrado

Ana Mateus, 05/04/2018

Após este primeiro momento, foram estabelecidos contatos com os nossos entrevistados para conhecer a sua disponibilidade e deu-se início às entrevistas. Como já foi mencionado, procedeu-se à elaboração de um guião com algumas questões, com base nas temáticas e problemas que nós os três pensamos que seriam importantes ver refletidos na exposição, mas também de acordo com as dúvidas e incertezas que ainda se manifestavam relativamente a determinados aspetos. As perguntas feitas incidiram sobretudo sobre a forma como os vendedores se iniciaram na atividade, as principais diferenças que têm vindo a sentir de mercado para mercado, quer a nível das fiscalizações, quer a nível da forma de comercialização dos produtos, o que se recordam do edifício da alameda, tendo em conta que todos eles principiaram aí o seu serviço, locais de convívio, como funcionava a taxa do terrado e como era feito o transporte dos seus excedentes para a praça.

Das três entrevistas realizadas, duas tiveram lugar no museu e uma foi feita no interior do mercado municipal, promovendo a nossa deslocação ao local. Contudo, todas as entrevistas desenrolaram-se de forma natural, sem seguir a ordem das questões colocadas no guião, até porque esse serviu apenas de ferramenta de trabalho e, muitas vezes, eram os próprios entrevistados que desenvolviam os assuntos ou referiam outros que não estavam na lista. Durante as conversas, os entrevistados foram confrontados com o conjunto de fotografias acima referido (Jacques Zeymert), de forma a ajudá-los a recordar determinados aspetos, reconhecer pessoas e, como efetivamente aconteceu, fornecer dados até então desconhecidos.

A primeira entrevista teve lugar no dia 17 de abril e foi direcionada a Ilídio Guerreiro, vendedor e armazenista do mercado da Alameda e posteriores, que partilhou o momento em que começou a vender no mercado da Alameda com o pai, ainda criança, recordou a grande afluência de pessoas aos domingos e como até os dias de chuva não eram impedimento para os comerciantes. Não esqueceu de frisar o negócio de família, onde todos trabalhavam na apanha e transporte de pêssegos, as viagens que, mais recentemente, chegou a fazer ao centro do país para adquirir fruta e como a abertura das grandes superfícies gerara uma quebra na comercialização dos seus produtos nos mercados grossistas. Não obstante todos estes dados que nos foram revelados, a entrevista ao Ilídio revelou-se muito interessante na medida em que, a partir das fotografias de 1969, o vendedor foi apontando as grandes alterações urbanísticas que aquela parte da cidade foi recebendo, e numa delas acabou mesmo por reconhecer a carrinha e as caixas do seu pai (Figura 22), o que motivou o empréstimo dessas para serem colocadas na exposição junto à referida fotografia.



Figura 22 - Mercado de Portimão. Carrinhas e caixas reconhecidas por Ilídio Guerreiro Jacques Zeymert, 1969

No dia 19 de abril, realizou-se a segunda entrevista, desta feita à dona Lurdes, vendedora de grão e feijão no mercado municipal de Portimão, local onde a conversa se concretizou. (Figura 23). As perguntas foram idênticas à anterior, sendo que também neste caso, a entrevistada referiu estar a dar continuidade a algo que se recorda de ver o avô e o pai desenvolver. Referiu a existência de um espaço exterior, circundante ao edificado, que era destinado aos agricultores que tinham de pagar pelo espaço e criticou as obrigações que os novos mercados foram trazendo relativamente à comercialização, como sendo a troca das medidas de madeira e alfofas pelos plásticos que, na sua opinião, dificultam a respiração dos produtos, aumentando a sua condensação.



Figura 23 - Entrevista a Dona Lurdes no mercado municipal

Ana Mateus, 19/04/2018

Neste dia, abordámos o senhor Manuel Jesus, vendedor de peixe no mercado, no sentido de agendar com ele uma data para o entrevistar, até porque os testemunhos anteriores tinham sido mais direcionados para o setor da venda de fruta, e no momento ainda se sentiam algumas dúvidas relativamente ao local e forma de comercialização do pescado. O mercado do peixe situado junto ao cais tinha encerrado na década de 50 do século XX e no interior do mercado de frutas e hortaliças, da Alameda, apenas eram vendidos produtos hortícolas e de talho. Os agricultores vendiam os seus produtos caseiros no exterior, tal como o peixe que era vendido nas imediações.

Assim, a entrevista ao senhor Manuel Jesus, que se realizou no museu no dia 20 de abril, procurou, acima de tudo, esclarecer estas dúvidas e comprovar a forma de transporte utilizada pela maioria dos vendedores. Apesar de trabalhar no negócio do peixe há mais

de quarenta anos, Manuel garantiu que a sua profissão de sonho é na eletricidade, embora hoje, se pudesse, já não trocasse de função. Nesta entrevista, o vendedor contou o motivo que o levou a desenvolver esta atividade, as espécies de peixe vendidas ao longo dos tempos, a relação com os colegas e os momentos vividos na última fiscalização à praça, criticando expressamente a forma como essa fora desenvolvida, em comparação com os períodos do regime salazarista em que referiu existirem margens estipuladas na compra de peixe.

Mas, mais importante que isso, foi provavelmente o que nos relatou acerca da passagem dos vendedores de peixe para a zona da Alameda: *«Na Alameda havia lá uma parte que dava com traseiras com os bombeiros (...) e havia lá onde é que os operadores da fruta iam deixar os carros, naquela altura eram os carros de besta (...) eles desengatavam as carroças, depois tinham um telheiro corrido onde é que havia umas manjedouras, havia umas manjedouras que eles prendiam os animais e davam uma palhinha, enquanto estavam nas vendas, e os animais estavam ali, estavam a comer e coiso e tal... de maneira que isso depois, essa parte foi aproveitada então para fazer o mercado do pescado, foi ai, nessa parte que eles aproveitaram para fazer ai o mercado do pescado.»*¹⁵⁶ Esta acabou por ser uma informação bastante importante, pois consolidou os conhecimentos e até foi usada na composição de um dos textos da mostra.

Refira-se que, ainda antes destas entrevistas, se iniciou um processo de pesquisa bibliográfica, com o intuito de encontrar determinados dados que pudessem vir a contribuir para a elaboração dos textos de apoio à exposição. Esta pesquisa incidiu tanto em livros de temas mais genéricos, mas relacionados com os assuntos da mostra, como também em documentos de carácter local e regional, nomeadamente monografias. (Figura 24). Estas últimas foram particularmente importantes, uma vez que apresentam estudos bastantes aprofundados de determinada localidade, e isso permitiu comparar as informações que já tinham sido transmitidas pela comunidade.

¹⁵⁶ Parte da transcrição da entrevista a Manuel Jesus, 20 de abril de 2018

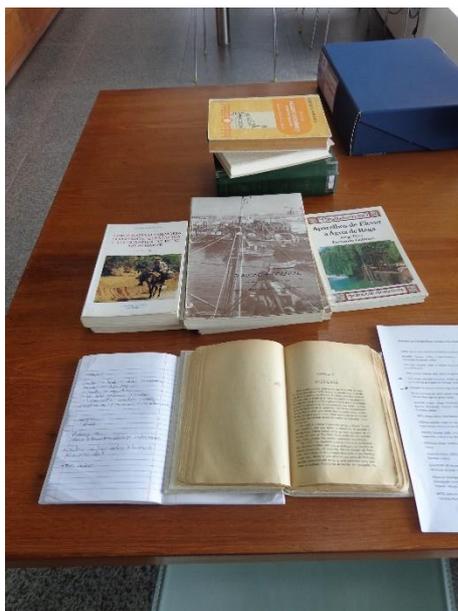


Figura 24 - Pesquisa bibliográfica

Ana Mateus, 11/04/2018

Foram consultados vários livros, entre os quais as monografias de Portimão, Alvor e Mexilhoeira Grande, a Corografia do Reino do Algarve de João Batista da Silva Lopes, o Anuário Agrícola de Portugal (1962) e vários trabalhos de Fernando Galhano, Ernesto Veiga de Oliveira, Benjamim Pereira e Jorge Dias como «O voo do Arado», «Alfaia Agrícola Portuguesa» e «Aparelhos de elevar a água de rega». Estes livros mais genéricos serviram, sobretudo, para esclarecer nomes de determinadas peças, tendo em conta que, em muitos casos, as denominações e técnicas variam de região para região como estes autores demonstram nos seus variados estudos.

Particularmente, há que destacar o livro «Portimão» (1956), de Joaquim António Nunes, que faz uma descrição do concelho até início da segunda metade do século XX e apresenta mesmo algumas tabelas com as quantidades de peixe, frutas e produtos hortícolas produzidos e/ou vendidos em Portimão entre 1945 e 1954. Estas informações foram consideradas pertinentes e um acréscimo à informação existente nos textos, pelo que se optou pela digitalização dessas tabelas com o objetivo de eventualmente virem a ser incluídas na exposição.

2.2 – Saídas de Campo

As saídas de campo aqui referenciadas estão, quase todas, relacionadas com as deslocações realizadas a determinados locais para ver e/ou recolher peças a incluir na exposição. De todas as que eu participei, apenas uma não compreendeu o concelho de

Portimão, como se verá de seguida. Refira-se, ainda, que em todas as saídas de acolhimento de material, foi indispensável a participação da técnica de conservação e restauro, que contribuiu com a sua avaliação acerca do estado de conservação de determinada peça e cooperou na melhor forma de acondicionamento e respetivo transporte dessas para o museu.

Como foi indicado acima, registou-se uma saída de campo fora dos limites do concelho de Portimão. A Quinta dos Avós é uma antiga casa agrícola situada junto à estrada de Algoz (concelho de Silves), hoje transformada em casa de chá e pastelaria, onde se podem comer dos melhores e mais tradicionais doces algarvios. Mas dela também faz parte um «museu rural», nascido da dedicação do seu proprietário, José Gonçalves, que, aposentado da sua função nos correios, passou a depositar todo o seu tempo e paixão em ambos os espaços. No caso do museu, é possível ver uma vasta coleção de carros de tração animal, vários trajés típicos, uma mercearia tradicional e fotografias de outros tempos, através de uma visita guiada promovida pelo próprio José, à medida que partilha as suas memórias e histórias de vida.

Ora, no âmbito da preparação da exposição, foram realizadas duas visitas à Quinta dos Avós, entidade que já havia colaborado com o museu de Portimão em outras ocasiões. A primeira teve lugar no dia 5 de abril, com o objetivo de ver e conhecer de perto o acervo existente neste local e perceber se as peças teriam condições de integrar a exposição ou em que núcleo fazia mais sentido a sua inclusão. Refira-se, contudo, que a visita foi antecedida de uma análise às reservas e coleções do museu, onde foram consideradas algumas das necessidades e entraves à conceção dos núcleos propostos. Ou seja, sendo um dos propósitos da exposição mostrar, a partir de uma encenação, o processo do transporte dos produtos para os mercados e a sua comercialização nesses espaços, foi assinalada a falta de um número suficiente de caixas de madeira utilizadas, em tempos idos, para a venda de frutas e legumes, assim como de cestos de verga, canastras e sacas de serrapilheira para a mesma finalidade e uma bicicleta ‘pasteleira’, que os pescadores usavam para transportar as caixas de peixe. Noutros núcleos, estava em falta uma prensa de vinho, um trilho agrícola, esteiras de canas e funcho e um conjunto de alcatruzes de barro, que iriam representar o ciclo da água e o método de rega. Neste sentido, a visita à Quinta dos Avós realizou-se com o objetivo de colmatar estes problemas, a qual acabou por se revelar crucial para a composição dos núcleos, no sentido em que praticamente todas as carências descritas acabaram por ficar preenchidas. Tendo em conta que foi detetada a falta de uma peça específica da prensa de vinho, nesta primeira visita ficou

estipulado, com os proprietários da Quinta, que se agendasse uma data posterior para recolher todo o material pretendido e deixar o respetivo auto de entrada.

Assim, a segunda deslocação à Quinta dos Avós teve lugar no dia 2 de maio, quando o acervo foi finalmente transportado para Portimão, na carrinha «Ford Transit» da CMP ao serviço do museu, devidamente acondicionado em contentores tipo caixas de plástico e protegido por papel de espuma e plástico de bolhas.



Figura 25 - Visita à Quinta dos Avós
Ana Mateus, 04/04/2018

Nas mesmas condições foram transportadas algumas peças existentes no Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Alvor, um espaço anexo à Igreja da Misericórdia desta vila e dedicado à pesca e à agricultura, mas há muito fechado ao público. Entre os objetos recolhidos, destaca-se uma réplica da traineira Portugal VI e quatro de lanchas de pesca artesanal, uma rede de tresmalho, um aparelho (de pesca) em alcofa e dois cestinhos simulando fruta em exposição. Esta deslocação teve lugar no dia 18 de abril.

Durante a preparação da mostra, surgiu outra necessidade que a coleção do museu não conseguira responder, como sendo a falta de milho para a criação do núcleo a ele respeitante. Tendo em conta a época do ano em que nos encontrávamos, pois o milho só

é colhido no início do outono, seria muito difícil encontrar alguém que tivesse este cereal no momento. Foram contactadas diversas pessoas e todas confirmaram o período de colheita, negando, por isso mesmo, a posse do cereal. Todavia, no dia 9 de maio, após contacto com um colaborador do museu na atividade «A nossa cultura sai à rua», precisamente com milho, foi possível recolher este cereal em bastante quantidade, dado o elevado número que aquele possuía em reserva do ano anterior. Uma vez que a necessidade do milho se manifestava tanto em bago como em maçaroca, prontamente, este indivíduo se ofereceu para debulhar o cereal em máquina própria, durante um momento que também possibilitou o esclarecimento de dúvidas relativamente à produção e debulha de milho. (Figura 26).



Figura 26 - Recolha de milho na localidade da Figueira
Ana Mateus, 09/05/2018

Ainda a nível das saídas de campo, refiram-se as duas passagens pelo mercado municipal de Portimão, a primeira para entrevistar a Dona Lurdes, como já foi anteriormente evidenciado e a segunda para proceder à compra de determinadas leguminosas e frutas, a serem usadas na encenação de um mercado típico dos anos 50-60. Optou-se por alimentos de longa duração, de forma a que a sua substituição não fosse tão frequente e de variedade distinta, para tornar o mercado o mais real possível. As compras foram efetuadas no dia 17 de maio de 2018 e, com a ajuda monetária do GAMP, foram adquiridas laranjas, batatas brancas, batatas doces, alfarrobas, algumas porções de grão, feijão e favas e ainda uma abóbora. (Figura 27).



Figura 27 - Compra de leguminosas no mercado

Ana Mateus, 17/05/2018

No mesmo dia, realizou-se uma última saída de campo, desta feita para entregar pessoalmente convites da inauguração da exposição e festa de aniversário do museu, particularmente a pessoas mais velhas, que são também aquelas com quem o museu tem vindo a trabalhar, mas que não têm muita proximidade com as novas tecnologias, como a internet, para que o possam receber por e-mail. Os locais visitados foram o polo dos pescadores de Alvor, uma vez que na mostra estavam representadas algumas figuras da zona e instrumentos de trabalho daqueles homens, a Aldeia de São José, na Mexilhoeira Grande, que é um lar de idosos onde está interno o senhor António Marreiros, antigo fotógrafo daquela freguesia e que na mostra teria expostas algumas imagens por si captadas e, ainda, a vila da Mexilhoeira Grande, onde se procurou deixar convites nos pontos mais estratégicos por onde circula maior número de pessoas, como a Junta de Freguesia, cafés e a papelaria central da localidade.

2.3 – Atividades de preparação da exposição

As próximas atividades foram realizadas no interior do museu – tal como a investigação o fora – mas são de carácter mais prático que essa, no sentido em que permitiram conhecer o método de trabalho da equipa do museu no que diz respeito à preparação e montagem de uma exposição temporária.

a) Preenchimento do guião da exposição

Como vimos anteriormente, o guião da exposição é um dos primeiros e principais métodos de trabalho utilizados pela equipa do museu no momento da preparação de qualquer exposição temporária. É um trabalho que pressupõe a colaboração do serviço de inventário, que remete para o setor da investigação toda a informação relacionada com o tema da exposição, como a lista das peças ou coleções e respetivas imagens relacionadas com aquele, bem como o número da sua ficha descritiva e proveniência, e do CDAH, que coopera com o empréstimo de documentação existente no seu arquivo. Assim, o preenchimento do guião é elaborado com base nesses dados e nos que constam no próprio serviço de investigação, resultante dos seus trabalhos junto da comunidade, como entrevistas e fotografias. O guião é dividido por núcleos e é composto por três momentos distintos: conteúdos, museografia/elementos expositivos e peças/coleção. O primeiro espaço a ser preenchido é a coluna respeitante às peças e coleções, na qual vão ser colocadas as imagens das peças previamente selecionadas, sob as quais também é indicado, sempre que possível, o seu número de inventário e origem. Segue-se o preenchimento da coluna da museografia, onde se dispõem, todos os elementos considerados necessários à apresentação da exposição, como sendo as fotografias que irão acompanhar as peças, as legendas, as vitrines, silhuetas, entre outros elementos. Neste caso em particular, o último espaço a ser completado foi o dos conteúdos, que estão relacionados com os textos produzidos (em português e inglês) para os painéis da mostra e as legendas com os nomes de cada peça, elaboradas nos mesmos idiomas.

A imagem 28 mostra o preenchimento do guião, durante o mês de março, aquando do trabalho de preparação da exposição, mas após a sua inauguração houve a necessidade de o atualizar, tendo em conta que se verificaram alterações e substituições de peças e imagens. Este trabalho foi realizado no dia 21 de maio, segunda-feira, dia em que, por norma, o museu de Portimão está encerrado ao público e, nesse sentido, facilitado pelo facto de as salas estarem fechadas. Basicamente, foi elaborada uma visita atenta à exposição, tendo havido o cuidado de assinalar as diferenças registadas em cada núcleo. (Anexo 12).



Figura 28 - Preenchimento do guião da exposição

Ana Mateus, 05/04/2018

b) Trabalho no serviço de inventário

A oficina é o primeiro lugar onde as peças que dão entrada no museu, seja por doação, seja por empréstimo, são depositadas com o objetivo de serem referenciadas. É neste espaço que trabalha o sector do inventário, responsável pela elaboração das fichas descritivas de cada peça, mas também pelo seu acolhimento e processos posteriores.

No dia 2 de maio de 2018, entrou no museu um conjunto diversificado de peças oriundas da Quinta dos Avós e nesse dia e seguinte, colaborei com os membros do setor de inventário, no sentido de perceber qual é o seu procedimento a partir do momento em que determinado objeto chega ao museu até à data em que o mesmo é conduzido para a sala de reserva ou de exposição, como foi o caso. Antes de mais, importa referir que esta primeira etapa é um método encontrado pelo museu de Portimão que pretende fazer com que as peças não se percam no meio de tantas outras que, em alturas de exposições, praticamente todos os dias chegam à instituição. Assim, conforme se pode ver na figura 29, a partir da lista anexa ao auto de entrada, onde constam todas as peças acolhidas pelo museu, é atribuído a cada uma delas, um número provisório, (1,2,3...), uma vez que a ficha de inventário ainda não foi produzida e o número de sequência também não existe.

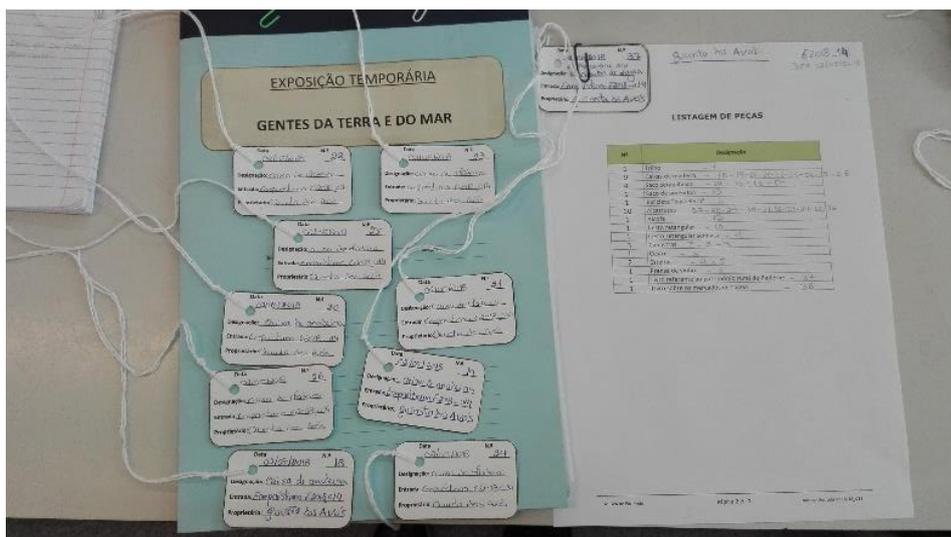


Figura 29 - Atribuição do número provisório e preenchimento de placas identificatórias

Ana Mateus, 02/05/2018

Posteriormente, preenchem-se pequenas placas identificatórias, azuis se tiverem sido doadas e brancas se entrarem no museu na condição de empréstimo, as quais vão ser presas à peça através de um fio branco. Esta identificação, que acompanhará a peça até ao momento em que entra na sala de exposições, contém a data e o número provisório previamente indicado, a designação da peça, o tipo de entrada em conjunto com o código do auto de entrada e, finalmente, o nome do proprietário.



Figura 30 - Aplicação das placas identificatórias

Ana Mateus, 02/05/2018

Durante este primeiro processo, existe também a preocupação em fotografar todas as peças anteriormente identificadas, nos mais variados ângulos, bem como de fazer todas as medições necessárias - altura, comprimento, largura e diâmetro (caso se aplique) - e de distinguir a composição e características dos materiais que compõem a peça e as respetivas cores, identificadas a partir do padrão de cores estipulado pela Pantone. Este sistema, que é sobretudo desenvolvido nas alturas em que a quantidade de acervo a chegar ao museu é elevada, permite que a ficha de inventário permanente possa ser realizada numa fase posterior, sem que seja preciso voltar a analisar a peça.

Só depois desta fase, é que a peça segue para o laboratório de conservação e restauro, para que o seu estado seja avaliado e a sua condição afiançada pelos técnicos deste setor. Há uma lista com o número provisório e designação da peça, onde é indicada a data em que aquela deu entrada no laboratório e a data em que saiu do mesmo local. Finalmente, a peça está em condições de ser encaminhada para a sala de reserva da exposição, onde se concentram todos os objetos selecionados para a mostra. (Figura 31).



Figura 31 - Aspeto da sala de reservas com objetos em condições de serem expostos

Ana Mateus, 02/05/2018

Embora não tenha havido oportunidade de preencher uma ficha de inventário, o contacto com este serviço permitiu perceber como é que aquela funcionalidade é desenvolvida. Atualmente, todo o inventário está informatizado, sendo utilizado para esse efeito o sistema «*in patrimonium*», que organiza a informação de uma forma muito concisa, mediante a configuração dos dados de acordo com o interesse dos utilizadores. Importa referir que esta é uma ferramenta desenvolvida pela empresa Sistemas de Futuro,

criada com o objetivo de utilizar as novas tecnologias da informação e comunicação na gestão do património cultural e natural. Este tipo de inventário tem várias particularidades, podendo ser utilizado por diferentes perfis ou utilizadores com acesso à consulta ou introdução de novos dados e permite o registo da informação mais específica ou genérica do património, à qual se pode juntar todo o tipo de documentação multimédia, como imagens, vídeos ou documentos. Para além disto, conta com outros módulos importantes como as tabelas auxiliares que admitem gerir e parametrizar diferentes tabelas ou termos que auxiliam na introdução de dados em outros pontos do programa e o módulo de relações que estabelece «*as relações entre as tarefas de Inventário e documentação, a título de exemplo, que tenham algum significado para melhor documentar a coleção*».¹⁵⁷

c) Transcrição de entrevistas

A organização de uma exposição é uma tarefa exigente e está dependente de um conjunto diversificado de tarefas, conducentes ao seu sucesso. Neste ponto pretende-se descrever outras atividades desenvolvidas durante o estágio, que tiveram grande importância para a concretização da mostra. Depois das entrevistas realizadas, foi necessário proceder à sua transcrição, pois considerou-se que aquelas conversas haviam transmitido informações bastante relevantes que poderiam ser utilizadas no contexto desta exposição. Foram transcritas três entrevistas, sendo que duas delas ultrapassaram os 60 minutos de conversa. Assim, o método de trabalho usado neste processo foi ouvir atentamente a entrevista e, em seguida, iniciar a sua transcrição, com o cuidado de ir logo assinalando as partes que transmitiam os aspetos mais importantes e os respetivos tempos onde essas se encontravam, de modo a facilitar uma futura consulta à entrevista. (Figura 32). Posteriormente a este trabalho, foi efetuada uma leitura a todas as entrevistas transcritas, com o objetivo de selecionar algumas citações que pudessem vir a integrar determinados núcleos da mostra, o que de facto aconteceu, como uma referência de Ilídio Guerreiro ao terrado, isto é, das senhas que os vendedores teriam de adquirir para poder vender os seus produtos. As frases escolhidas foram digitadas num documento word

¹⁵⁷ Flyer «In Patrimonium – Gestão Integrada do Património», disponível em: http://sistemasfuturo.pt/pdf/flyer_patrimonium_pt.pdf, visualizado a 31/08/2018

diferente, e divididas pelas categorias a que diziam respeito, como transportes, fiscalização, terrado e mercado. (Anexo 13).

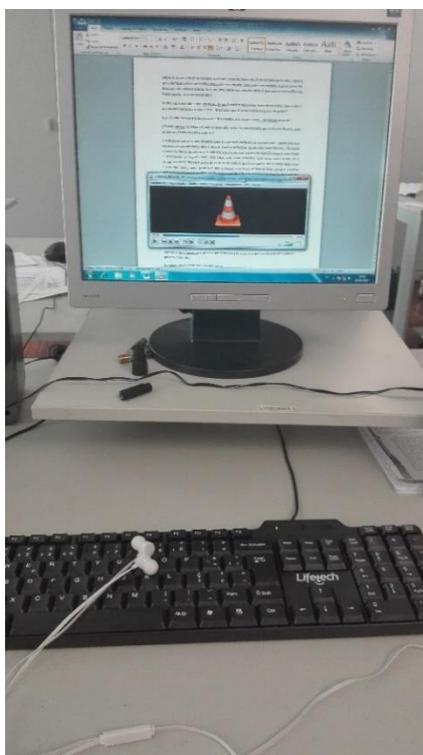


Figura 32 - Transcrição de entrevistas

Ana Mateus, 24/04/2018

A outra atividade importante à concretização desta exposição esteve relacionada com a conceção do primeiro núcleo da mostra, denominado «trabalhar a terra», o qual, como o próprio nome indica, teria o objetivo de representar o processo de preparação dos terrenos para as culturas, através da exibição de várias alfaías agrícolas, como o trilho, as enxadas e os sachos e o arado, puxado por animais de tração. Ora, foi precisamente este último mecanismo que se procurou representar, a partir de duas silhuetas de um animal que seriam atreladas ao arado, de forma a exemplificar o seu movimento. Assim, o designer gráfico do museu produziu um desenho, em tamanho real, de um boi, o qual teve de ser impresso em duas partes, dadas as suas dimensões. Ambas as peças foram recortadas pelo limite do desenho e coladas, na parte de trás, com fita cola, permitindo completar a imagem. O passo seguinte consistiu em reproduzir, com recurso a um lápis de carvão, o desenho do boi para uma placa de madeira, que seria recortada pelos carpinteiros ao serviço do museu e pintada de preto. Foram necessárias duas placas de

madeira com o mesmo desenho, mas no âmbito do estágio, apenas foi produzida uma silhueta, como a figura 33 documenta.

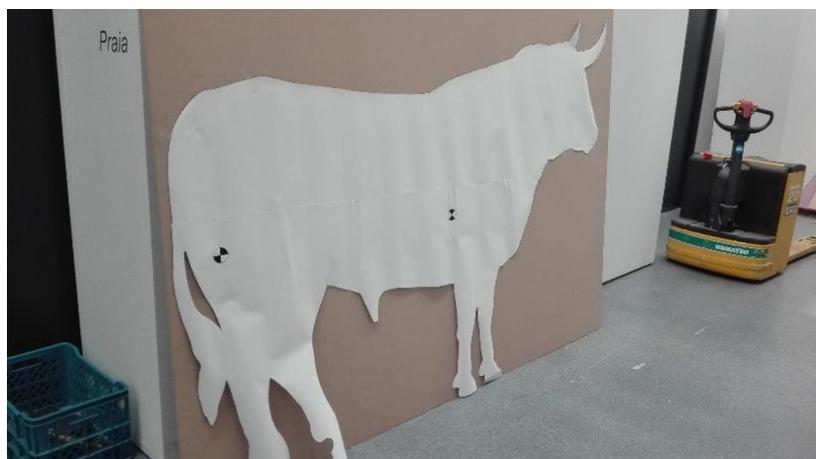


Figura 33 - Reprodução de silhueta de animal para placa de madeira

Ana Mateus, 11/05/2018

d) Produção de textos

A investigação é uma das principais funções museológicas, na medida em que, quando bem-sucedida, vai permitir a realização das restantes, em particular da exposição e interpretação, facilitando a absorção da informação apresentada por parte do público. Como fruto desse trabalho, nomeadamente da pesquisa bibliográfica acima descrita, surge muita informação que permite construir os textos anexos às peças em exposição.

Na totalidade, foram redigidos doze textos, um para cada núcleo, aos quais se acrescenta o texto introdutório da exposição, colocado à entrada da sala do primeiro piso. Para o processo de redação destes excertos considerou-se que esses fossem pequenos, mas de fácil leitura e que possuíssem a informação essencial relativamente ao núcleo em causa, agregando, se possível, tanto as citações de entrevistas, como das pesquisas elaboradas. Todos os textos foram apresentados nos idiomas de português e inglês. Veja-se, abaixo, os textos que, embora alterados em algumas das partes, contaram com a colaboração da estagiária:

Núcleo Milho

«No princípio toda a gente semeava mais quantidade de milho. Metade do terreno que existe aqui, a cultura principal era milho» (José Casimiro).

Semeado à “braçada” entre abril e maio, com a ajuda de sachos e enxadas, este cereal mobilizava grande número de homens e mulheres. Depois da apanha, no princípio do outono, era transportado para junto das eiras onde as espigas eram desfolhadas, em ambiente de festa e convívio, reunindo “uns bolos, uma garrafa de aguardente e (...) às vezes aparecia a concertina” (José Casimiro).

Depois de seco, era debulhado com o auxílio de um mangual, ou com uma máquina debulhadora.

Antigamente, rentabilizava-se mais a cultura do milho, pois a sua fatana também era aproveitada para encher colchões, por exemplo, e o milho era moído para farinha alimentar, enquanto hoje aproveita-se apenas a maçaroca, sobretudo para alimentação dos animais»

Núcleo Mel

«O Algarve tem uma produção de mel bastante expressiva no contexto nacional, onde Alvor e a Mexilhoeira Grande se incluem. A produção de mel no município é sobretudo um negócio de família, embora já também com uma componente comercial e de exportação.

Este é um trabalho sazonal e de transumância. Começa-se por arranjar abelhas na primavera e o trabalho do apicultor prolonga-se pelo verão. No terreno, hoje já ninguém trabalha com os antigos cortiços de sobreiro, recorrendo às colmeias de quadros que possibilitam um melhor manuseamento e extração do mel. Após o trabalho das abelhas no apiário, os quadros são transportados nas alças para o local de extração do mel, onde se retiram os opérculos que cobrem os alvéolos dos favos de mel maduros. Em seguida, os quadros são colocados na centrífuga, cuja velocidade permite extrair grande quantidade de mel, num processo que termina com a filtração dos restos de cera e seu armazenamento final em depósitos de Inox.

O mel está pronto para ser comercializado em frascos próprios para o efeito.

Há diferentes tipos de mel de acordo com o tipo de flores onde a abelha vai buscar o pólen. No Algarve destaca-se o mel de rosmaninho, medronho, eucalipto, alfarroba, laranjeira e multifloral».

e) Montagem da exposição

As próximas atividades que se seguem estão relacionadas com as últimas fases de trabalho, como sendo a montagem e inauguração da exposição.

Com o objetivo de não atrasar muito a organização da mostra, o transporte das peças da sala de reservas para a sala de exposições começou a ser feito com alguns dias de antecedência à sua inauguração, tendo tido lugar nos dias 15 e 16 de maio. As peças foram sendo transportadas de acordo com o núcleo, com recurso a dois carros com rodas para transporte próprio de carga, os quais foram, por sua vez, transportados para a sala do primeiro andar, através de um monta-cargas e pelo corredor técnico até ao destino final. Na sala do rés-do-chão, as peças foram movimentadas exclusivamente através dos carros de carga.

De referir que, à medida que as peças iam sendo levadas, houve a preocupação em assinalar a sua saída da reserva numa lista específica, elaborada pelas técnicas do serviço de inventário, como forma de controlar o transporte. Por exemplo, na sala da reserva onde se concentravam todas as peças da mostra, quando se procedeu ao levantamento das peças correspondentes ao núcleo «trabalhar a terra», transportando, numa primeira vaga, o trilho, o arado, a canga e algumas enxadas, todas essas foram indicadas na lista, tendo em atenção se o número provisório e o proprietário correspondia ao estabelecido nas identificações individuais. Chegadas à sala de exposição, as peças foram colocadas junto aos núcleos a que dizem respeito, neste caso em particular, como mostra a figura 34, sobre papel de espuma, tendo em conta que os painéis ilustrativos ainda tinham de ser aplicados pela equipa que os imprimira.



Figura 34 - Transporte das peças para a sala de exposições (1.º piso)

Ana Mateus, 15/05/2018

Ainda no âmbito da montagem da exposição, importa referir a intenção em reproduzir, na sala do piso térreo, um mercado típico dos anos 50-60, conforme ilustravam as imagens adjacentes a esse núcleo. (Figura 46). Após a compra dos produtos, foram selecionadas algumas caixas de madeira, cestas, canastras e sacas de serrapilheira, nas quais foram colocados papéis e outros elementos para dar peso e fazer volume, para que posteriormente fossem cobertos pelos respetivos produtos.

Assim, apenas quando os referidos painéis foram empregues é que a montagem da exposição propriamente dita se iniciou. Intitulada «Gentes da Terra e do Mar», esta exposição é o reflexo de uma *«herança de vivências quotidianas entre atividades agrícolas e marítimas, da rentabilização dos recursos naturais, dos seus produtos, das suas sazonalidades e saberes, bem como das transformações que o progresso lhes incute»*.¹⁵⁸ De facto, não foi só o passado que se procurou retratar, mas também a atualidade e os vestígios que ainda se mantêm, como herança do trabalho e quotidiano de muitos homens e mulheres do concelho de Portimão, cujos rostos aparecem representados na maioria das imagens, tal como os seus objetos que ilustram as técnicas e atividades de uma vida. A própria ligação à terra e os saberes tradicionais do uso do arado que foram dando lugar às inovações das alfaias elétricas, as características traineiras que, aos poucos, foram substituindo os galeões a vapor e os mercados, cujas evoluções simbolizam a modernidade no acolhimento e comércio dos produtos das gentes da terra e do mar, são alguns dos elementos em exposição. (Imagens 35 a 45).

As mostras do Museu de Portimão pautam, como já foi referido, pelo humanismo e realidade com que as peças são expostas, pelo que também neste caso se procurou distribuir todos os objetos de acordo com a sua verdadeira posição ou funcionalidade, de forma a estabelecer uma melhor comunicação entre a peça e o visitante, através de técnicas museográficas modernas. Esta é, aliás, uma posição amplamente difundida pela mesa-redonda de Santiago do Chile, em 1972, que abre caminho ao movimento da Nova Museologia, estabelece os princípios base do museu integral e, entre outras coisas, considera *«que os museus podem e devem desempenhar um papel decisivo na educação da comunidade»*¹⁵⁹ onde estão inseridos, contribuindo para o seu desenvolvimento e recuperação do respetivo património. Defende-se um novo tipo de museu, onde *«a transformação das atividades dos museus exige a mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis pelos museus, assim como das estruturas das quais*

¹⁵⁸ Folheto da exposição «Gentes da Terra e do Mar»

¹⁵⁹ Mesa Redonda de Santiago do Chile, ICOM, 1972

*eles dependem»*¹⁶⁰, sendo mais adequado «*para uma ação em nível regional, em pequenas localidades, ou de médio tamanho*». ¹⁶¹ Recorde-se que é este documento internacional que sugere uma visão assente em três paradigmas distintos que os museus devem ter em conta no âmbito da sua ação museológica - território/comunidade/patrimónios. Quer isto dizer que os museus devem favorecer o reencontro com as comunidades, aproximando-se, se possível, «*às disciplinas que não estão incluídas no seu âmbito de competência tradicional, a fim de conscientizá-lo do desenvolvimento antropológico, socioeconómico e tecnológico das nações*»¹⁶², mas também que assumam a responsabilidade por questões territoriais e sejam reconhecidos como agentes de mudança e promotores de desenvolvimento. O museu deve ser o produto das características de um território, no qual existe uma geografia, etnografia e história que representa determinada comunidade e constitui os testemunhos do seu património.

O próprio programa museológico do Museu de Portimão não é alheio a estas recomendações, pois o seu âmbito de ação comunga dos mesmos objetivos e contempla a ideia de um «Museu de Sociedade, Identidade e de Território», onde promove o «*reencontro da população com a sua evolução temporal e espacial*»¹⁶³ e, simultaneamente, a respetiva integração na «*sociedade como elementos de transformação desta e do seu desenvolvimento*». ¹⁶⁴



¹⁶⁰ *Idem*

¹⁶¹ *Idem*

¹⁶² *Idem*

¹⁶³ José Gameiro, «Programa Museológico – Memória descritiva», (1998)

¹⁶⁴ *Idem*



Figuras 35 a 45 – Exposição «Gentes da Terra e do Mar»

35 – Trabalhar a terra; 36 – Pesca Industrial; 37 – Pesca Artesanal e Marisqueiro; 38 – Vinho; 39 – Mel; 40 – Ciclo da Água (Rega); 41 – Milho; 42 – Frutos secos; 43 – Mercado; 44 – Transporte de frutas e legumes para o mercado; 45 – Transporte de peixe.

Fotos: Ana Mateus, 19/05/2018



Figura 46 - Mercado de Portimão

Ana Mateus, 19/05/2018

A inauguração da exposição teve lugar a 19 de maio de 2018, no mesmo dia em que o museu celebrou o seu 10.º aniversário e assinalou a Noite dos Museus. Este dia ficou marcado, não apenas pela apresentação pública da mostra, como também pela 18.ª edição da corrida fotográfica, lançamento de uma aplicação que permite uma visita virtual à exposição permanente, momentos de dança e música no exterior do museu, bolo de aniversário e visitas guiadas aos bastidores da instituição. (Figura 47). Particularmente neste último evento, destaca-se a partilha de testemunhos sobre a experiência pessoal enquanto estagiária naquele espaço. A visita realizou-se a diversos pontos do museu, que por norma, não estão acessíveis ao público como as reservas, oficina e laboratório de conservação e restauro, corredores e gabinetes de serviço e galeria técnica. As visitas terminaram na oficina educativa, onde a estagiária e outros dois colegas esperavam os vários grupos, a fim de partilhar a experiência dos últimos meses no museu, fazendo referência à área de estudo e ao tipo de trabalho que se desenvolvera na instituição.



Figura 47 - Foto de grupo no dia de aniversário do museu

Museu de Portimão, 19/05/2018

3. Outras atividades

As atividades que se seguem não estão diretamente relacionadas com a preparação da exposição temporária, mas considerou-se a sua inclusão neste trabalho pelo facto de elas também se inserirem no âmbito da área deste curso de mestrado e, por isso, consistirem numa mais valia para a formação académica e profissional da discente. Quase todas correspondem a encontros ou discussões e não tiveram uma participação direta, a nível prático, pela nossa parte, mas permitiram alargar conhecimentos e desenvolver novas reflexões na área do património cultural. Todavia, uma das iniciativas acabou por ser mais dinâmica e interativa, no sentido em que proporcionou um contacto mais próximo com a comunidade.

3.1 - Apresentação da página web «Algarve Imaterial»

No segundo capítulo deste trabalho, vimos que a estrutura da RMA apresenta quatro grupos de trabalho, divididos pelas diferentes áreas de interesse dos profissionais de museus, sendo o Património Cultural Imaterial (PCI) um desses conjuntos. No dia 2 de março de 2018, o museu do Trajo de São Brás de Alportel recebeu a apresentação da página web «Algarve Imaterial», promovido pelo grupo de trabalho da RMA responsável por este setor, que consiste numa plataforma onde estão reunidas algumas manifestações de PCI da região algarvia, juntamente com a sua referenciação geográfica por concelho. Disponível em <https://algarveimaterial.wordpress.com/>, esta página apresenta ainda alguns trabalhos de campo feitos por técnicos dos museus locais, assim como links para artigos que a comunicação social tem dedicado às manifestações do património imaterial algarvio. (Anexo 14).

Na apresentação desta plataforma, que contou com a presença da Diretora Regional de Cultura do Algarve, Alexandra Gonçalves e da diretora do Jornal Sul Informação, Elisabete Rodrigues (Figura 48), também existiram alguns momentos de animação e convívio, a maioria patrocinada pelo grupo de amigos deste museu, que é composto por membros da própria população local e colabora com a instituição ao nível da partilha dos seus saberes e experiências de vida na realização de atividades regulares, dinamizando também a cultura deste concelho da serra algarvia. É o caso de Lídia Amador, Rosa Maria e Arminda membros deste grupo, e que neste encontro, partilharam com os presentes as

lengalengas, anedotas e ditados populares da região. Antes, ouviu-se uma interessante fusão musical, promovida pelo jovem acordeonista David Mendonça e pelo flautista Paul Carter, que adotou aquele concelho para nova residência. O encontro terminou em convívio com a degustação dos sabores algarvios, onde se destacam as tradicionais papas de milho.



Figura 48 - Apresentação da página «Algarve Imaterial»

Ana Mateus, 02/03/2018

A participação nesta atividade revelou-se muito importante, tendo em conta que, enquanto estudante e entusiasta deste tipo de património, saber da existência de páginas do género pode vir a constituir uma ferramenta essencial para a realização de trabalhos futuros nesta área. Para além disso, a página conta com notícias sobre a temática, publicitando a realização de exposições ou encontros e outras iniciativas de interesse, motivando, por isso mesmo, a participação em muitos desses eventuais acontecimentos.

3.2 - Reunião geral da RMA

No dia 12 de março realizou-se, no Museu Municipal de Olhão/Compromisso Marítimo, a primeira reunião geral da RMA, do ano de 2018. Estes encontros, como vimos anteriormente, permitem partilhar ideias e experiências, apresentar projetos de parceria ou dar continuidade aos trabalhos em desenvolvimento. Por sugestão do coordenador de estágio, José Gameiro, participei na reunião acima indicada, na condição de observadora, a fim de perceber a dinâmica destas assembleias.

O que a seguir se apresenta é o relatório da reunião, elaborado a partir da ordem de trabalhos que fora previamente entregue, onde se expõem todas as discussões, problemas e soluções resultantes deste evento:

Reunião Geral RMA – 12 de março de 2018 (Olhão)

1 - Análise e aprovação da ata da reunião anterior

2 - Grupos de Trabalho /Atividade e informações: PCI, ARQ, CR e EDU

Um representante de cada grupo de trabalho apresentou as atividades e o trabalho desenvolvido desde a última reunião (Portimão, dezembro de 2017), bem como as reuniões e propostas/projetos agendados para os próximos meses.

O grupo PCI salientou a apresentação da página Web «Algarve Imaterial», que teve lugar no passado dia 2 de março no Museu do Trajo de São Brás de Alportel e apelou aos colegas das outras instituições presentes neste encontro para colaborarem com a plataforma de forma a completá-la com as localidades e técnicas ainda em falta, bem como a divulgarem o link da página (<https://algarveimaterial.wordpress.com/>).

Ainda neste ponto, destaca-se a apresentação do grupo de trabalho da Educação que procurou fazer o ponto da situação relativamente aos serviços educativos dos museus que integram a RMA, referindo os aspetos positivos e negativos existentes no seu trabalho. Nestes últimos, foram enumerados, entres outros, os seguintes problemas: dificuldades financeiras, falta de instalações e funcionários, dificuldades de acesso aos museus, carência de transportes.

Foram ainda apresentados os números e percentagens do público que participou neste setor, entre os anos 2015 e 2016, tendo-se verificado uma elevada afluência dos escalões do pré-escolar, primária e 1.º ciclo, em detrimento dos ensinos do 2.º ciclo, secundário e universitário que correspondem ao público que menos visita ou procura o museu, o que aliás, é extensível a todo o país. O conhecimento de tais valores acabou por gerar um pequeno debate entre os participantes sobre a importância desta função e a forma de mediação dos museus, tanto dentro como fora deles. Embora o público universitário seja o mais parco, é de louvar as iniciativas promovidas por alguns docentes do curso de Património Cultural da Universidade do Algarve que procuram levar os seus alunos aos museus

mais próximos (Faro/São Brás de Alportel), incentivando a elaboração de trabalhos teóricos e práticos de cariz museológico.

3 - Guia dos Museus. Ponto da Situação.

Algumas informações relevantes e fotografias sobre os vários museus e espaços museológicos que integram a RMA vão estar disponíveis num guia acessível em português, inglês e possivelmente espanhol. Trata-se de um guia direcionado para o turista em geral, tendo em conta que contém vários dados sobre a história e tipologia dos museus, o que é possível visitar em cada instituição e outros pontos de interesse dependentes daquele museu ou município. Para facilitar a visita, o guia também disponibiliza os contactos, endereços, coordenadas geográficas e páginas de redes sociais de cada um dos 19 espaços apresentados.

Intitulado «Guia de Museus do Algarve – Um caminho pelo conhecimento», o projeto do design gráfico está a cargo de Rui Nicolau, técnico do Museu de Portimão e único profissional da área a trabalhar no âmbito dos museus da RMA.

Nesta reunião foi abordado o ponto da situação do documento, que já se encontra completo, aguardando apenas uma resposta (que teima em prolongar-se) por parte da Região de Turismo do Algarve (RTA), entidade patrocinadora do livro. Todavia, foram discutidas outras alternativas de apoio à publicação, como por exemplo, o mecenato.

4- Projetos 2018:

- a) Exposição sobre a Escrita – Esclarecimento de dúvidas colocadas na anterior reunião.**
- b) Exposição sobre “O Mar” – em alternativa ou cumulativamente.**

A temática do mar agradou a todos os presentes, uma vez que esse é o principal elemento da costa algarvia e um importante meio para toda a região, a níveis social e económico. Do ponto de vista museológico, ficou estipulado que cada museu da RMA aborde o tema de forma autónoma e desenvolva uma exposição temporária, em moldes idênticos a «Do Reino à região», ou em alternativa, fixa ou itinerária.

Contudo, ao surgirem algumas questões relacionadas com os apoios financeiros para a conceção das exposições, tendo em conta as dificuldades que

muitas instituições passam, foi dada a sugestão de se efetuarem candidaturas ao Gabinete de Apoio Local (GAL), integrado no Instituto de Financiamento de Agricultura e Pescas, que no âmbito do Portugal 2020, pretende financiar projetos que visem a preservação do património natural e paisagens. Neste sentido, os intervenientes do encontro reforçaram a importância de todos os membros da rede receberem um parágrafo que explique o objetivo do evento, de forma a poderem planificar uma mostra. Finalmente agendaram uma reunião para discussão e apresentação de ideias, em meados de abril, no Museu do Trajo de São Brás de Alportel.

5- Formação e divulgação

a) 2^{as} Jornadas da Rede de Museus do Algarve – 16 de novembro de 2018.

Depois das 1.^{as} Jornadas da RMA subordinadas ao tema «Museus sem reservas?», os participantes deste encontro apresentaram ideias para o tema deste ano e sugestões para o local, depois de em 2017, ter sido antigo Convento do Espírito Santo, em Loulé, a receber a estreia da iniciativa.

Por sugestão de José Gameiro, que interveio no sentido de expor a sua opinião, ficou decidido que as segundas jornadas se debruçassem sobre a educação e o papel social dos museus. Trata-se de um tema atual e importante que, face aos valores apresentados pelo grupo de trabalho RMA-EDU no ponto 2, intensificou a necessidade de debater esta questão.

O museu de Olhão disponibilizou-se para receber a iniciativa no auditório municipal da cidade e para a organizar, ficou o grupo de trabalho RMA – EDU encarregado de estruturar a ordem de trabalhos.

f) Outras propostas

6- Outros assuntos

De um modo geral, esta atividade foi bastante interessante, na medida em que permitiu ter uma noção de como as coisas funcionam de uma forma mais prática. Embora sejam encontros algo informais, onde os elementos se sentam à mesa para discutirem a ordem de trabalhos, não deixam de ser relevantes para o trabalho dos técnicos e

profissionais de museus desta região. O trabalho em grupo é fundamental e acaba por ser facilitado sempre que existe, de facto, uma certa interajuda entre todos os membros e se discutem as necessidades, problemas e, acima de tudo, se encontram as melhores soluções de os contornar. Esta reunião não foi exceção, pois a partir de um problema que foi levantado por um elemento, outros sugeriram que isso servisse de tema às jornadas, gerando uma discussão mais ampla e concreta e que chegasse a mais pessoas. Da mesma forma, esta reunião acabou por originar outros encontros com o intuito de concentrar os trabalhos na organização da exposição sobre o mar, debater modelos de execução, adquirir apoios, entre outros aspetos. Infelizmente, não foi possível voltar a marcar presença nas reuniões seguintes, pois essas coincidiram com o período de maior atividade no museu de Portimão, relacionado com a preparação da exposição temporária a inaugurar em maio.

Contudo, ainda parecem persistir alguns problemas e dificuldades. Com a reunião, ficou a sensação de serem sempre os mesmos museus com maior assiduidade e representação nas reuniões ou a mostrar interesse pela estrutura. O facto de as reuniões serem descentralizadas pode ser, por vezes, um impedimento a deslocações mais longínquas, no entanto salienta-se a presença de representantes de Portimão, Lagoa e Silves neste encontro que teve lugar em Olhão. Também o reduzido número de funcionários e técnicos em vários museus da região é uma realidade e poderá constituir uma possível barreira à sua participação ou envolvimento nas atividades da RMA. Por exemplo, o Museu da Terra e do Mar da Carrapateira (Aljezur) tem apenas uma a duas pessoas a seu cargo, responsáveis pelas várias funções museológicas, entre as quais, os serviços educativos, pelo que se compreende que a maior parte da sua atenção tenha de ser dada à sua instituição.

3.3 - Participação no seminário «Lugares da Globalização» (Lagos) e seminários técnicos (Monchique)

«Lugares da Globalização» é o nome da candidatura apresentada pela Direção Regional de Cultura do Algarve (DRCAlg) e Região de Turismo do Algarve (RTA), em parceria com os municípios de Vila do Bispo, Lagos, Aljezur, Monchique e Silves à Comissão Nacional da UNESCO, que foi, no final de 2015, integrada na lista indicativa de Portugal a Património Mundial. De acordo com a DRCAlg, esta candidatura enquadra-

se «no critério de «Paisagem Cultural» (Associativa), integrando elementos patrimoniais, mas também a história associada aos lugares, reconhecendo o seu valor universal. O Algarve alberga vários locais, símbolos, mitos e personagens, que é fundamental salvaguardar na narrativa da História de Portugal e do Mundo. Estes “Lugares da Primeira Globalização”, que se prendem com o período de abertura da expansão marítima das rotas comerciais, estão na génese de um novo modo de conceção do mundo e de relações entre os povos, e detêm assim um valor universal a preservar».¹⁶⁵

Em março do presente ano, a Vicentina – Associação para o Desenvolvimento do Sudoeste, em cooperação com os concelhos e entidades aderentes e o Laboratório das Atividades Criativas (LAC) promoveram uma semana cultural intitulada «Lugares da Globalização», com os objetivos de celebrar a história e o património algarvios, mas principalmente o de promover a candidatura proposta à UNESCO. A primeira de três edições teve a duração de nove dias e contou com um programa diversificado e repleto de atividades, como música, dança, teatro, artes performativas, videomapping, arte urbana, visitas interpretativas, um seminário e várias jornadas técnicas, mas descentralizado, uma vez que todas estas se realizaram nos cinco concelhos que compõem o projeto. Ora, a participação da estagiária neste evento resume-se essencialmente ao seminário e a duas jornadas técnicas, em que foram discutidos assuntos relacionados com a multiculturalidade, cooperação, história do Algarve, gestão do património cultural e turismo.

O seminário «Lugares da Globalização» realizou-se no dia 16 de março e foi o pontapé de saída da semana cultural que juntou, no Centro Cultural de Lagos, um conjunto de investigadores e interessados nestas temáticas durante todo o dia. A parte da manhã foi dedicada aos fundamentos históricos da expansão marítima e dos reflexos que essa tivera para as zonas de Sagres e Lagos, bem como das consequências que o reino do Algarve atravessou em virtude do seu pioneirismo. Mas também não foram esquecidos os traços e registos que os descobrimentos deixaram presentes e ainda se mantêm vivos na memória coletiva dos portugueses, marcando a sua identidade. A arquitetura algarvia, os aglomerados urbanos, os lugares de comércio e até o tráfico de seres humanos foram apenas alguns dos exemplos apresentados.

¹⁶⁵ Direção Regional de Cultura do Algarve, «RTA lidera candidatura à integração na lista indicativa da UNESCO enquanto «lugares da primeira globalização», disponível em: <http://www.cultalg.pt/pt/drca/candidatura-lugares-da-primeira-globalizacao>, visualizado a 17/08/2018

A parte da tarde foi dedicada à relação entre o património cultural e o turismo, nomeadamente aos problemas que a massificação deste último pode trazer à sustentabilidade dos monumentos, dos sítios e dos museus, mas também aos desafios que, quando bem aplicada, a valorização turística e promoção de experiências permite garantir a salvaguarda e afirmar a identidade e valores de muitos destes espaços culturais. Neste segundo painel, dedicado à cooperação e turismo, destaca-se a comunicações de Luís Raposo, que direcionou a sua apresentação à conexão existente entre museus e turismo, a partir da apresentação de algumas imagens de espaços musealizados repletos de pessoas, numa tentativa de alertar para a falta de gestão que existe em muitos casos. Noutro sentido, Carlos Martins, fundador e diretor executivo de Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura, assim como da OPIUM, uma empresa especializada na prestação de serviços nas áreas da economia, cultura e criatividade de cidades e regiões, reconheceu no turismo cultural uma importante indústria para o desenvolvimento de cidades e regiões e para a geração de receitas e criação de emprego. Carlos Martins mostrou como é possível estruturar um produto turístico sem pôr em causa a autenticidade dos lugares culturais, que na sua opinião, devem ser salvaguardados. Deu como exemplos alguns dos projetos desenvolvidos pela sua empresa, como o Festival do Norte, onde o património cultural imaterial desta região do país está em evidência. Mas o tema principal da sua comunicação foi a recente iniciativa «Lugares Património Mundial», que une quatro monumentos da região centro - Mosteiro de Alcobaça, Mosteiro da Batalha, Convento de Cristo e a Universidade de Coimbra, Alta e Sofia – e consiste em promover a programação cultural, educativa e hospitalidade turística, a comunicação, mediante a criação de uma plataforma digital única para os monumentos, bem como a melhoria de informação e sinalética nestes edifícios.

Por outro lado, as Jornadas Técnicas foram sobretudo destinadas a gestores do património cultural e de espaços culturais, a profissionais na área da cultura e do turismo do setor público e privado, mas também ao público em geral com interesses nestas áreas ou na criação de produtos turísticos e mediação cultural. Tiveram um total de quatro eventos, sendo que entre 19 e 20 de março se realizaram em Silves e entre 21 e 22 na vila de Monchique. De acordo com a organização, estas quatro jornadas técnicas, procuravam *«promover o encontro entre profissionais e especialistas em património, turismo e artes, para reflexão sobre a relação entre património e turismo, novas tecnologias e artes criativas na construção de conteúdos turísticos, em torno do património; contribuir para a inovação no turismo e gestão do património»*. A minha participação restringiu-se às

jornadas 3 e 4 (Monchique), não apenas pela proximidade, mas pelo interesse pessoal nos temas que, embora muito distintos, constituem assuntos muito atuais e com bastante relevo quer para a educação quer para a valorização do património cultural e territórios.

Assim, a jornada 3, intitulada «O serviço educativo aliado aos equipamentos culturais e património», permitiu conhecer determinados projetos inovadores que estão a ser aplicados por alguns museus do Algarve no sentido de aproximar a sua população aos respetivos valores culturais do território, mediante a dinamização de atividades diversas. Em Cacela Velha, por exemplo, o Centro de Investigação e Informação do Património de Santa Rita, promove vários projetos educativos temáticos que põem o público mais jovem em contacto com tradições e atividades que não fazem parte da sua realidade diária, - como o ciclo agrícola e calendário festivo, festividades cíclicas e a arquitetura vernácula – mas o facto de corresponderem ao quotidiano dos seus pais ou avós, permite uma certa interação familiar, fazendo com que aquelas crianças e jovens aprendam mais facilmente, pelo simples facto de experienciarem ou terem a oportunidade de conversar com determinado indivíduo detentor de património. Também o museu de Loulé, na pessoa de Alexandra Pires, apresentou o seu programa dedicado às escolas, com destaque para as atividades levadas a cabo no ano letivo 2017/2018, em que convidou todos os alunos do concelho a visitar a exposição «Loulé: Territórios, Memórias e Identidades», que esteve patente no Museu Nacional de Arqueologia. De um modo geral, esta iniciativa consistia em dividir a turma visitante em vários grupos, aos quais era entregue um saco preto com alguns objetos no seu interior, um caderno e uma caneta, pedindo-lhes que anotassem as impressões de cada objeto e, por cada vitrine da mostra, fazer corresponder os objetos em exposição com aqueles que tinham dentro do saco, de forma a confrontá-los, no final da atividade, com as diferenças ou semelhanças dos seus antepassados.

Na jornada 4, subordinada ao tema «Modelos de gestão do património e turismo», foram abordados dois casos concretos desta relação. José Gameiro falou sobre o processo de criação do museu de Portimão e como esse se debruçou sobre um território que tinha acabado de abrir portas ao turismo. (Figura 49). Noutra perspetiva, Catarina Valença Gonçalves, fundadora e CEO da SPIRA – Agência de revitalização patrimonial relatou o trabalho que a sua empresa exerce, nomeadamente no que diz respeito ao turismo cultural em territórios de baixa densidade e em locais onde o fluxo turístico é menor e os equipamentos estão fechados, a partir de rotas e percursos que valorizem um ativo que já existe e chegam a patrimónios que nunca tiveram um uso ou estiveram na trajetória de um projeto de valorização.



Figura 49 - Quarta Jornada Técnica realizada em Monchique

Na foto: José Gameiro (à esquerda), Aura Fraga, diretora da Vicentina (ao centro) e Rui André, presidente da CM Monchique (à direita).

Ana Mateus, 22/03/2018

3.4 - Figurante na atividade «Um dia na Pré-história»

A inclusão deste ponto no relatório de estágio prende-se com o facto de ter manifestado a minha vontade em contribuir voluntariamente na ação «Um dia na Pré-História», que anualmente serve de comemoração ao Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, na localidade de Alcalar. De um modo geral, a participação aqui indicada teve sobretudo a ver com a figuração no dia da atividade propriamente dita, como se descreve abaixo.

O dia 21 de abril de 2018 (sábado) começou cinzento, corroborando as previsões meteorológicas do dia anterior que anteviam trovoadas, precipitação abundante e vento. Porém, tudo estava preparado havia vários dias e na vontade da organização não existiam motivos para adiar o evento, pois «*nos tempos pré-históricos também chovia, e muito, e a vida era bem difícil*». O início da iniciativa estava previsto para as dez da manhã e pouco passava dessa hora quando, finalmente, a chuva acalmou e possibilitou a montagem dos ateliês didáticos e zonas de refeições para o público. Quando praticamente todo o cenário estava pronto, procurei encarnar a personagem e ocupar a posição que, dias antes, me fora atribuída – o tear. À semelhança de todos os voluntários, também eu tinha um traje próprio, feito em panos crus que ilustravam o tipo de vestes dos homens e mulheres de então. O tempo melhorou bastante e o sol já espreitava por detrás das nuvens. Pouco depois, foram chegando os primeiros visitantes. A maioria eram crianças que, acompanhadas pelos seus pais, requisitaram os trajes pré-históricos e percorreram todos

os pontos de interesse, onde elas próprias poderem recuar no tempo e viver um dia como os homens de Alcalar, há cinco mil anos. Moer cereais com recurso a uma pedra, caçar javalis e veados, transportar monólitos, moldar peças em barro, tecer, fazer colares e decorar placas de xisto foram algumas das atividades que o público pôde experimentar e, em alguns casos, levar de recordação para casa.

As pessoas circulavam pelo perímetro do evento, ora para visitar os túmulos funerários, beber um copo de cerveja pré-histórica, comer o pão e provar o porco assado, ora para experimentar as atividades que as variadas oficinas tinham para oferecer. Sentadas junto ao tear, lá estavam duas tecedeiras concentradas no seu trabalho para não deixar escapar nenhum cruzar de linha. Alguns olhares mais curiosos e atentos paravam junto delas e perguntavam-lhes o que estavam a fazer, se a linha que usavam era mesmo lã e como era possível obter fios de outras cores. Prontamente, as duas senhoras respondiam a todas as questões, cediam os seus lugares aos requerentes e explicavam-lhes como se fazia o movimento da agulha por entre as linhas, que os deixava tão perplexos. A maior parte deles tentou, uns com mais perseverança que outros, mas muitos quiseram vivenciar aquela experiência por alguns segundos, quer por mera curiosidade, quer simplesmente para recordar algo que não lhes era assim tão estranho. E assim foi ocupado grande parte do dia...



Figura 50 - Figurante «Um dia na Pré-História»

Joana Vilhena, 19/04/2018

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

O estágio no Museu de Portimão deu-me a oportunidade de conhecer de perto o seu projeto e, em particular, o seu método de trabalho no que diz respeito à organização de uma exposição temporária. Como referi no início deste trabalho, o meu interesse pela museologia foi crescendo, nos últimos anos, em parte devido ao Museu de Portimão. Desde o 12.º ano que visito com regularidade as mostras que este espaço apresenta e, em muitas delas, fiquei com alguma curiosidade em perceber como é que elas foram executadas, o porquê da escolha de uma peça em detrimento de outra, o que motivou a que fossem expostas de determinada maneira, de onde é que vieram; basicamente conhecer os bastidores da exposição.

Ora, com este estágio foi possível responder a todas estas questões. Após três meses de trabalho e contacto com a instituição e os seus profissionais, é possível fazer um balanço muito positivo. A acessibilidade e simpatia de todos os funcionários, incluindo a direção, foi uma mais valia e um fator que facilitou, em muito, a adaptação ao espaço e o desenvolvimento do trabalho proposto. Importa destacar o facto de ter tido sempre um local próprio para dar seguimento às minhas tarefas, com acesso a computador, livros e outro material que fosse necessário. Considero que houve sempre uma preocupação, por parte da equipa, em me colocar a par de todas as ocorrências relacionadas com a preparação da exposição e de me incluir nas várias atividades com ela relacionadas, existindo até a divisão de tarefas.

A nível do trabalho museológico de preparação da exposição, refira-se que eu comecei numa fase em que já havia várias coisas em desenvolvimento, mas numa altura ainda inicial e que permitiu acompanhar grande parte do processo, como o relatório procura demonstrar. Neste segmento, julgo que foi dada uma grande primazia à investigação que é, sem dúvida, um dos principais pilares dos museus na atualidade. A preocupação em falar com pessoas que viverem e conheceram determinado aspeto foi uma realidade, pois realizaram-se entrevistas e até no momento de recolha de peças, houve a preocupação em esclarecer dúvidas e confirmar determinados dados com os proprietários, reconhecendo a importância daquelas pessoas e dos seus saberes para a valorização de um património comum e reforço de uma identidade local, que acaba por se refletir nas exposições do museu. Além disso, a investigação constituiu uma ferramenta essencial no momento de selecionar objetos e constituir determinado núcleo. Por exemplo, no caso do milho, ao se saber que o mangual era utilizado para bater nas

maçarocas, com o intuito de debulhar o cereal, a sua colocação na exposição teria de representar essa mesma funcionalidade, a fim de transmitir a mesma informação ao público. De facto, nos primeiros dias da mostra que corresponderam aos últimos do estágio, foram conhecidos casos de visitantes que foram vistos a tocar nas peças e executar o respetivo movimento, como de uma exposição interativa se tratasse. Obviamente, que foram advertidos e esta situação acabou por gerar uma discussão interna sobre a melhor forma de evitar este tipo de acontecimentos nas próximas exposições.

Ainda a nível da investigação, deve dizer-se que embora a informação existente nas atas da câmara não tenha sido muito utilizada, deve destacar-se a preocupação em encontrar datas exatas e dados concretos, no caso, acerca da construção do mercado do peixe, que, como se viu, era uma questão que não estava devidamente estabelecida.

Outro aspeto positivo que merece referência é a inclusão da técnica de conservação e restauro em todas as saídas de campo para a recolha de peças, visto que é a profissional do museu com os melhores conhecimentos no que diz respeito às condições dos objetos que integram o acervo e a coleção do museu, o que demonstra a preocupação pelo cumprimento desta função museológica.

Contudo, tendo em conta que todas as instituições apresentam ameaças ou pontos fracos, também neste caso importa referir as últimas semanas anteriores à inauguração da exposição, onde senti alguma desorganização, particularmente no âmbito da sua montagem. Para além das peças que iam estar expostas, também havia espaço para algumas vitrines, nas quais estariam elementos mais pequenos e frágeis. Um dos problemas terá começado aí, tendo em conta que não foi dada muita atenção à seleção de vitrines necessárias e dos locais para onde essas iriam ficar dispostas ou de conhecer o número existente e tamanho disponível, acabando por já não haver espaço para um dos elementos que se considerou fundamental incluir: as senhas da taxa de terrado existentes em arquivo. Como algumas dessas foram digitalizadas e colocadas num dos painéis, foram apenas apresentadas ao público nesse formato.

Contudo, o facto de ter havido um atraso no envio dos painéis ilustrativos para a gráfica, causando também a demora na sua impressão e posterior aplicação pela equipa especializada, foi a principal razão pela qual se sentiu alguma tensão e ansiedade, que acabou por se estender a parte da equipa, devido à proximidade da inauguração e os núcleos ainda estarem praticamente vazios. Como se viu, as peças só podiam ser colocadas nos estrados e núcleos respetivos quando os painéis fossem aplicados, tendo

esta tarefa se prolongado para além do horário de expediente no dia anterior à inauguração da exposição.

Com o objetivo de enviar os painéis para a gráfica a tempo de serem impressos, penso que determinados dados que poderiam constituir uma mais valia à informação fornecida pela exibição acabaram por ser excluídos. No âmbito da pesquisa bibliográfica, descobriu-se algumas tabelas e quadros comparativos sobre o número de produtos hortícolas e piscícolas vendidos e produzidos em Portimão entre 1945 e 1954, que os colegas do setor da investigação e o diretor – por quem todas as questões relacionadas com as exposições passam – reconheceram grande importância à sua inclusão, propondo a digitalização dos mesmos para uma posterior colocação nos painéis ilustrativos. Todavia, estes dados não foram usados.

Considero ainda que não houve uma coordenação para a montagem, pois as peças foram sendo colocadas por vários elementos da equipa que se voluntariaram em contribuir, mas houve casos em que as peças acabaram por ser mudadas de lugar ou posição por outros elementos por não concordarem com a sua disposição e voltarem, pouco depois, à localização inicial.

Seria importante que, na preparação das próximas exposições, se perdesse algum tempo a pensar na melhor disposição das peças, isto é, a ordem pela qual devem ser colocadas, as que ficam penduradas – e em que posições - e as que ficam nos estrados e vitrines. Tentar dar mais validade ao guião da exposição, por exemplo, já que é considerado uma ferramenta importante à execução de todo o trabalho. Embora durante o seu preenchimento, exista o cuidado em colocar as peças que vão integrar a exposição pela ordem com que são utilizadas na realidade, penso que também se devia considerar, na coluna dos elementos expositivos/museografia, fazer uma primeira referência à colocação e posição das peças.

No mesmo sentido, considero pertinente o estabelecimento de um grupo de trabalho responsável pela montagem da exposição, que se reúna antes do início dessa fase para discutir as propostas do guião e, posteriormente, auxiliie outros membros que desejem colaborar com aquele no processo de montagem da exposição, dando as indicações previamente estabelecidas.

BIBLIOGRAFIA

Autor desconhecido (31 de outubro de 1997), «Portimão terá museu intermunicipal», *Jornal Público*, n.º 6;

Autor desconhecido (maio de 2008), «Edição Especial – Museu de Portimão», *Portimão em Direto*, n.º 18.

AA.VV. (2008). «Rede de Museus do Algarve – Carta de princípios». *Museal, Revista do Museu Municipal de Faro*, n.º 3, Faro, p. 172-175;

BRIGOLA, João (2016). «Museus, Património e Ciência. Ensaios de história da cultura», coleção Biblioteca – Estudos & Colóquios, publicações do CIDEHUS, Évora;

BRITO, Joaquim Pais de (coord.) (1996). «O Voo do Arado», *Museu Nacional de Etnologia*, Lisboa;

CAFÉ, Daniel Calado (2012). «Redes em teias museológicas: sociomuseologia, redes museológicas locais e o museu do território de Alcanena», Tese de Doutoramento em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa;

CAMACHO, C., et all. (2000). «Linhas Programáticas da Rede Portuguesa de Museus», Instituto Português de Museus, Lisboa;

CAMACHO, Clara (2014). «Na senda das redes: caminhos e descaminhos da Museologia no Portugal democrático», in *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*, vol. XIII, Porto, pp. 249 – 259;

CASTELLS, Manuel (2002). «A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura», Volume I - A Sociedade em Rede, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa;

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (2005). «A Sociedade em rede – do conhecimento à ação política», conferência promovida pelo Presidente da República, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa;

CARVALHO, Ana (2011). «Os Museus e o Património Cultural Imaterial. Estratégias para o desenvolvimento de boas práticas», Edições Colibri / CIDEHUS – Universidade de Évora, Lisboa;

CAVACO, Carminda (1976). «Algarve Oriental: as vilas, o campo e o mar», Gabinete de Planeamento da Região do Algarve, Faro;

CHOAY, Françoise (2010). «Alegoria do Património», Edições 70, Lisboa;

CHOAY, Françoise (2011). «As questões do Património – Antologia para um combate», Edições 70, Lisboa;

CUSTÓDIO, Jorge (2017). «Políticas públicas para a salvaguarda e conservação do Património Industrial», in *Revista Pedra & Cal*, n.º 62, janeiro – julho 2017, Grémio do Património, Lisboa;

DIAS, Jorge; GALHANO, Fernando (1986). «Aparelhos de elevar água de rede», Publicações Dom Quixote, Lisboa;

DUARTE, Alice (2013). «Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora», in *Revista Eletrónica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Património*, vol. 6, n.º 1, pp. 99 – 117;

GAMEIRO, José (1998). «Património e museologia: da realidade global à perspetiva local», Dissertação de Mestrado Europeu em Gestão Cultural, Universidade do Algarve;

GAMEIRO, José (maio de 2006). «A programação museológica: reflexão e prática no Museu Municipal de Portimão», in *Revista Museal*, n.º 1, Museu Municipal de Faro, Faro, pp. 84 – 92;

GAMEIRO, José (maio de 2007). «Um programa museológico para Portimão. Da fábrica ao museu, do museu à comunidade», in *Revista Museologia.pt*, n.º 1, Instituto dos Museus e da Conservação, Lisboa, pp.

GAMEIRO, José; MACHADO, Andreia (julho de 2007). «O edifício do museu de Portimão como elemento estratégico da conservação preventiva», in *Revista Museal*, n.º 2, Museu Municipal de Faro, Faro, pp. 136 – 148;

Instituto Português de Museus (2001). «Rede Portuguesa de Museus», 1.º Boletim trimestral da Rede Portuguesa de Museus, junho 2001, pp 1-16;

LOPES, João Baptista da Silva (1988). «Corografia ou Memória Económica, Estatística Topográfica do Reino do Algarve», 1º Volume, Algarve em Foco Editora, Faro;

MAGALHÃES, Joaquim Romero (1976). «Para o estudo do Algarve Económico durante o século XVI», Edições Cosmo, Lisboa;

MAGALHÃES, Joaquim Romero (1998). «Algarve Económico – 1600-1773», 1.ª edição, Editorial Estampa, Lisboa;

MATOS, Ana Cardoso de, (2000). «Os agentes e os meios de divulgação científica e tecnológica em Portugal no século XIX», in *Scripta Nova*, Revista Eletrónica de Geografía y Ciencias Sociales, n.º 69, Universidade de Barcelona;

MATOS, Ana Cardoso de; SAMPAIO, Maria da Luz, (maio/julho 2014). «Património Industrial e Museologia em Portugal», in *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*, publicação eletrónica do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, volume III, n.º 5, Brasília, pp. 95 – 112;

MENDES, António Rosa (2012). «O que é Património Cultural», Gente Singular editora, Olhão;

- MENDES, José Amado (2013). «Estudos do Património: Museus e Educação», 2.^a edição, coleção Estudos: Humanidades, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra;
- MESQUITA, José Carlos Vilhena (2014). «Júdice Fialho, o maior industrial conserveiro do Algarve» in *Debater a História*, n.º 4, pp. 62 – 66;
- MUCHACHO, Rute (2009). «Museus e novos media: a redefinição do espaço museológico», Dissertação de Mestrado em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa;
- NEVES, José Soares (coord.) (2013). «O Panorama Museológico em Portugal: os Museus e a Rede Portuguesa de Museus na Primeira Década do Século XXI», Direção Geral do Património Cultural, Lisboa;
- NUNES, Joaquim António (1956). «Portimão», Estudos Algarvios, Coleção dirigida pela comissão cultural da casa do Algarve, Casa do Algarve, Lisboa;
- OLIVEIRA, Ataíde (1993). «A Monografia de Alvor», 3.^a edição, Algarve em Foco Editora, Faro;
- PAULO, Dália (s.d). «Os museus do Algarve: marcos da identidade regional», Associação dos Gestores Culturais do Algarve (AGECAL)
- PAULO, Dália (2011). «Do gueto à partilha dos Museus do Algarve», in *Cadernos de Sociomuseologia*, n.º 41: Questões Interdisciplinares da Museologia, Universidade Lusófona, Lisboa, pp. 245 – 285;
- PEREZ, Assunción Feu (s.d.). «A família Feu – uma viagem no tempo», Arandis Editora, Albufeira;
- RODRIGUES, Elisabete (14 de fevereiro de 1996), «Câmara de Portimão compra antiga conserveira», Diário de Notícias;
- RODRIGUES, Elisabete (14 de maio de 2013), ««Creio» num património sacro que se mostra no Museu de Portimão», Jornal Sul Informação (online);
- SANTOS, Jorge (2009). «Rede Portuguesa de Museus: as formas de articulação e cooperação inter-museus», Dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa;
- SILVA, Elsa Peralta da (2000). «Património e Identidade. Os desafios do turismo cultural», in *Revista Antropológicas*, n.º 4, Universidade Fernando Pessoa, Porto, pp. 217 - 224;
- SILVA, Augusto Santos (2003). «As redes culturais: balanço e perspetivas da experiência portuguesa, 1987-2003», in *Públicos da Cultura: Atas do Encontro organizado pelo Observatório das Atividades Culturais no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, Lisboa, 24 e 25 de novembro de 2003, pp. 249-250;

SOARES, Isabel (2012). «Rede de Museus do Algarve: funcionamento e potencialidades», Dissertação de Mestrado em Museologia, Universidade de Évora;

VARINE, Hugues (1991). «L’initiative communautaire: recherche et expérimentation», collection Muséologia, Éditions W, Lyon;

VENTURA, Maria da Graça; MAIA, Maria da Graça (1990). «Portimão», Coleção cidades e vilas de Portugal, Editorial Presença, Lisboa.

VIEIRA, Fernando Manuel (2018). «Museu sopra dez velas em maio» in *Algarve Vivo*, n.º 79, Lagoa, pp. 24 – 26.

VINAGRE, António (21 de julho de 1998). «Museu de Portimão salvará a memória do concelho», *Jornal Barlavento*;

VITERBO, Sousa (1896). «Archeologia industrial Portuguesa – os moinhos», in *O Archeologo Português*, vol. II, agosto e setembro de 1896, n.º 8 e 9, p. 194

Legislação:

Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial (17 de julho de 2003);

Lei Base do Património Cultural - Lei n.º 107/2001;

Lei-Quadro dos Museus Portugueses – Lei n.º 47/2004

Mesa Redonda de Santiago do Chile, ICOM, 1972

Declaração de Québec, Princípios de Base de uma Nova Museologia, 1984.

Decreto-Lei 278/91, de 9 de agosto

Decreto-lei 161/97, de 26 de junho

Fontes escritas:

Comissão Instaladora do Museu de Portimão (s.d.). «As fábricas de conservas: um mundo a descobrir, um mundo a defender»;

Comissão Instaladora do Museu de Portimão, (s.d.). «Museu de Portimão – um trabalho em marcha»;

Programa Museológico do Museu de Portimão (1998);

Museu de Portimão, «Um dia na Pré-história», (s.d.);

Ana Ramos, «A nossa cultura sai à rua», apresentação I Jornadas da Rede de Museus do Algarve intitulada «Museus sem reserva?», 17 de março 2017, Convento do Espírito Santo, Loulé;

Carta de Princípios RMA, 2007.

Recursos Web:

Site Oficial do Museu Municipal de Portimão: www.museudeportimao.pt

Direção Geral do Património Cultural - www.patrimoniocultural.gov.pt

Instituto Nacional de Estatísticas – www.ine.pt

Câmara Municipal de Murtoza – www.cm-murtosa.pt

Câmara Municipal de Vigo – <http://hoje.vigo.org>

Direção Regional de Cultura do Algarve - www.monumentosdoalgarve.pt/

Cátedra UNESCO da Universidade de Évora - www.catedra.uevora.pt

Página Web da Rede de Museus do Algarve - museusdoalgarve.wordpress.com

Página Web «Algarve Imaterial» - algarveimaterial.wordpress.com

Jornal Sul Informação - www.sulinformacao.pt

Sistemas de Futuro - <http://sistemasfuturo.pt/>

ANEXOS

ANEXO 1 – Museus de Indústria Conserveira em Portugal e na Europa



Museu do Trabalho Michel Giacometti (Setúbal)
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-do-trabalho-michel-giacometti/>



COMUR – Museu Municipal (Murtosa, Aveiro)
http://www.cm-murtosa.pt/output_efile.aspx?id_file=16493&id_object=7575

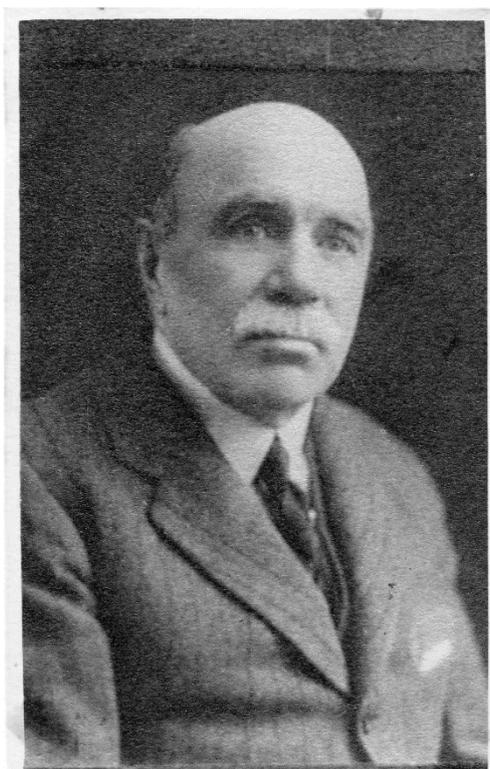


Museu Anfaco da Indústria Conserveira (Vigo, Espanha)
<http://museos.xunta.gal/es/anfaco>



MUST – Museum Stavanger (Noruega)
<http://www.museumstavanger.no>

ANEXO 2 – Indústria Conserveira em Portimão



João António Júdice Fialho (1859 – 1934)
CDAH Portimão – MP – D30 – 24



Portimão - Armazéns e fundição da fábrica de conservas S. José da Júdice Fialho
CDAH Portimão - MP-D2A-2L-B

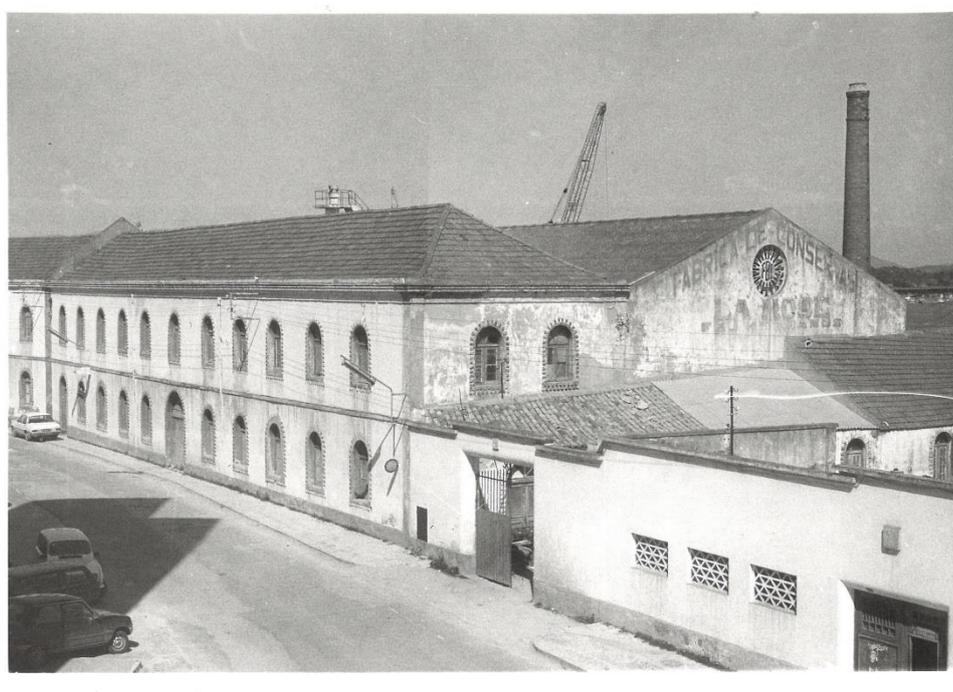


Caetano Feu

<https://promontoriodamemoria.blogspot.com/2012/10/caetano-feu-impulsionador-da-industria.html>



Exterior da Fábrica Feu Hermanos (Lado Nascente)
CDAH Portimão – MP – D29 – 14



Vista do exterior da antiga Fábrica Feu Hermanos (Lado Poente)
CDAH Portimão – MP – D2A – 1L – F

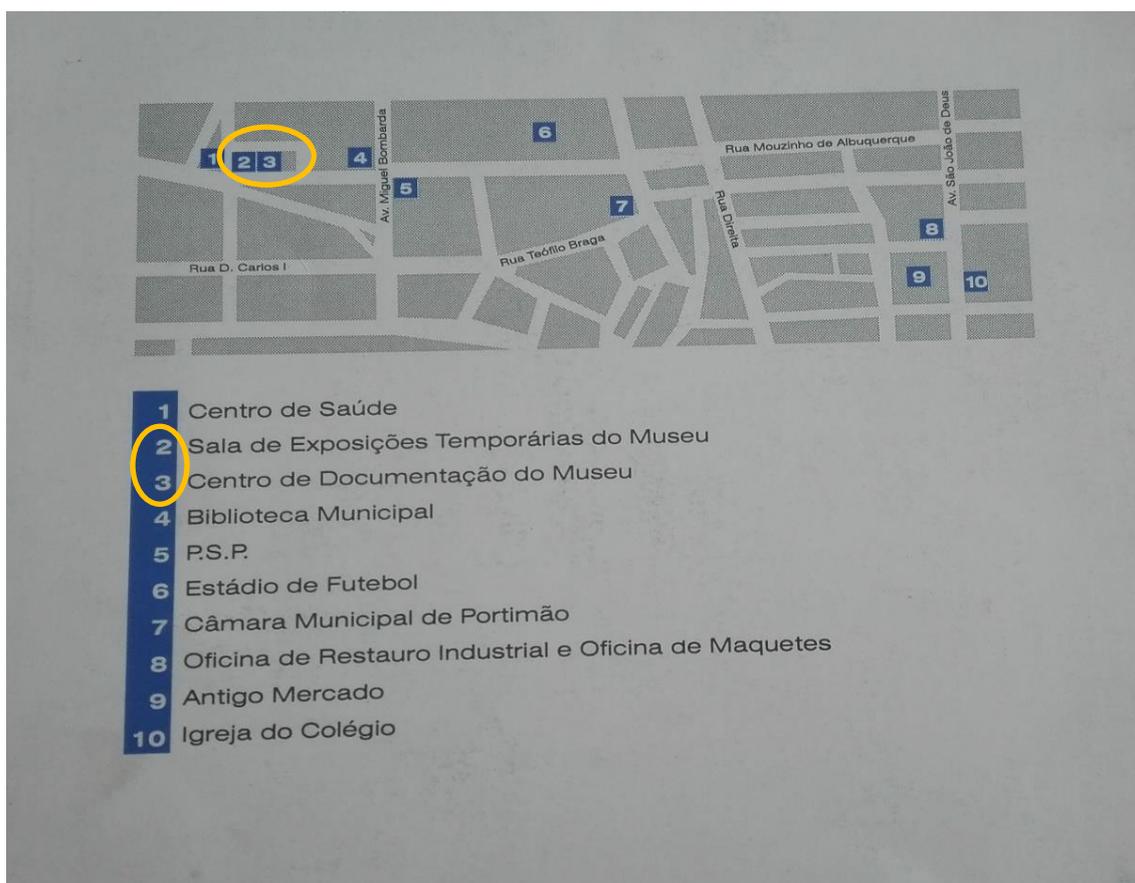


Sala de enlatamento da fábrica Feu Hermanos
CDAH Portimão - MP-D2-5B-D



Sala do descabeço da Fábrica Feu Hermanos
CDAH Portimão MP – D29 – 20

ANEXO 3 – Primeiros anos de trabalho da Comissão Instaladora do Museu de Portimão (Localização e exposições)



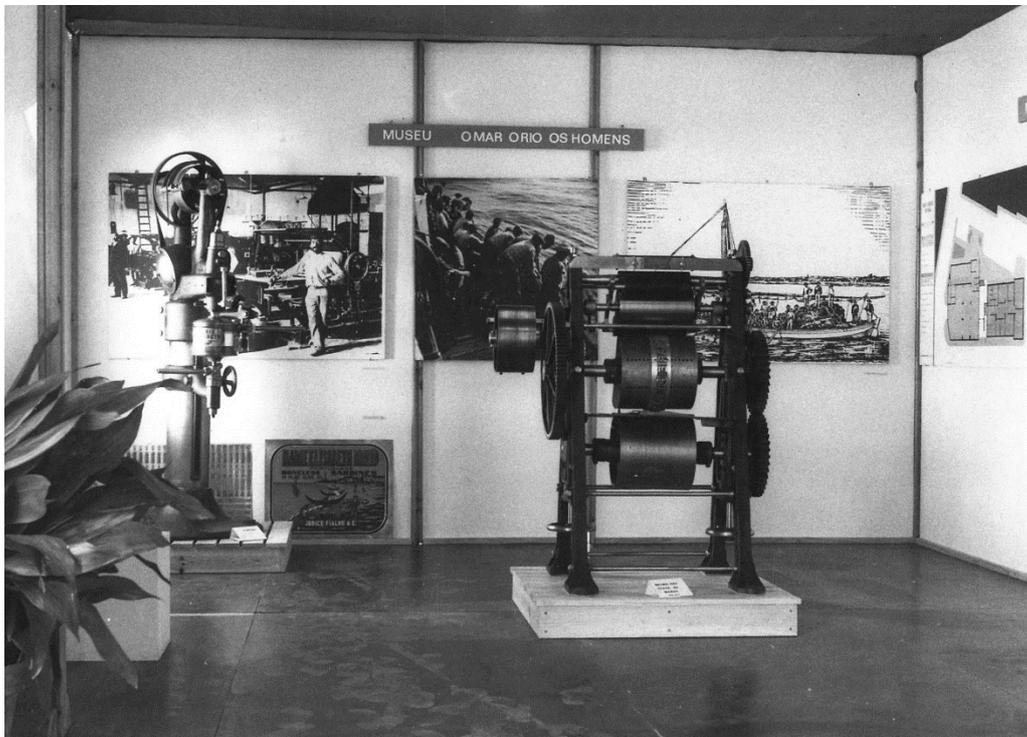
Localização da sala de exposições temporárias na Avenida 25 de Abril, em Portimão
Foto e adaptação da autora



Sala de exposições temporárias do Museu de Portimão
CDAH Portimão - MP-D10C-46N(1)

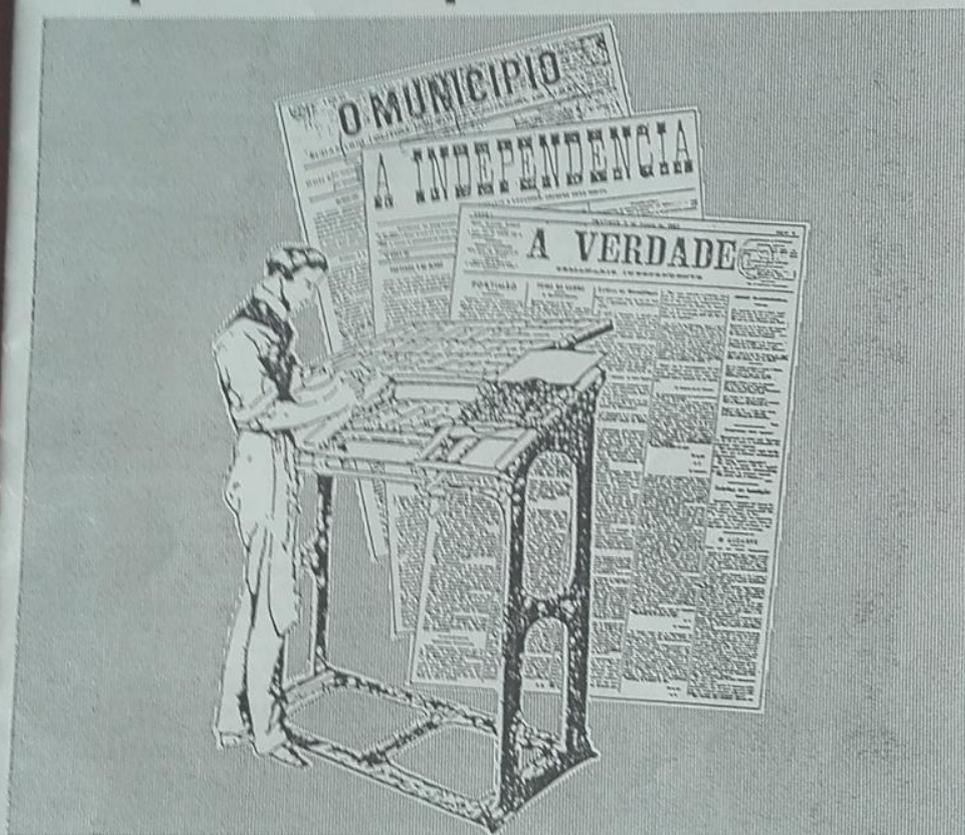


Exposição do Museu de Portimão no Festival Nacional da Sardinha em 1985
CDAH Portimão - MP-D10-1D



Exposição do Museu de Portimão no Festival Nacional da Sardinha e do Mar em 1986
CDAH Portimão – MP – D10 – 14A

história da imprensa portimonense



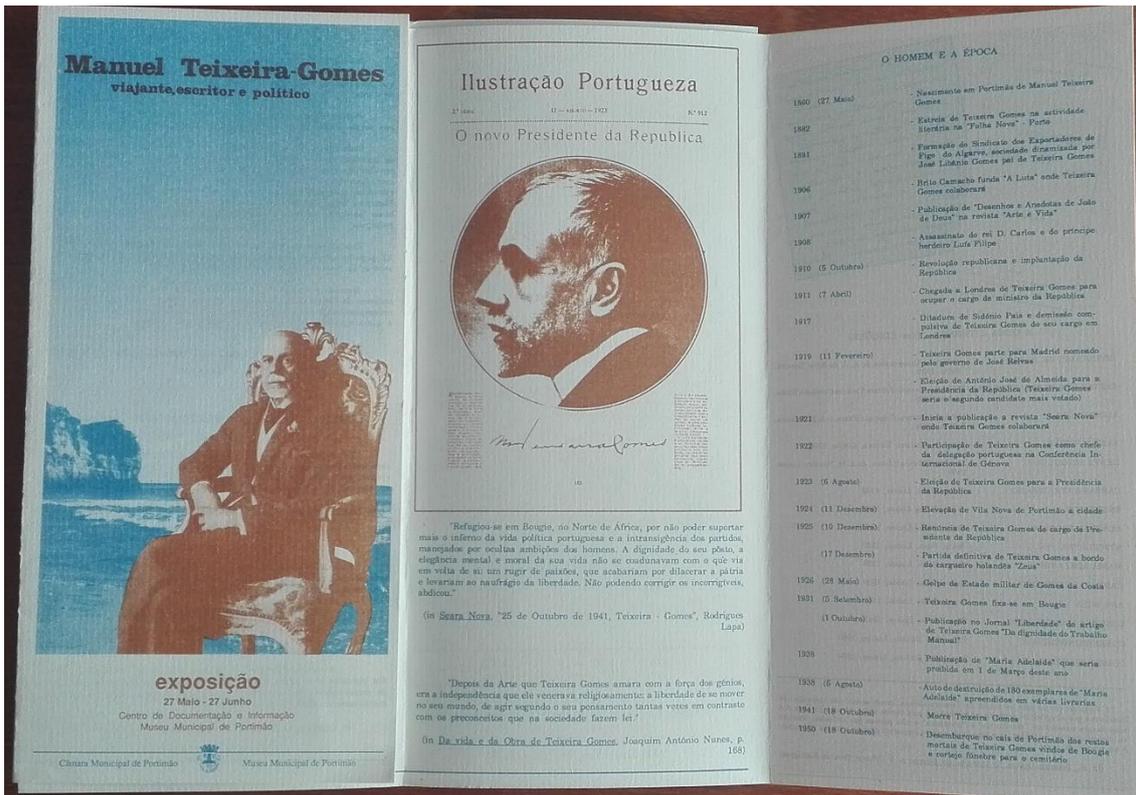
ROTEIRO EXPOSIÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO



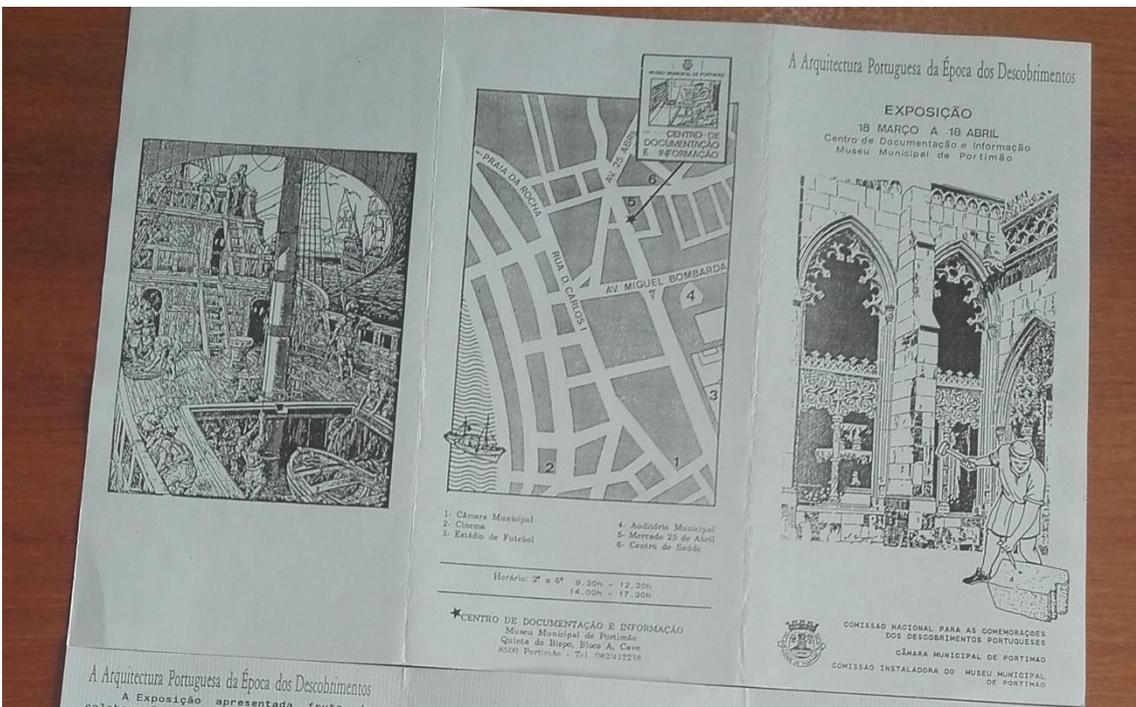
COMISSÃO INSTALADORA DO MUSEU

Exposição «História da Imprensa Portimonense» (1989-1990)
Foto da autora



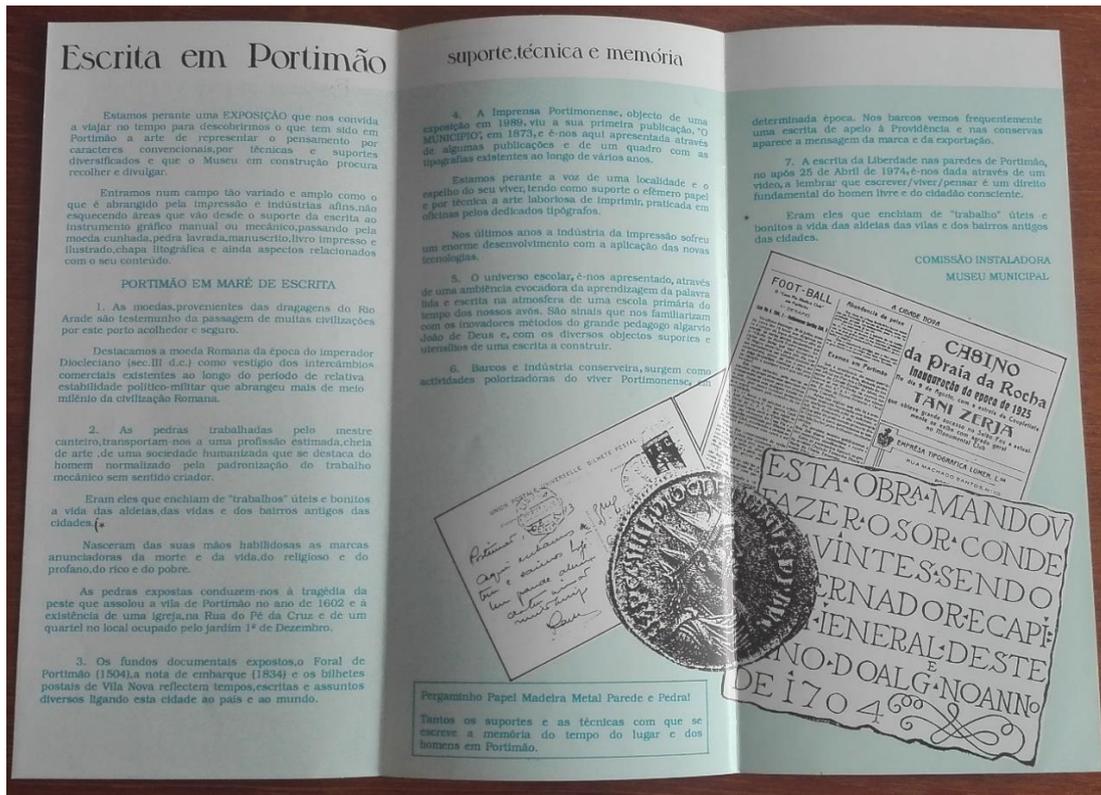
Folheto da exposição «Manuel Teixeira Gomes: viajante, escritor e político» (1990)

Foto da autora



Folheto da exposição «A Arquitectura Portuguesa da Época dos Descobrimentos» (1990)

Foto da autora



Folheto da exposição «A escrita em Portimão» (1993)

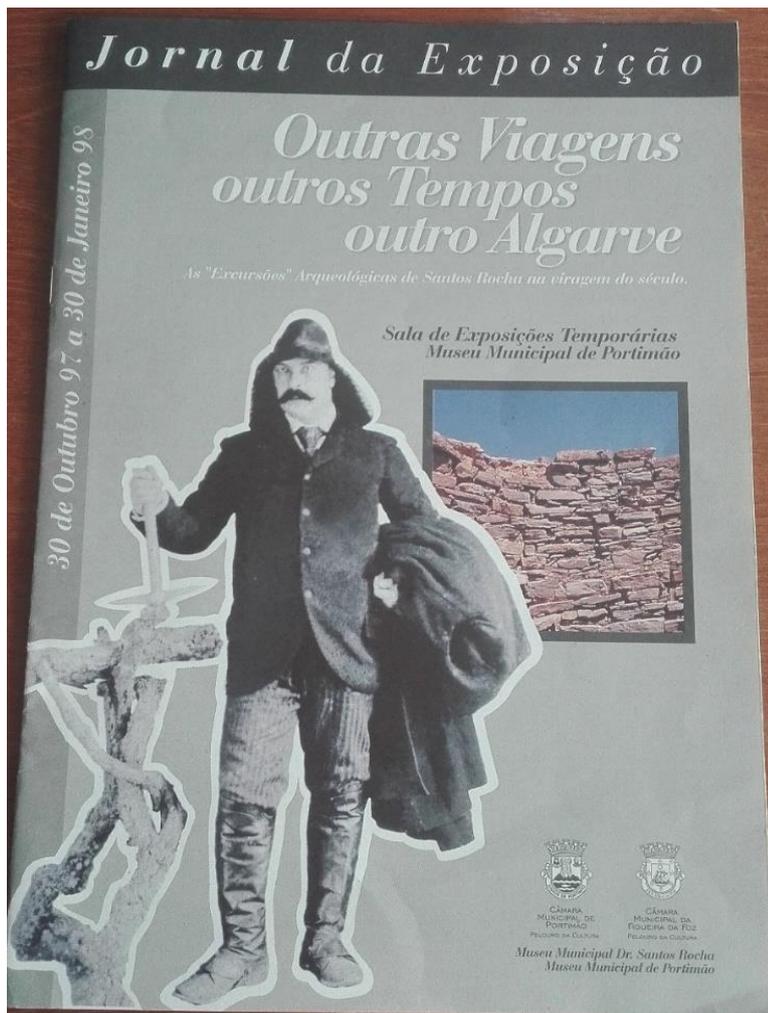
Foto da autora



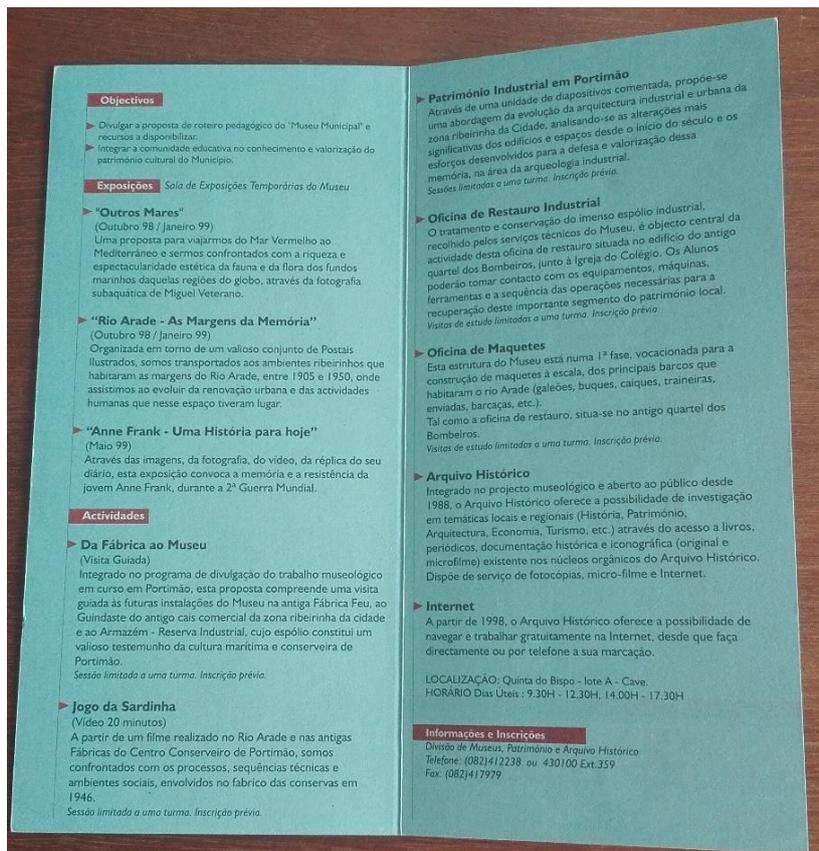
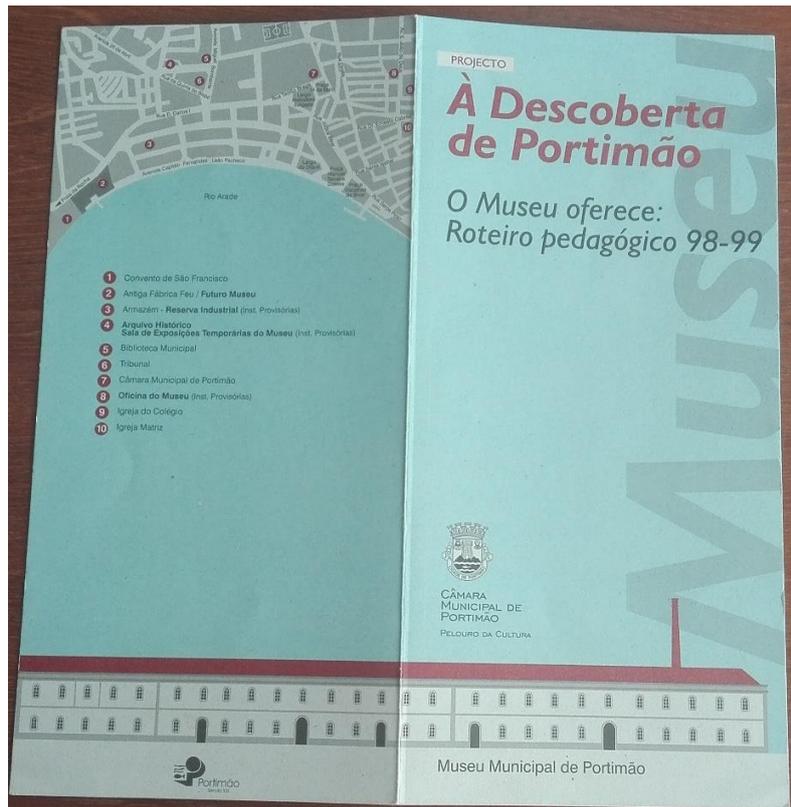
Exposição «A escrita em Portimão» (1993)
CDAH Portimão – MP – D10 – 44A



Folheto da exposição «Era uma vez o brinquedo português» (11 dezembro 1994 a 30 abril 1995)
Foto da autora



Jornal da exposição «Outras viagens, outros tempos, outro Algarve» (1998)
Foto da autora



Roteiro Pedagógico 1998 – 1999
Foto da autora



Visita de estudo à oficina de restauro de máquinas do Museu de Portimão (1990)
CDAH Portimão - MP-D10C-25D

**ANEXO 3 B – Intenções de transferir museu para mercado de frutas e hortaliças,
na Alameda da República**

Museu de Portimão salvará a memória do concelho

Milhares de peças e escritos de valor inestimável encontram-se na posse da comissão instaladora do Museu Municipal de Portimão e muitos outros em vias de ser recolhidos, preservando-se assim a memória deste concelho do barlavento algarvio.

"Qualquer dia, a memória desta região estaria tão descaracterizada que não haveria nada para contar desta", considera o professor José Carneiro que, em conjunto com os colegas Alberto Pissarreta e Jaime Palhinha, formam a comissão. Desde que a mesma entrou em pleno funcionamento, há quase cinco anos, os objectivos prosseguidos têm sido recolher, conservar, estudar e divulgar o património histórico, cultural e natural de Portimão. Não criar um Museu só para os turistas visitarem e contrapor a visão clássica de um Museu como edifício colecção público, a visão de um Museu assente na história território/património/população, são outras das preocupações dos membros instaladores.

O futuro Museu Municipal ficará distribuído por dois núcleos, um deles situado nas caves do Mercado 25 de Abril e que se encontra em avançada fase de conclusão, e o outro a implantar no velho Mercado da Praça da República. Este último, porém, só será desactivado em Outubro próximo, coincidindo com a abertura do novo Mercado da cidade, pelo que apenas a partir dessa data estarão criadas as condições para se iniciarem ali as obras de adaptação. Para esse facto, a autarquia pediu em tempo oportuno estudos a três arquitectos, um dos quais, Gomes Fernandes, que entretanto já o seu plano, que praticamente não altera o traçado exterior dos edifícios.

A par disso, torna em considerável (Continua na página 2)

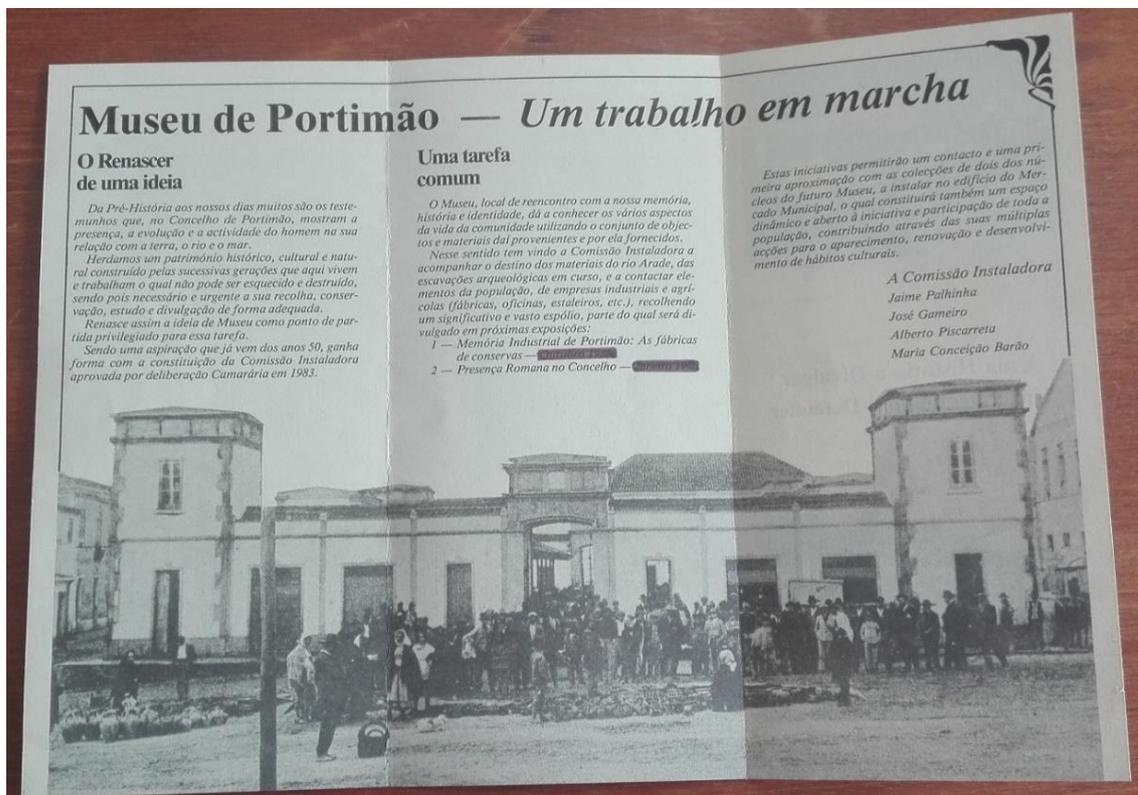
SUPERMERCADO ALVORADA

Self Service
Larga selecção de produtos
Bebidas das melhores marcas
nacionais e estrangeiras

R. Diogo Gonçalves, 7/9-PORTIMÃO ☎ *2 27 00



Notícia Jornal «Barlavento», 21 de julho de 1988 sobre intenção de instalar museu no antigo mercado (Foto da autora)



Folheto da CIMP a anunciar a instalação do futuro museu de Portimão no edifício do mercado de frutas e hortaliças

Foto da autora

ANEXO 4 – Compra da fábrica Feu (Imprensa)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 14 DE FEVEREIRO DE 1996 **47**

Algarve



A TRANSFORMAÇÃO EM MUSEU é o destino da antiga fábrica conserveira

Câmara de Portimão compra antiga conserveira

Museu na fábrica

ELISABETE RODRIGUES

Mais de uma década depois da criação da comissão instaladora do Museu Municipal de Portimão, a cidade está pronta a ter o seu espaço museológico. O primeiro passo foi a compra da antiga fábrica conserveira da Feu Hermanos.

A escritura de aquisição do edifício teve lugar na passada segunda-feira, sendo o negócio com a União de Bancos Portugueses avaliado à autarquia 65 mil contos. A antiga fábrica de conservas situa-se junto ao rio Arade,

A Câmara de Portimão já comprou a antiga Fábrica Feu para instalar o futuro museu municipal. É um velho projecto que finalmente toma forma.

num espaço privilegiado da zona ribeirinha de Portimão, ao lado das ruínas do Convento de São Francisco e perto da futura marina.

A instalação do futuro museu naquela área da cidade constitui, segundo a autarquia, «um passo decisivo para a criação de novos centros de interesse e animação na zona ribeirinha».

É o velho projecto municipal de «reaproximação da cidade ao seu rio», que poderá tornar-se realidade através da concretização de outros projectos considerados «estruturantes» e do futuro reordenamento paisagístico e urbano entre o Convento de São Francisco e a antiga ponte ferroviária.

Este reordenamento está a cargo da Junta Autónoma dos Portos do Barlavento Algarvio, mas é considerado fundamental pela própria câmara, que o incluiu no Plano Estratégico da Cidade.

De acordo com o vereador da Cultura de Portimão, Manuel da Luz, os 5146 metros quadrados do edifício da antiga fábrica conserveira vão albergar dois núcleos museológicos, um dedicado à arqueologia industrial, outro à clássica.

O primeiro terá como fulcro todo o património recolhido e recuperado pela equipa da comissão instaladora ao longo dos anos, após o fecho das fábricas de conservas do concelho de Portimão. Máquinas utilizadas na cozedura do peixe ou na fabricação e impressão das latas de conservas, peças das fundições, memórias da frota pesqueira que abastecia as várias usinas, tudo isso vai estar em exposição no futuro museu.

Haverá ainda espaço para o imenso espólio, que dará testemunho da história mais remota do concelho, recolhido ao longo de décadas de escavações arqueológicas. Prevista está ainda a transferência do actual Centro de Documentação para essas novas instalações.

Para adaptar o edifício às suas novas funções, é preciso fazer obras. A câmara tem, por isso, prevista uma verba de 15 mil contos só para uma primeira fase de intervenções.

Segundo Manuel da Luz, o programa museológico para definir a utilização do espaço e a concepção da exposição em si vai resultar de uma proposta apresentada pela equipa da comissão instaladora, desde há alguns meses desfalcada de um dos seus três membros «históricos».

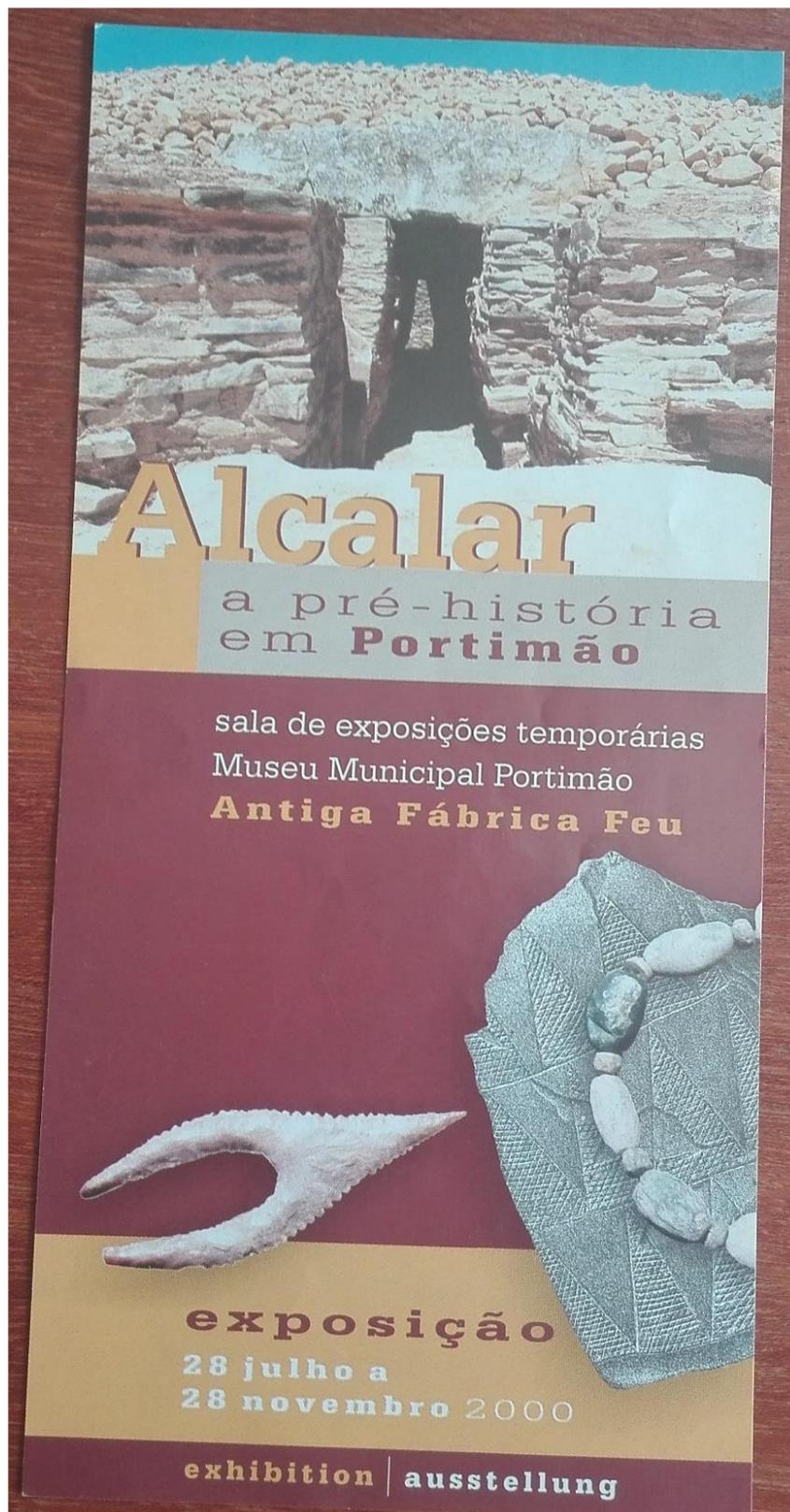
Prevê-se ainda a colaboração técnica de especialistas da Fundação do Convento da Orada, responsável por vários projectos e intervenções na área do património histórico no Sul do País.

A antiga fábrica das empresas Feu Hermanos é um edifício em vias de classificação como «imóvel de interesse público». O processo foi desencadeado há três anos pela própria Câmara de Portimão, que teve em conta a importância do edifício como testemunho de uma época dourada da economia portimonense e ainda a beleza das suas linhas arquitectónicas.

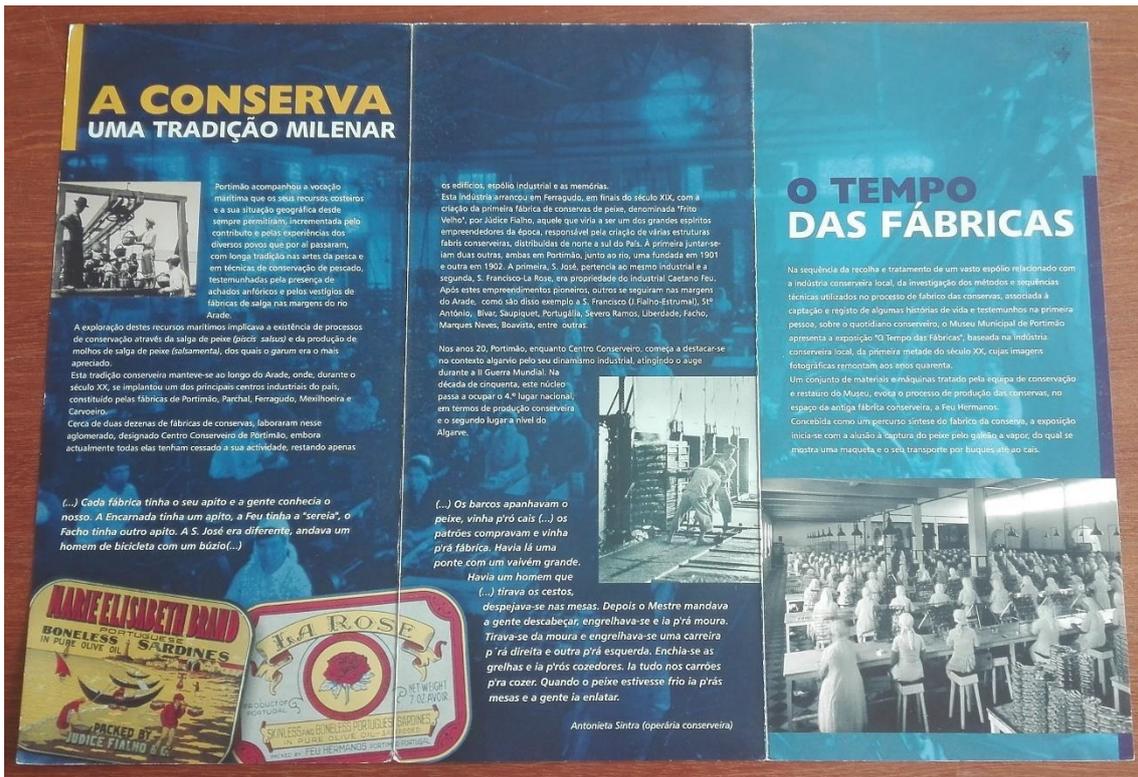
Notícia «Câmara de Portimão compra antiga conserveira», Diário de Notícias, 14 de fevereiro de 1996

Foto da autora

ANEXO 5 - Primeiras exposições na Fábrica Feu



Folheto da exposição «Alcalar – a Pré-História em Portimão»
Foto da autora



Folheto da exposição «Portimão, o tempo das fábricas» (2001)
Foto da autora



Folheto da exposição «Da madeira ao barco – Estaleiros de Portimão» (2003)
Foto da autora

Dia Internacional dos Museus



**Museu de Portimão,
uma Obra Aberta!**

Venha visitar uma realidade em construção

No âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Museus, a Câmara Municipal de Portimão convida-o(a) a visitar a obra do futuro Museu, em construção na antiga Fábrica de Conservas "Feu", e conhecer de perto o seu projecto e programa museológico.

Visitas guiadas à obra, pela equipa do Museu

HORÁRIO	VISITA 1	Sáb. 14 Maio	17:00h às 18:00h
	VISITA 2	Dom. 15 Maio	10:00h às 11:00h
	VISITA 3	Dom. 15 Maio	11:30h às 12:30h
	VISITA 4	Sáb. 21 Maio	17:00h às 18:00h
	VISITA 5	Dom. 22 Maio	10:00h às 11:00h

Informações e Inscrições

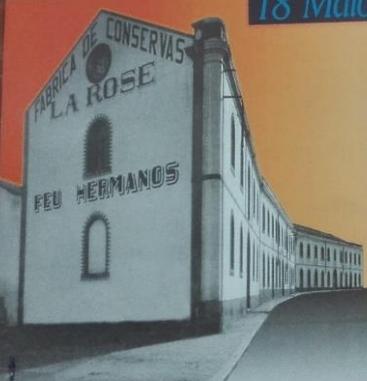
Museu Municipal de Portimão
 Tel.: 282 412 238 / 282 470 733
 e-mail: museu@cm-portimao.pt

Inscrições abertas até 2 dias antes de cada visita.
 Limite máximo de 20 pessoas por visita.




Iniciativa para apresentação da obra do futuro museu
Foto da autora

Convite **18 Maio** **Dia Internacional dos Museus**



No âmbito do Dia Internacional dos Museus, o Presidente da Câmara Municipal de Portimão tem o prazer de convidá-lo(a) para assistir à apresentação do Programa Museológico e do Estudo Prévio de Arquitectura, para o futuro Museu de Portimão, a instalar na Fábrica Feu. A sessão terá lugar na Biblioteca Municipal, Quinta Feira, 18 de Maio, pelas 18.30h.




Iniciativa para apresentação do programa museológico do museu de Portimão
Foto da autora

ANEXO 6 – Obras de adaptação



Nave da exposição permanente em construção
www.museudeportimao.pt



Fachada poente em construção
www.museudeportimao.pt



Sala do descabeço na fase final da recuperação
www.museudeportimao.pt

Anexo 7 – Programa Museológico



Cais de transporte de peixe para o interior da fábrica
CDAH Portimão – MP – D29 – 18/CDAH Portimão – MP – D29 – 19



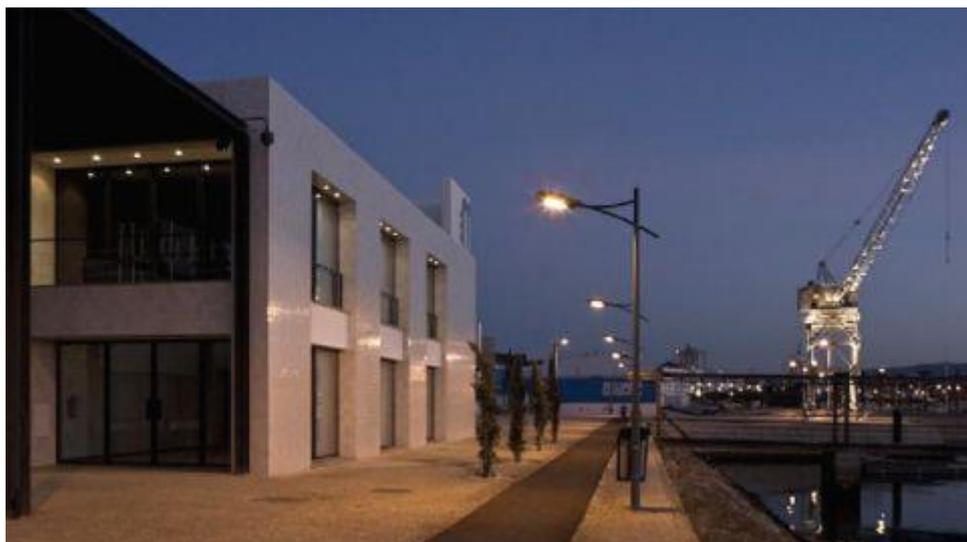
Cais de transporte, após reabilitação ribeirinha
Foto da autora



Cais de transporte de peixe, após reabilitação da zona ribeirinha
Foto da autora



A sala do descabeço foi recuperada e mantém todos os anteriores mecanismos
Fotos da autora



Iluminação noturna, junto à entrada do museu
Museu de Portimão



Aspetto do restaurante, com vista para o rio Arade
Foto da autora

ANEXO 8 – Prémios nacionais e internacionais (Recortes de Imprensa)



Notícia 2010
Foto da autora



Notícia Jornal do Algarve, maio de 2008
Foto da autora



Notícia «Postal do Algarve», 17 de dezembro de 2010
Foto da autora



Capa do jornal «Barlavento», 14 de abril 2011
Foto da autora

ANEXO 9 – Atividade «Um dia na Pré-História»





Fotos: Facebook Museu de Portimão

ANEXO 10 – Atividade «A nossa cultura sai à rua»





Foto: Facebook Museu de Portimão

ANEXO 11 – Centro de Documentação e Arquivo Histórico e Auditório

Ambito: Regional | Corte: 1 de 1

Centro de Documentação do Museu de Portimão será o mais moderno do Algarve

Quando o Museu abrir as suas portas no dia 17 de Maio, vai também ficar disponível o mais moderno Centro de Documentação da região

elisabete rodrigues | elisabete@barlavento.online.pt

O Centro de Documentação do Museu Municipal de Portimão, que vai abrir as suas portas a 17 de Maio, vai ser o mais moderno do Algarve. Enquanto a fase de instalação das exposições – permanente e temporária – decorre a toda a velocidade, está também já muito adiantada a mudança do Centro de Documentação. Esta era a estrutura do Museu que já funcionava, há mais de 15 anos, nas anteriores instalações junto ao Tribunal de Portimão.

Só que agora, no novo Museu, «teremos condições excepcionais para os investigadores, para quem trabalha no Centro de Documentação e ainda novas funcionalidades», garantiu ao «barlavento» o director.

Entre essas novidades, está a possibilidade de acesso a todo o acervo e inventário do Centro por meios informatizados. Haverá ainda um espaço alargado de acesso à Internet, no qual a primeira

meia hora de utilização será gratuita. Há também um novo sistema de arquivo e de arrumação, mais prático, seguro e de mais rápido acesso.

Para já, o que chamará a atenção dos utilizadores do Centro de Documentação será a sua localização, de frente para o rio. Uma vista tão bonita que certamente fará com que muitos se distraiam a olhar...

No primeiro andar do Centro, funcionará a Sala João Távares, que apresentará o espólio de livros e outros documentos doados pela família deste poeta de Portimão.

Outra novidade é a existência, pela primeira vez, de uma sala climatizada para arquivo de todos os negativos e fotografias que fazem parte da colecção do Museu de Portimão.

Para o futuro, muitas novidades estão previstas: «vamos evoluir mais tarde para a digitalização completa dos arquivos municipais, nomeadamente das actas da Câmara», revelou José Gameiro.

Outro projecto passa pela digitalização das muitas imagens da cidade, do concelho e do Algarve, que, num futuro próximo, poderão ser consultadas online.

«Será um novo Centro de Documentação mais próximo das novas tecnologias e das necessidades dos investigadores», garantiu o director do Museu.

Notícia Jornal «Barlavento», 1 de maio de 2008

Foto da autora



Centro de documentação, com vista para o rio Arade
Ana Mateus, março 2018



Audatório do museu de Portimão
WWW.museudeportimao.pt

ANEXO 12 – Guião da exposição temporária «Gentes da Terra e do Mar»

Gentes da Terra e do Mar

Exposição de cima

INTRODUÇÃO

Gentes da terra e do mar

Pela sua localização geográfica entre o mar e o barrocal, o município de Portimão formou nas suas gentes a consciência da importância do aproveitamento e articulação entre as atividades ligadas à terra e ao mar. Sobre o aproveitamento dos recursos naturais terrestres e marítimos e sobre a capacidade de trabalho dos seus habitantes: “(...) desde o início souberam tirar partido das possibilidades dos elementos ao seu dispor, aproveitando as riquezas inesgotáveis da terra e do mar, com inteligência e tenacidade” (Joaquim Nunes, Portimão, 1956).

É desta herança de vivências quotidianas entre atividades agrícolas e marítimas, da rentabilização dos recursos naturais, dos seus produtos, das suas sazonalidades e saberes, bem como das transformações que o progresso lhes incute, que nos fala a exposição “Gentes da Terra e do Mar”.

Apresentada em duas salas, nesta onde nos encontramos, somos conduzidos para os testemunhos das atividades de feição rural e marítima locais, enquanto que, na sala do piso inferior, as praças do peixe, da fruta e das verduras constituíam os lugares privilegiados em Portimão para o encontro destas gentes da terra e do mar.

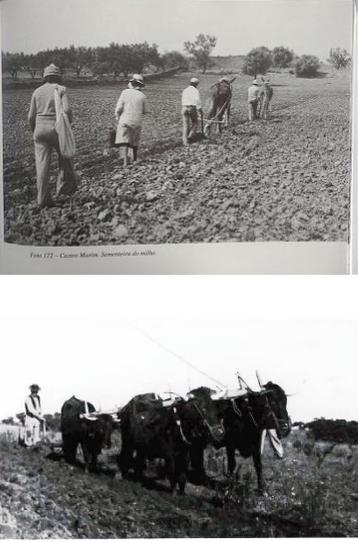
OBJECTIVOS

Transmitir os modos de vida que têm sido característicos desta faixa do Algarve e principalmente do município e que se relacionam com as atividades que as pessoas desenvolvem como a agricultura e a pesca; articulação que as pessoas se têm habituado a fazer entre as duas atividades de forma a garantir o seu sustento ou salário mensal; ativar as memórias locais mediante os conteúdos apresentados e fazer a ponte com as atividades atuais

Núcleo 1 – Trabalhar a terra

Elementos museográficos chave:

- ▶ Representar as principais atividades e técnicas relacionadas com o trabalhar da terra na agricultura;
- ▶ Fazer a articulação entre atividades tradicionais que passaram de geração em geração até à atualidade

Núcleo	Conteúdos	Museografia Elementos Expositivos	Peças/Colecção	
1	<p>Textos</p> <p>Trabalhar a terra</p> <p>A ligação à terra conta com uma longa história, onde os saberes considerados tradicionais vieram cedendo lugar às inovações tecnológicas, e embora a atualidade seja marcada por uma agricultura fortemente mecanizada, já com traços intensivos, coexiste aqui e ali com os vestígios de tempos e práticas antigas que perduram, procurando assegurar a subsistência das suas gentes.</p> <p>Das culturas de sequeiro como o trigo, a cevada, as favas, grão de bico, alfarrobeiras, figueiras, amendoeiras, oliveiras entre outras, evoluiu-se até aos métodos de regadio e aproveitamento dos cursos de água, com as culturas de milho, hortas e pomares.</p>		 <p>Alcofa – Cecília Nunes</p>  <p>Arado –Quinta dos Avós</p> <p>Fio de medir regos – José Vitorino (s/foto)</p>	 <p>Charrueco – Quinta dos Avós</p>  <p>Canga E332</p>

Working the Land

The land connection has a long story, where the so-called traditional know-hows have been giving room to technical breakthroughs and although today's farming is quite mechanized and with some intensity, it still lives together with traces of ancient times and practices that live on, aiming to provide subsistence to its people.

Beginning with dryland crops such as wheat, barley, broad beans, chickpeas, carobs, figs, almonds, olives, among others, farming has evolved to irrigation and taking advantage of water streams, leading to vegetable gardens, orchards and corn plantations.

Legendas peças

1. Alcofa
Transport pannier
2. Charrueco
Little plow
3. Arado
Plow



Pulverizador - Quinta dos Avós



Enxada E375 – Francisco Alexandre

Alvião – Vitorino Colega



Foice Roçadora – José Casimiro

Sacho

<p>4. Canga Yoke</p> <p>5. Fio de medir regos Trench-measuring string</p> <p>6. Pulverizador Pulverizer</p> <p>7. Enxadas Hoes</p> <p>8. Alvião Pointed hammer</p> <p>9. Sacho Little hoe</p> <p>10. Foice roçadeira Bagging hook</p> <p>11. Foice Sickle</p> <p>12. Dedeiras Finger protectors</p> <p>13. Trilho Chisel plough</p>	  <p>Joaquim Nunes</p>	 <p>Foice João Reis F550</p>  <p>Dedeiras João Reis</p>  <p>Trilho – Casa dos Avós</p> <p>Motoenxada (sem foto)</p>
---	--	--

Motoenxada

Cultivator



Carmina Albano

2 silhuetas de animal para
representar a forma como o
arado trabalha;

Terra

Núcleo 2 - Pesca Industrial

Elementos museográficos chave:

► Representar as técnicas utilizadas neste tipo de pesca, ainda muito frequente no concelho nos dias que correm;



Núcleo	Conteúdos	Museografia Elementos Expositivos	Peças/Colecção
2	<p>Textos</p> <p>Pesca Industrial</p> <p>No final do século XIX generaliza-se a pesca industrial em Portimão, a acompanhar o desenvolvimento da industrialização que o concelho vinha a sentir com o início das fábricas de conservas, mas também da construção naval, dos fumeiros e o aumento das exportações.</p> <p>Os armadores investiram em galeões a vapor que representavam, no início do século XX, uma modernização da pesca do cerco americano, contribuindo para o desenvolvimento da captura de espécies como a sardinha, fundamental para a então próspera indústria conserveira de Portimão.</p> <p>A preparação desta arte de pesca constituía um espetáculo em si, onde se celebrizou o</p>		 <p>Chalavares (3) - José Miguel</p> <p>Rede de traineira (s/ foto) – com uma agulha de cozer</p> <p>Vitrine 1 Traineiras (Portugal VI e António Féu)</p>

alar da rede, ou o cozer das redes, operação levada a cabo após cada pescaria. Os galeões foram sendo substituídos pelas traineiras ainda durante a primeira metade do século XX, embarcações que resistem até aos dias de hoje.

Industrial Fishing

In the end of the 19th century, industrial fishing became global in Portimão, together with the industrial growth that the area got with the beginning of the fish canneries activity, as well as shipyards, dried fruits and a rise on exports.

Ship owners invested on steam galleons which represented, on the beginning of the 20th century, a modernization of seine fishing, allowing a better catch of species like the sardine, which proved to be essential for the then prosperous Portimão's fish canning industry.

The preparations of this method was a show on its own, mostly the net lifting or mending (which was performed after each catch).

Steam galleons then were replaced progressively by trawlers still during the



Vitrine 2



Bitolas – Maria Cecília Dias



Linhas de cozer rede – Maria Cecília Dias

first half of the 20th century, vessels that still live on nowadays.

Legendas:

Chalavares
Fish-catching net baskets

Vitrine 1
Traineiras
Trawlers

Vitrine 2
1. Bitolas
Gauges
2. Linha
String
3. Canivete
Switchblade
4. Agulhas de cozer rede
Net-knitting needles



Júlio Bernardo

Duas vitrines para traineiras e materiais de cozer redes.



Canivete – Cecília Dias



Agulhas cozer rede – Cecília Dias

Núcleo 3 - Colheita do Mar e da Terra

Elementos museográficos chave:

- ▶ Representar as principais técnicas e materiais utilizadas na colheita dos produtos agrícolas e da pesca;
- ▶ Instalação

Núcleo	Conteúdos	Museografia Elementos Expositivos	Peças/Colecção
3	Legenda: O encontro simbólico entre terra e mar	Estrado e fio de Nylon para elevar algumas peças.	 Cestos (3 cestos e 3 murejonas)  Murejonas

Núcleo 4 - Mel e Vinho

Elementos museográficos chave:

► Representar os métodos de extração, colheita e produção destes dois produtos, não apenas nos moldes antigos, mas também em aspectos mais atuais e característicos dos negócios familiares do concelho;



Núcleo	Conteúdos	Museografia Elementos Expositivos	Peças/Colecção
4	<p>Textos MEL</p> <p>O Algarve tem uma produção de mel bastante expressiva no contexto nacional, onde Alvor e a Mexilhoeira Grande se incluem. A produção de mel no município é sobretudo um negócio de família, embora já também com uma componente comercial e de exportação.</p> <p>Este é um trabalho sazonal e de transumância. Começa-se por arranjar abelhas na primavera e o trabalho do apicultor prolonga-se pelo verão. No terreno, hoje já ninguém trabalha com os antigos cortiços de sobreiro, recorrendo às colmeias de quadros que possibilitam um melhor manuseamento e extração do mel. Após o trabalho das abelhas no apiário, os quadros são transportados nas alças para o local de extração do mel, onde se retiram os opérculos que cobrem</p>	 	<p>MEL</p>  <p>Cortiço Monchique</p>  <p>Fato de apicultor (Luvas)</p>  <p>Fato de apicultor</p>  <p>Fumigador</p>

os alvéolos dos favos de mel maduros. Em seguida, os quadros são colocados na centrífuga, cuja velocidade permite extrair grande quantidade de mel, num processo que termina com a filtragem dos restos de cera e seu armazenamento final em depósitos de Inox. O mel está pronto para ser comercializado em frascos próprios para o efeito.

Há diferentes tipos de mel de acordo com o tipo de flores onde a abelha vai buscar o pólen. No Algarve destaca-se o mel de rosmaninho, medronho, eucalipto, alfarroba, laranjeira e multifloral.

Honey

Algarve has a quite large honey production on a portuguese level, with Alvor and Mexilhoeira Grande being key players.

Honey production on the municipality is mostly a family business, although already with a trading and export side.

This is a seasonal and transhumance work. One start to get bees on spring and the work of the beekeeper goes all along the summer.



Colmeia com meia alça



Levanta-Quadros



Raspador



Faca desopercular com serra

Centrifuga (sem foto)

Pote para guardar mel (S/Foto)

Vitrine 1

1 frasco de mel

In the field, no one works anymore with the old cork beehives, using now framed ones, which provide a better honey handling and extraction. After the bee activity on the apiary, frames are transported on their straps for the honey extraction site, where the operculum that covers the ripe honey combs are retrieved. Afterwards, the frames go to a centrifugation machine, which speed allows extracting a large quantity of honey, in a process that ends with the wax leftovers filtering and final storage on stainless steel deposits. Honey is ready to be traded on purpose-made glass bottles. There different kinds of honey according to the type of flower where the bee collects the pollen. In the Algarve it's mostly rosemary, arbutus, eucalyptus, carob, orange and multiflower.

Legendas das peças

1. Cortiço
Beehive
2. Fato de apicultor
Beekeeper suit
3. Fumigador



VINHO

(Estrado elevado)



Serrote J. V. Tomé



Serrote João Reis F553



Podão João Reis F549



Tesoura João Reis F552

Fumigador

4. Colmeia com meia alça

Half strapped hive

5. Levanta-quadros

Frame riser

6. Raspador

Scraper

7. Centrífuga

Centrifuge machine

8. Pote de mel

Honey pt

9. Faca desopercular com serra

Honey retrieving knife

VINHO

A vinha encontra no Mediterrâneo condições ótimas para o seu cultivo. O ar seco, a temperatura mais constante durante os meses de maturação do fruto, fazem com que ela se defenda melhor dos seus inimigos naturais.

A vindima ocorre geralmente durante o mês de Setembro, altura em que os cachos amadurecidos já estão em condições de serem apanhados. A Negra Mole é tida como a casta algarvia mais

(Estrado no chão)



Canastra José Casimiro



Prensa vinho – Quinta dos Avós



Alguidar de Barro – Indeterminado

Na vitrine:

Cinco garrafas de vinho de Portimão

	<p>antiga, mas a ela juntam-se várias outras que darão vinho branco ou tinto. Depois de apanhada, a uva deve ser transportada para o local onde será esmagada, com ou sem engaço. Esse mosto ficará durante alguns dias, três ou quatro consoante a graduação pretendida, a fermentar numas celhas de onde seguirá para a prensa para dele se escorrer o precioso líquido, que ficará guardado a estabilizar para mais tarde poder ser engarrafado. Com o bagaço da uva, adubavam-se os campos e hábito local era também o do seu aproveitamento para a produção de aguardente de bagaço, hoje somente permitida em locais certificados.</p> <p>Wine The vineyard finds in the Mediterranean area great conditions for its growth. Dry air and a constant temperature during the fruit maturation months lead to a better protection from natural enemies. Harvest occurs normally in September, a time when the grape bunches are ripe enough. “Negra Mole” is the oldest</p>		
--	---	--	--

	<p>algarvian grape variety but there are more that help to produce white or red wine. After being picked, the grape should be transported to its pressing area, with or without trickle. The must will remain for three or four days on deposits fermenting, depending on the wanted alcohol grade, going afterwards to the press, from where the precious liquid will be extracted and then stored for a stabilization period before being bottled. Fields were fertilized with grape pomace, which was, locally, also used to make a pomace brandy, nowadays only allowed on certified venues.</p> <p>Legendas peças</p> <p>1. Serrotes Saws</p> <p>2. Podão Trimmer</p> <p>3. Tesoura Scissors</p> <p>1. Canastra Hamper</p> <p>2. Prensa de vinho Wine press</p>		
--	---	--	--

	<p>3. Alguidar de barro Clay bowl</p> <p>Conjunto de vinhos da antiga Adega Cooperativa de Portimão Set of wines from the former Portimão's Co-op Winery</p>		
--	--	--	--

Núcleo 5 - Milho

Elementos museográficos chave:

► Apresentar as técnicas mais ancestrais de debulha e moagem do milho que já não são muito utilizadas na atualidade em virtude da industrialização;



Núcleo	Conteúdos	Museografia Elementos Expositivos	Peças/Colecção	
5	<p>Texto</p> <p>“No princípio toda a gente semeava mais quantidade de milho. Metade do terreno que existe aqui, a cultura principal era milho” (José Casimiro).</p> <p>Semeado à “braçada” entre abril e maio, com a ajuda de sachos e enxadas, este cereal mobilizava grande número de homens e mulheres. Depois da apanha, no princípio do outono, era transportado para junto das eiras onde as espigas eram desfolhadas, em ambiente de festa e convívio, reunindo “uns bolos, uma garrafa de aguardente e (...) às vezes aparecia a concertina” (José Casimiro).</p>	 	 <p>Alcofa Joaquim V. Tomé</p> 	 <p>Alcofa Proveniência Indeterminada</p>  <p>Peneirador com mó e peneira</p>

Depois de seco, era debulhado com o auxílio de um mangual, ou com uma máquina debulhadora. Antigamente, rentabilizava-se mais a cultura do milho, pois a sua fatana também era aproveitada para encher colchões, por exemplo, e o milho era moído para farinha alimentar, enquanto hoje aproveita-se apenas a maçaroca, sobretudo para alimentação dos animais.

Corn

“In the beginning, everyone sowed more corn. On half of the land that there is here, the main crop was corn” (José Casimiro)

Arm-sowed between April and May, with the help of hoes, this cereal mobilized a great number of men and women. After the harvest, in beginning of fall, it was transported close to the threshing floors where the ears would be deflowered under a party and socializing mood, “gathering some cakes, a bottle of brandy and (...)



António Marreiros



Mangual – Beatriz Pomba



Canastra Joaquim V. Tomé

	<p>sometimes a concertina” (José Casimiro).</p> <p>After being dried, it was thrashed with the aid of a flail or a combine harvester.</p> <p>In the old days, the corn was more profitable, given that its ears were used to, for example, fill mattresses and the grains were milled to make flour, while today only the cob is used, mostly for animal feeding.</p> <p>Legenda das peças</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Alcofas para limpar o milho Corn cleaning pannier 2. Peneirador com mó e peneira Sifter with seive and grindstone 3. Mangual Flail 4. Canastra Hamper 		
--	---	--	--

Núcleo 6 - Frutos secos

Elementos museográficos chave:

► Representar a produção de frutos secos mais importante do concelho, com destaque para o figo e amêndoa



Núcleo	Conteúdos	Museografia Elementos Expositivos	Peças/Colecção
6	<p>Texto</p> <p>A produção de frutos secos, nomeadamente a amêndoa, o figo e a alfarroba, caraterísticos do mediterrâneo, constituía uma atividade económica e social fundamental para o município e suas gentes. Alimentavam a população local e possibilitavam a sua subsistência já que uma boa parte era vendida a particulares e aos fumeiros locais. Para os grandes produtores e comerciantes, os</p>		 <p>Vara Vitorino Colega – 1</p>  <p>Caimbo - José Poucochinho</p>

frutos secos representavam um dos principais produtos exportados. No que respeita ao figo, este começa a amadurecer nos finais de julho, inícios de agosto, e de entre algumas variedades contam-se os orjais, lampos, enchários e os coitos, estes especialmente utilizados para a secagem. Os figos são apanhados à mão e, se necessário, com a ajuda de um caimbo. Em seguida, postos a secar ao sol em esteiras de funcho. A amêndoa, produzida nas qualidades molar, côco e dura, é apanhada com o recurso a uma vara e depois de escolhida, é partida de forma manual ou com recurso a uma máquina própria.

Dried fruits

Dried fruits production, mostly the Mediterranean almond, fig, and carob, was a key social and economic activity, crucial for the municipality and its people. It fed the local population and made subsistence possible, since part of it was sold to other people and to local



António Marreiros



Joeiro – SAM_5059



Esteira – J. V. Tomé



Alcofa – Proveniência Indeterminada

Tronco de árvore para partir amêndoas (sem foto)
Martelo (sem foto)

	<p>processing units. For big producers and traders, dried fruits represented one of the main exports.</p> <p>About the fig, it began to be ripe at the end of July, beginning of August and among some of its varieties are “orjal”, “lampo”, “enchário” and “coito”, these are ideal for drying. Figs are handpicked or, if necessary, picked with the aid of a stick. Afterwards, they are left to dry on fennel mats.</p> <p>Almond, which “molar”, “côco” and “dura” varieties are produced, is picked with the help of a rod, chosen and split manually or with the aid of specific machinery.</p> <p>Legendas das peças</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Joeiro <p>Big sieve</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Alcofa de amêndoa <p>Almond transport pannier</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Cepo e martelo para partir amêndoa 		
--	--	--	--

	<p>Log and hammer for splitting almonds</p> <p>4. Vara</p> <p>Pole</p> <p>5. Esteira de funcho</p> <p>Fennel mat</p> <p>6. Caimbo</p> <p>Hooked stick</p>		
--	---	--	--

Núcleo 7 - Pesca Artesanal e Marisqueiro

Elementos museográficos chave:

► Representar duas importantes actividades ligadas ao mar e à Ria de Alvor, ainda muito frequentes e com recurso a técnicas e artes características de pequenos centros piscatórios;



Núcleo	Conteúdos	Museografia Elementos Expositivos	Peças/Colecção
7	<p>Alvor é uma vila costeira, onde a abundância e a variedade de peixe determinaram uma economia baseada na pesca artesanal e no marisqueiro.</p> <p>Pesca Artesanal A pesca artesanal consiste em artes, como as redes, as murejonas, covos ou as linhas de anzol de onde se destaca o “aparelho”. A pesca artesanal ainda apresenta uma dinâmica familiar de entreaajuda, e, até há bem pouco tempo, a presença feminina era uma constante, sobretudo nos momentos de preparação de artes, como “iscar” os aparelhos.</p> <p>Marisqueiro Nas margens da Ria de Alvor, importante ecossistema lagunar, desenvolvem-se práticas ancestrais, como o marisqueio.</p>	 <p>António Marreiros</p> 	<p>Pesca Artesanal</p>  <p>Aparelho –JPP Cesto de peixe</p>  <p>Covos (3) – JPP</p> <p>Aparelho em alcofa (sem foto)</p>  <p>Murejonas (2)</p>

Zonas como a Quinta da Rocha, Vale da Lama ou a “zona da barra”, são apenas algumas das que, com a maré vazia, revelam um universo rico em espécies de mariscos, onde os mariscadores munidos de sachola, cestos ou baldes, revolvem a areia lodosa em busca sobretudo de amêijoas, berbigão, ou conchilha e, com a “adiça”, ou com a garrafa de sal, apanham o lingueirão que usam tanto para isco como para comercialização.

Traditional fishing and shellfish harvesting

Alvor is a coastal village, where the abundance of fish and seafood determined an economy based on fishing and shellfish harvesting.

Traditional fishing

The traditional method consists on techniques such as nets, “murejonas”, pots or hook lines coming from an apparatus.

Traditional fishing still presents a family dynamic of mutual support and, even recently, women presence was constant,

António Marreiros



António Marreiros



António Marreiros



Petromax



Bicheiro



Fisga



Camaroeiro

Rede de tresmalho (sem foto)



Alcatruzes



Bóia – Baliza_JPP

especially during the preparing stages like baiting the apparatus.

Shellfish Harvesting

These ways of life are implanted on a privileged natural surrounding with the Alvor estuary as backdrop, a lagoon system and natural ecosystem of extreme importance for many fauna and flora species.

Quinta da Rocha, Vale da Lama or the “quayside area” are some of the places that, during low tide, reveal a rich universe of shellfish species, where the harvesters, equipped with little hoes, baskets or buckets, churn the muddy sand looking for, mostly, clams, cockles or bean clams and with the “adiça” or with a bottle of salt, catch the grooved razor shell, used either for baiting or for trading.

Legenda das peças

Pesca Artesanal / Traditional Fishing

- 1. Aparelho ou palangre
Apparatus or longline
- 2. Aparelho em alcofa
Pannier apparatus



António Marreiros



António Marreiros

Livro “Mariscadores”, João Mariano:

- Pgs. 41
- 57
- 83
- 107
- 109

Vitrine 1



Amostra em cortiça - JPP



Amostra em esferovite - JPP



Amostra



Palhaços



Toneira



Aparelho

	<p>3. Cesto de peixe Fish basket</p> <p>4. Covos Pots</p> <p>5. Murejonas “Murejonas”</p> <p>6. Petromax</p> <p>7. Bicheiro Gaff hook</p> <p>8. Fisga Fishing spear</p> <p>9. Camaroeiro Leaf-net</p> <p>10. Rede de tresmalho Trammel net</p> <p>11. Alcatruzes Buckets</p> <p>12. Bóia-baliza Beacon buoy</p>	<p>- Vitrine</p>	<p>Marisqueiro</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div data-bbox="1240 347 1550 579">  <p>Ganchorra</p> </div> <div data-bbox="1615 373 1895 579">  <p>Draga</p> </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 20px;"> <div data-bbox="1240 708 1550 948">  <p>Bomba de ralos</p> </div> <div data-bbox="1615 699 1895 948">  <p>Sachola e Chalavar</p> </div> </div>
--	---	------------------	---

	<p>Vitrine 1</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Amostras <p>Lures</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Amostras <p>Lures</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Palhaços <p>Squid lures - "Clowns"</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. Aparelho (Montagem) <p>Fishing rig</p> <p>Marisqueio / Shellfish Harvesting</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Ganchorra <p>Rake</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Draga manual <p>Hand dredge</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Bomba de ralos <p>Bait vacuum pump</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. Sachola e chalavar <p>Little hoe and fish-catching net Basket</p> <ol style="list-style-type: none"> 5. Cesto com sachola e chalavar <p>Basket with little hoe and fish-catching net Basket</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. Adiças <p>Iron Razor Shell catcher</p> <ol style="list-style-type: none"> 7. Cestos 		 <p>Conjunto de cesto, sachola e chavalarinho</p>  <p>Cestos (2)</p> <p>Garrafa com sal (sem foto)</p>  <p>Adiças (2)</p>
--	---	--	---

	<p>Baskets</p> <p>Vitrine 2 Conjunto de lanchas de pesca artesanal Artisanal fishing boat set</p>		<p>Vitrine 2 Lanchas de pesca artesanal (4)</p>
--	--	--	--

Núcleo 8 - A Água

Elementos museográficos chave:

- ▶ Apresentar os métodos de rega e transporte de água, usados principalmente na agricultura, de forma a compará-los com as práticas atuais, visivelmente mais desenvolvidas.
- ▶

Núcleo	Conteúdos	Museografia Elementos Expositivos	Peças/Colecção
8	<p>A generalização do método de regadio e a diversidade de recursos hídricos, como por exemplo os cursos de água, os poços, os furos, as noras e cegonhas e os canais, foi fundamental para o desenvolvimento e diversificação das práticas agrícolas e das espécies cultivadas.</p> <p>Com a evolução do regadio, nascem as hortas, pomares e a agricultura intensifica-se.</p> <p>“Nós íamos buscar água com a tal burrinha, com dois cântaros em cima ao chamado poço do Rolhão [freguesia da Mexilhoeira Grande].</p>	 <p>Nora – Isabel Soares</p> <p>Estrutura para assentar canga e cântaros</p> <p>Nora para alcatruzes atados por corda</p>	 <p>Canga – Q. dos Avós</p>  <p>Cântaros (2) – Proveniência sala 6-2</p>  <p>11 Alcatruzes de Barro – Quinta dos Avós</p>

Era um poço coletivo, tínhamos as vacas levávamos lá os bichinhos, bebiam lá.”

“Os primeiros poços faziam-se principalmente nas zonas próximo de ribeiras. Quem pensava que queria água fazia uma nora ou um poço. (...) P’ra andarem lá os homens a “partirem” a água de um lado para o outro com a enxada, a água corria pelo rego e ia enchendo leiras e por aí fora. Isso era um complemento da agricultura de sequeiro.”

José Luís

Irrigation

The generalization of the irrigation method and the diversity of water resources such as water streams, wells, water lifters and canals, was crucial for farming methods and planted species growth and diversification. With the evolution of irrigation, vegetable gardens and orchards were born and farming intensified its activity.



Balde para água do poço/nora – P. I.

	<p>“We’d get the water on a little donkey equipped with two vases on the Rolhão well [Mexilhoeira Grande parish]. It was a collective well, we had cows and take them there, where they’d drink.”</p> <p>“The first wells were made mainly close to the streams. Who thought that needed water would make a noria or a well. (...) There the men would “brake” the water from one side to another with a hoe, the water would go through a trench and filled the squares and so forth. That was a complement to dryland farming.”</p> <p>José Luís</p> <p>Legendas:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Transporte de água em cântaros2. Alcatruzes de barro para elevação de água em noras		
--	--	--	--

Gentes do Mar e da Terra

Exposição de baixo

INTRODUÇÃO	
-------------------	--

Mercado. Espaço de encontro entre a terra e o mar. Neste piso é possível perceber as várias formas de transporte dos produtos agrícolas e piscícolas para o mercado e como esses eram comercializados.

OBJECTIVOS	
-------------------	--

Núcleo 1 – Mercados

Elementos museográficos chave:

- ▶ Representar as variadas formas como os produtos eram transportados para o mercado ou lota, espaço de encontro entre as gentes da terra e do mar;
- ▶ Encenação do mercado antigo, de forma a perceber o tipo de produtos vendidos e a forma como esses eram comercializados em relação aos dias de hoje.

Núcleo	Conteúdos	Museografia Elementos Expositivos	Peças/Colecção
1	<p>Textos:</p> <p>1.Mercado. O encontro entre a Terra e o Mar</p> <p>No início do século XX, Portimão vê surgir dois novos melhoramentos para a sua população. No final do período da monarquia surge o Mercado de Peixe na zona ribeirinha, perto da Ponte Rodoviária, enquanto que nos primeiros anos da República, é inaugurado a Praça da Verdura em pleno centro urbano, defronte da Igreja do Colégio. Estes dois edifícios</p>	<p>1.</p> 	 <p>Esculturas de Arlindo Arez (Pescador e Semeador)</p>

representam uma nova e mais moderna maneira de acolher os produtos produzidos e trazidos por gentes da terra e do mar.

Market. Where Land and Sea meet

On early XX century, Portimão saw the rise of two new developments for its population. During the monarchy's final years, the Fish Market is built on the riverfront, close the road bridge, while on the Republic's early years a Market Hall for green products was erected on the town center, in froth of the Colégio church. These new buildings represent a newer and more modern way to welcome the products brought by the people of land and sea.

2. Do mar para a lota

Finda a faina, o pescado era descarregado dos porões para o cais e acondicionado em caixas cobertas de gelo e levado para a

2.



Do campo para a praça



Ceirão

Carro canudo com canastras

Caixas de madeira

Do mar para a lota



Balança para peixe



Bicicleta pasteleira – Quinta dos Avós

Estrutura de ferro com duas caixas de peixe (uma com sal)

antiga lota, onde era licitado pelos comerciantes de peixe. Estes levariam o produto para as bancas dos mercados ou rua a rua, neste caso muitas vezes com uma canastra à cabeça ou transportando os cestos lado a lado, ligados por uma trave, em bicicletas, triciclos a motor e, mais tarde, com carrinhas munidas de refrigeração.

From ocean to auction

When it arrived, fisheries were unloaded from the ship's hold to the dock, where it was fitted into boxes topped with ice and taken to the fish auction where fish traders would bid them. They would then take it to the market stalls or to the streets on baskets standing on their shoulders or by bike, light commercial three-wheelers and, later on, refrigerated vans.

3. Do Campo para a Praça

3.



Caixas de peixe

Triciclo Viveiros (sem foto)

Mercado Antigo



Balança de 2 pratos



Pesos - Mercaria Bia Floro

Para conseguir trazer os produtos que podem ver na exposição do primeiro andar, recorria-se a várias maneiras de os conseguir fazer chegar ao consumidor final. Tanto podia ser com recurso à tracção animal através de animais albardados com alforges ou já com carros, como o carrocanudo, ou então já com o recurso a camionetas, algumas das quais eram subalugadas por produtores mais pequenos para fazerem chegar os seus bens ao Mercado de Portimão.

From the Fields to the Market

In order to bring the products, that one can watch on the exhibition upstairs, from the countryside to its final destination. several ways were used. It could be done using animals that would carry big saddlebags or would be pulling carts, or with light trucks, which some had part of its cargo space rented to smaller producers that



4.



Canastras (cinco no total)



Cestos com asa (2 no total)



Cesto (a fazer de assento)



Medidas metálicas (2 no total)



Medidas de madeira (2)

also wanted to ship their goods to Portimão's market.

4.A evolução dos mercados em Portimão

Enquanto que os produtos do mar eram comercializados no Mercado de Peixe construído na Zona Ribeirinha, os produtos vegetais ganhavam o seu próprio espaço quando, em 1914, é inaugurado o Mercado construído no Rossio da vila, mesmo defronte da Igreja do Colégio. Embora com alguma polémica à mistura, ganhava-se uma nova centralidade, a qual seria ampliada com a vinda dos comerciantes de pescado, devido ao fecho do Mercado de Peixe nos anos 50, para uns telheiros adaptados a partir do espaço previamente destinado ao estacionamento dos animais que faziam o transporte de mercadorias, adjacente à Praça da Verdura, numa área onde também estavam presentes



Rasa – Mercearia Bio Flor

Sacas de serapilheira (cinco com produtos e uma a fazer de assento)

Uma saca com amêndoas



Balança decimal e conjunto de pesos

1 cestinho com ovos

1 cesto com tampa

vendedores e pequenos produtores de frutas e hortaliças.

Portimão's market evolution

While the sea products were traded on the Fish Market built on the riverfront, vegetables would get their own space when, in 1914, a market hall was erected on the town center, right in front of the Colégio Church. Though with some controversy, a new centrality was created, being enhanced when in the fifties it welcomed the fishmongers that came from the closed Fish Market, occupying stalls built on the former outhouses where farmers used to park their animals, right next to the Market Hall, on a perimeter where there were also fruit and vegetables traders and producers selling on the floor.

“Quem não tinha lugar fixo, antes de seguirem para os lugares, essas pessoas tinham que ir à



casinha dos fiscais adquirir uma senha para ter lugar.”

“Who didn’t had a permanent selling space, before settling in, those persons had to go to the controller’s box to buy a space ticket.”

Ilídio Silva

5. Um novo Mercado

Anos mais tarde, após o encerramento da “Praça da Verdura” aparece, em 1988, o primeiro mercado construído na Avenida S. João de Deus, onde se concentraram frutas e verduras, pescado e talhos e ainda outro tipo de ofertas como restauração, floristas ou padaria. Também nesta altura é criado o mercado “25 de Abril” situado num dos extremos da Avenida com o mesmo nome, sendo instalado na cave de um bloco camarário. Ambos encerrariam já no séc. XXI, aquando da construção de um novo e



moderno Mercado na Avenida S. João de Deus, num espaço contíguo ao anterior, e que abriu as portas em 2008.

A new Market

Later on, after the closure of the Market Hall, a new one was built, in 1988, on the Avenida S. João de Deus, putting fruits, vegetables, fish, butchers as well as other offers such as bakeries, florists or small bars, all together. Around this time it was also created the “25 de Abril Market”, at one of the ends of the avenue with the same designation, in the basement of city council block. Both closed their doors on the 21st century when a new and modern Market was built also on Avenida S. João de Deus, next to the previous, opening its doors in 2008.

Legendas
Semeador

Conjunto de fotos Jacques Zeymert, 1969



	<p>Sower Escultor / Sculptor Arlindo Arez</p> <p>Pescador Fisherman Escultor / Sculptor Arlindo Arez</p> <p>Mercado Antigo Old Market</p> <p>“Manuela vai às Compras” “Manuela goes shopping” Júlio Bernardo (1960) Excerto do filme realizado no antigo mercado de Portimão Movie clip shot at the old Portimão’s market</p> <p>“Luta pela vida” “Struggle for life” Vitor Laranjeira (1967) Excerto do filme realizado na antiga lota e mercado de Portimão Movie clip shot at the old Portimão’s fish auction and market</p>	 <p>Estrutura para colocar alforge; Réplica de cavalo (carrinha); Representação de uma banca de mercado; Espaço para filmes;</p>	
--	---	--	--

ANEXO 13 – Citações de entrevistas selecionadas para eventual inclusão na exposição

«Era tudo na rua no verão e naquela altura no Inverno chovia todos os dias» (Ilídio)

«Sim, todos os dias, de segunda a domingo, nem se ia à missa tão pouco e no natal se calhasse ao domingo também se fazia praça, não fechava, naquela altura não fechava» (Ilídio)

«Bicicletas com peixe para aquela malta de Alvor que vinha vender para ali vinham com a canastra à cabeça a fugirem de Alvor para Portimão à pata descalça» (Ilídio)

«Em termos dos operadores de pescado, houve pessoas que sofreram muito... estivemos aqui a falar das carrinhas, mas havia pessoas que era à pata descalça, com dois cestos à cabeça a atravessar a Ria» (Manuel Jesus)

«O meu avô vinha num carro de mula, depois começaram a haver os camionistas, que angariavam as pessoas para vir todas as semanas, mas inicialmente eu recorde-me de ver a tração animal» (Lurdes)

«O peixe era transportado num raio de ação de 20 km, mas também ia nas mesmas condições para Lisboa. O peixe era desenvasado dos barcos para os carros de caixa aberta, depois quando as caixas estavam todas arrumadinhas, jogavam gelo com fatura para as que ficavam em cima, estendiam esteiras em tabua por cima do peixe e jogavam baldes com água salgada para cima delas. A seguir eles tinham, chamavam eles os oleados, que era uma napa, que não deixava passar a chuva, nem deixava sair o frio e aquilo condensava ali e fazia ali 300 ou 400 km e depois ia para Portimão, ia para a Nazaré, ia para todo o lado e chegava lá impecável» (Manuel Jesus)

«Na altura havia respeito, o fiscal chegava ali e dizia eu não quero isto aqui e não era preciso dizer outra vez» (Ilídio)

«Antigamente, no tempo do Salazar eram no máximo três fiscais dentro do mercado e iam fiscalizando, iam vendo se estava tudo certo, se havia guias de pescado, se não havia... as pessoas, às vezes quase que não se apercebiam». (Manuel Jesus)

«Logo no princípio não havia bancas de donos, eles abriam a porta de manhã e depois iam (os vendedores) a fugir e marcavam os lugares com uma saca, com uma canastra, com uma coisa qualquer assim. Mais tarde entrou um senhor que começou a entregar as bancas fixas». (Manuel Jesus)

«Eu fui tirar a minha contribuição e dizia que eu podia vender em feiras e mercados sem lugar certo, daí que era a tal corrida, o primeiro que apanhasse era o primeiro que ficava lá». (Manuel Jesus)

«Por volta dos anos 60 começou a haver pessoas mesmo sedentárias lá, que tinham lugar fixo, lá naquele mercado destapado». (Ilídio)

«Quem não tinha lugar fixo, antes de seguirem para os lugares, essas pessoas tinham que ir à casinha dos fiscais adquirir uma senha para ter lugar. Estava tudo aos quadrados lá marcado e a pessoa adquiria o C10 ou o C5, ia lá e marcava, ficava lá...» (Ilídio)

«Todos os dias era cobrado, era feita a cobrança com uns ticketzinhos...» (Lurdes)

«Às 9 horas da noite já havia pessoas deitadas no chão ali à porta, deitadas, com as coisas expostas para vender no outro dia». (Ilídio)

«Cá fora, no passeio, também vendiam à volta do mercado todo». (Ilídio)

«As pessoas dormiam ali na rua, faziam as camas, uns iam para as estalagens, outros ficavam ao pé dos artigos para não roubarem». (Ilídio)

«Nessa altura apostávamos mais nas rações porque havia muitos mais animais, toda a gente tinha galinhas, toda a gente tinha o porquinho». (Lurdes)

«Havia uma pessoa que tinha uma casa lá próximo mesmo do mercado ai há volta de uns 20 metros quadrados, tudo cheinho de prateleiras, tudo cheinho de balanças, a gente chegava lá alugava uma balança, daquelas de bico de pato com dois pratos e os pesos, com os respetivos pesos e no fim da venda a gente ia entregar a balança, pagava-se “X” e no outro dia ia-se alugar outra vez». (Manuel Jesus)

«De mercado para mercado sofreu grandes alterações a parte do pescado. No mercado da Alameda eu comecei a vender peixe de caldeirada, havia mais colegas, outra pessoa que só vendia chocos e lulas, não vendia mais nada, havia outro que só vendia sardinhas e outro que só vendia carapaus... havia um respeito tão grande de operador para operador, que eu até me dava vergonha de eu vender caldeirada e pôr sardinhas também à venda». (Manuel Jesus)

«Na parte de trás dos bombeiros havia um recinto onde os operadores da fruta iam deixar os carros de besta e aí tinham um telheiro corrido onde havia umas manjedouras que eles usavam para prender os animais, davam uma palhinha, enquanto estavam nas vendas. Depois, essa parte foi aproveitada então para fazer o mercado do pescado, como aquilo já se tornava apertado, fizeram uma parte em calçada onde os revendões da fruta iam vender». (Manuel Jesus)

«É muito raro não ter produto português, é muito raro, só se o artigo em causa, na altura, não haver em Portugal». (Ilídio)

«Cá dentro tinha uma banca, naquela altura era em cima em madeira e os pés era em ferro e vendiam assim». (Ilídio)

«Hoje é proibido vender os animais à porta da praça, antigamente quem queria comprar um galo para fazer uma cabidela em casa ia comprar lá aos homens... eu sabia a quem comprar, dizia olha traz-me um galo ou uma galinha». (Ilídio).

«Havia três ou quatro tascas, havia uma do Matias, havia o Guimarães, havia o Manolo, havia o Próspero e depois cá do outro lado havia o Pacheco, o Álvaro das Bifanas, esse já inserido dentro do mercado tapado, havia ali com fartura e ninguém passava fome».
(Ilídio)

«Têm de respeitar as regras, o embalamento, as caixas expostas em cima da bancada não podem ser de madeira nem papelão, tem de ser de plástico, tem de ter o nome do artigo e o preço, tudo assinalado, a origem, o calibre, todas essas coisas». (Ilídio)

«A fava e a ervilha, por exemplo, na altura do apanho, coincidia com o defeso dos barcos em Portimão... as sardinhas, os homens, havia o defeso e os homens deixavam os barcos e produziam as courelazitas pequenas de favas e ervilhas, griséus, como eles chamavam».
(Ilídio)

«Um operador de peixe tem que saber tratar do peixe porque se não souber gelar o peixe e tratar do peixe, no outro dia o peixe não presta para nada». (Manuel Jesus)

ANEXO 14 – Notícia Sul Informação sobre apresentação da página web «Algarve Imaterial»

Suíinformação

Há uma plataforma na internet que leva o Património Imaterial do Algarve para o mundo

POR SUÍ INFORMAÇÃO - 4 DE MARÇO DE 2018 - 19:13

Dona Lília, Dona Rosa Maria e Dona Arminda subiram ao palco e apresentaram as suas lengalengas, adivinhas, ditados populares e até anedotas, algumas delas um pouco «picantes», como as senhoras faziam sempre de explicar. «Não levem a mal, porque há anedotas que parecem uma coisa e são outra. Nós no fim explicamos tudo...», insistia a D. Lília Amador.

Este foi um dos momentos do lançamento da nova plataforma digital "Algarve Imaterial", apresentada ao público na passada sexta-feira, no Museu do Trajo de São Brás de Alportel, e promovida pelo grupo de trabalho sobre Património Cultural Imaterial da Rede de Museus do Algarve.



Mas a apresentação da plataforma, que reúne as manifestações de património cultural imaterial (PCI) do Algarve, bem como toda a informação inerente a esse património, além da explicação sobre o que ela é, quem a produziu e que conteúdos envolve, teve ainda outros momentos ligados, precisamente a esse património.

Começou com música, com o jovem acordeonista David Mendonça, «um filho da casa», como o apresentou Emanuel Sancho, diretor do Museu do Trajo, e com o flautista Paul Carter, um sambrasense de adoção.

Houve ainda uma mostra de artesanato e ofícios tradicionais, com a empreita de palma, a cestaria em esparto, as bonecas de trapos, o mel, entre outros. E depois da apresentação das três senhoras, sobre o património oral, seguiu-se uma degustação, onde o destaque foi para a panela de fumegantes e saborosas papas, feitas pela D. Rosa Maria. E havia ainda muitas outras iguarias e doces tradicionais para degustar.



Mas o que é então a plataforma digital "Algarve Imaterial"? Trata-se de um instrumento idealizado pelo grupo de trabalho sobre Património Cultural Imaterial da Rede de Museus do Algarve, criado em 2010, e tem como objetivo valorizar e divulgar as manifestações do património cultural imaterial da região.

O site que foi apresentado na sexta-feira já inclui muitas das manifestações do PCI algarvio, com a sua referência, até geográfica, por concelho, já que fazer o mapeamento é um dos seus objetivos. Inclui ainda alguns trabalhos de campo feitos por técnicos de Museus algarvios, bem como links para artigos que a comunicação social tem dedicado às manifestações do Património Cultural Imaterial algarvio.

A plataforma, como explicou Helga Seródio, do Museu de Loulé, que, com Veralisa Brandão, do Museu de Olhão, coordena o grupo, «ainda é um trabalho em processo». «No limite, será um trabalho que nunca estará concluído, porque vamos estar sempre a acrescentar mais e mais informação. E vai faltar sempre algo para completar a página», frisou.

«Esta plataforma resulta de um trabalho de dois anos deste grupo da Rede de Museus do Algarve. É uma página criada no meio de muita discussão. Mas, a partir de agora, é uma ferramenta muito útil para quem quiser investigar o Património Imaterial do Algarve», acrescentou Veralisa Brandão.

Veralisa Brandão e Helga Seródio

O site é, assim, muito útil por exemplo para professores que queiram trabalhar estes temas com os seus alunos, para quem gosta de conhecer melhor a sua terra, para investigadores ou...para jornalistas.

E, por essa razão, a diretora do Sul Informação, a jornalista Elisabete Rodrigues, foi uma das oradoras convidadas para a sessão, tendo sublinhado a «importância que os órgãos de comunicação social, regionais ou nacionais, devem dar a estas questões do Património Cultural Imaterial» e a forma como a nova plataforma poderá «ajudar o trabalho dos jornalistas».



Para Elisabete Rodrigues, estes temas são «especialmente importantes para os jornais regionais, porque têm a ver com as nossas raízes». O Sul Informação, acrescentou, costuma publicar frequentes conteúdos dentro desta temática, à qual o jornal «presta muita atenção». Para ilustrar isso, Elisabete Rodrigues apresentou à plateia a reportagem em vídeo, publicada em Janeiro passado, sobre as Charolas da aldeia de Bordeira, em Faro.

Por seu lado, Alexandra Gonçalves, diretora regional de Cultura do Algarve, outra das oradoras convidadas, sublinhou a «qualidade estética e de conteúdos» da plataforma.

«Há aqui património do Algarve a precisar de salvaguarda urgente», como o último abegão, a trabalhar no concelho de Albufeira, mas «há também património que não está em vias de desaparecer, embora precise igualmente de ser reconhecido, salvaguardado e estudado», salientou.

«Esta plataforma não quer substituir o Inventário Nacional do PCI», mas «dar a conhecer o trabalho que está a ser feito cá e promover o reconhecimento junto da comunidade», acrescentou a responsável pela Direção Regional de Cultura, entidade que também é parceira deste projeto «Algarve Imaterial».

«Agora, isto deixou de ser apenas do grupo de trabalho da Rede de Museus do Algarve, passou hoje a estar na dimensão global», o que «cria uma responsabilidade maior». Mas também abre a plataforma «a outros, a todos quantos podem e queiram dar o seu contributo», concluiu Alexandra Gonçalves.

O grupo de trabalho, constituído por técnicos dos museus da região, tem vindo a desenvolver, ao longo dos últimos anos, de forma colaborativa e com o envolvimento das comunidades, um trabalho persistente de troca de experiências e metodologias de trabalho, no sentido de salvaguardar estas manifestações.

A criação de uma plataforma que reunisse todas as manifestações de património imaterial do Algarve, bem como toda a informação inerente a esse património, fazia parte do programa de coordenação para o biénio 2016/17.

Surge assim esta página, que pretende «dar a conhecer um conjunto de saberes e práticas que constituem um fator essencial para a preservação e salvaguarda da identidade e memória coletiva do Algarve».

O grupo de trabalho para criação da plataforma "Algarve Imaterial" foi liderado pelos Museus de Loulé e de Olhão. Estão ainda representados na plataforma os municípios de Alcoutim, Albufeira, Faro, Portimão, S. Brás de Alportel, Tavira e Vila Real de Santo António.

«Os museus surgem neste contexto como agentes culturais privilegiados para o seu estudo. Vocacionadas para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial, divulgação e até perpetuação, estas instituições tendem cada vez mais a assumir a responsabilidade social de dar prioridade ao contacto direto e observação das comunidades e grupos sociais que confinam os seus territórios de atuação, bem como acompanhar as suas transformações», refere-se na plataforma.



Oiça e veja aqui as lengalengas, adivinhas e ditados:

Paul Carter (flauta) e David Mendonça (acordeão)



Veralisa Brandão e Helga Seródio Veralisa Brandão, Helga Seródio, Alexandra Gonçalves e Elisabete Rodrigues Emanuel Sancho, com D. Arminda, D. Rosa Maria e D. Lília Artesanado em esparto Mel O tacho das papas da D. Rosa Maria

Mais detalhes em: <http://www.sulinformacao.pt/2018/03/ha-uma-plataforma-na-internet-que-leva-o-patrimonio-imaterial-do-algarve-para-o-mundo/>



©



13/08/2018

Há uma plataforma na Internet que leva o Património Imaterial do Algarve para o mundo | Sul Informação
Copyright 2018 por Sul Informação. Todos os direitos reservados.

